

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**“PRONTO, AGORA JÁ SOU MOÇA”:
VALORES, CRENÇAS E SABERES QUE
ENVOLVEM A MENSTRUACÃO**

VIRGÍNIA PALMEIRA MOREIRA

**CAMPINA GRANDE – PB
2013**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**“PRONTO, AGORA JÁ SOU MOÇA”: VALORES, CRENÇAS E
SABERES QUE ENVOLVEM A MENSTRUÇÃO**

Virgínia Palmeira Moreira

Orientadora: Dra. Mércia Rejane Rangel Batista

CAMPINA GRANDE-PB
2013

VIRGÍNIA PALMEIRA MOREIRA

**“PRONTO, AGORA JÁ SOU MOÇA”: VALORES, CRENÇAS E
SABERES QUE ENVOLVEM A MENSTRUÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade
Federal de Campina Grande, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Dra. Mércia Rejane Rangel Batista

CAMPINA GRANDE-PB
2013

VIRGÍNIA PALMEIRA MOREIRA

**“PRONTO, AGORA JÁ SOU MOÇA”: VALORES, CRENÇAS E
SABERES QUE ENVOLVEM A MENSTRUÇÃO**

Dissertação apresentada em 29/08/2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Mércia Rejane Rangel Batista (UFCG/CH/PPGCS – Orientadora)

Prof. Dra. Mónica Lourdes Franch Gutiérrez(UFPB/CCHLA/PPGA – Ex. Externo)

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (UFCG/CH/PPGCS – Ex. Interno)

CAMPINA GRANDE-PB
2013

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação resulta de uma longa jornada que foi sendo construída junto aos familiares, amigos, amigas, professores, professoras, pesquisadores e outros.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio.

A minha orientadora Mércia Rejane Rangel Batista, pelo apoio à elaboração, orientação e desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores e estudantes do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFCG que contribuíram com minha formação, ao pessoal da secretária, especialmente ao Rinaldo R. da Silva, Secretário, que contribuiu direta ou indiretamente para esta pesquisa.

A CAPES pela Bolsa de estudos o que me possibilitou elaborar este trabalho facilitando a pesquisa.

As nossas interlocutoras que compartilharam comigo suas memórias que foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Aos amigos: Clarissa, Danuza, Valesca, Samira, Luís, Kaliane e Ramonildes pelo apoio e estímulo.

RESUMO

O interior do corpo feminino tem sido ao longo do tempo submetido a imagens e representações, que buscam dar significado a eventos que, se iniciando dentro do organismo da mulher, geram comportamentos e condutas que respondem mais a uma dinâmica sociocultural do que propriamente, biológica. Entre estes eventos, nos detemos mais detalhadamente nesta dissertação sobre a menstruação, cuja experiência permeada por múltiplas influências de ordem social, cultural e econômica, as quais se expressam em aspectos como crenças e valores, fazendo daquela, um momento marcante para pensar sobre a dimensão simbólica que envolve o corpo feminino e suas singularidades. Nesta pesquisa temos como objetivo principal analisar as práticas e discursos referentes à menstruação a partir de um conjunto de mulheres pertencentes a diferentes grupos etários, enxergando o contexto social em que estas mulheres estão inseridas, percebendo como suas falas estão organizadas dentro de uma lógica cultural em que as transformações do corpo feminino são marcadas por sentimentos e emoções resultantes da intersecção entre natureza e cultura.

Palavras-chave: Corpo; Menstruação; Gênero; Natureza; Cultura.

ABSTRACT

The interior of the female body has been over time subjected to images and representations that seek to give meaning to events, even if starting inside the woman's body, generate behaviors and behaviors that respond more to a socio-cultural dynamics, than, properly, biological. Among these events, we pause in more detail in this dissertation about menstruation, as an axis to reflect on how the menstrual experience is permeated by multiple influences of social, cultural, economic, to express themselves in what looks like beliefs and values, making this, a remarkable moment to think about the symbolic dimension that involves the female body and its singularities. In this research, our main goal, to analyze the practices and discourses of menstruation in a group of women belonging to different age groups, seeing the social context in which these women are embedded realizing how these lines are organized within a cultural logic in that the transformation of the female body are marked by feelings and emotions that make this experience one variable relevant to discuss the body as a space of intersection between nature and culture.

Key-words: Body; Menstruation; Gender; Nature; Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	19
1.1 o corpo como espaço de representação.....	19
1.2 corpo e identidade de gênero	22
1.3 “o pessoal é político”: o feminismo em debate.....	25
1.4 A virada teórica.....	27
1.5 Os estudos de gênero no Brasil.....	28
1.6 As relações de dominação que se inscrevem no corpo.....	34
1.7 O corpo como espaço simbólico.....	36
CAPÍTULO II.....	51
2.1. “Eu tinha vergonha”	51
2.2. A relação entre ação e linguagem	58
2.3. Pêpêpê e pápápá.....	61
2.4. “Aí, quando eu menstruei a primeira vez, aquela coisa, menina foi um desespero”	64
2.5. “Naquele tempo não era como hoje que a mulher faz de tudo e não tem medo de nada”.	67
2.6. “Pronto, agora já sou moça”.	70
CAPÍTULO III	75
3.1. Menstruação: feitiço e magia.....	75
3.2. Menstruação e fertilidade.....	78
3.3. O Nojo do Sangue.....	83
3.4. Higiene como processo de purificação.....	85
3.5. O poder do sangue.....	87
3.6. O tabu menstrual.....	93
3.7. Menstruaçã e Judaísmo.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
GLOSSÁRIO	104

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....108

INTRODUÇÃO

A condição humana implica num complexo de relações no qual, ao mesmo tempo em que nos reconhecemos parte de um todo através do compartilhamento de crenças, valores e condutas, nos fazemos por um processo de separação e diferenciação. Na chamada sociedade ocidental, nos defrontamos com um cenário no qual o discurso científico busca separar, classificar e delimitar o que pertence ao universo da cultura em contraponto ao que está sob o domínio da natureza. O Ocidente, a partir da construção do pensamento científico, se esforçou por distinguir em nós a condição humana em oposição à natureza, o que é bastante complexo e que vem hoje em dia sendo rediscutido e problematizado¹.

Contudo, sempre fomos confrontados com situações, que sendo obrigatórias, trouxeram para o interior do plano cultural uma plenitude natural. Na questão da condição feminina, sempre somos apresentados a diversos momentos nos quais a própria existência e a dinâmica destes responde mais a um ciclo natural do que propriamente cultural. Dentre estes, a menstruação constitui uma experiência permeada por múltiplas influências de ordem social, cultural, em que aspectos como crenças e valores, fazem deste um momento extremamente importante para se refletir sobre a dimensão simbólica que envolve o corpo feminino durante a experiência menstrual se materializando em práticas, condutas e saberes que são vivenciados na experiência menstrual.

A menstruação enquanto uma experiência marcada pela vergonha e pelo medo é contextualizada no âmbito da produção cultural, pois, mesmo este sendo um evento que faz parte de um processo natural, também constitui uma experiência culturalmente relacionada a questões de gênero, sendo cotidianamente resignificada na forma como as mulheres lidam com este processo hormonal atravessado por seus corpos. Encarada com vergonha e constrangimento por algumas mulheres, a menstruação vai ganhando significados no contexto de uma determinada cultura em códigos, metáforas, condutas e comportamentos que constituem dispositivos culturais.

Esta dissertação buscou, através das memórias/relatos de um conjunto de mulheres, explorar como a experiência de cada uma com o seu corpo, especialmente no processo de menstruar, nos permite apreender os padrões culturais, as estruturas sociais e os processos

¹ Questão explorada e, em alguma medida, dissolvida por, dentre outros: LATOUR, Bruno. 1994 [1991]. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34.

históricos. Pois o corpo e a maneira como este é concebido, expresso pelo discurso, indica como os diferentes fatores (como a crença, a tradição, a educação, a economia, a dominação, dentre outros) se interconectam neste, que é o nosso mais presente companheiro.

Através de lembranças profundamente íntimas rememoradas aqui, nos deparamos com valores morais que produzem práticas, como esconder e silenciar o corpo, tornando este um assunto do segredo. As transformações do corpo feminino na adolescência são marcadas por sussurros, risos, murmúrios que fazem com que esta seja uma experiência assinalada pelo silêncio e pela vergonha.

O modo como nossas entrevistadas irão significar a experiência menstrual vivenciada por elas é resultado da apropriação e reelaboração dos vários discursos que estão presentes no universo social, como o discurso religioso, o médico, científico, filosófico, político. O corpo enquanto um espaço em que natureza e cultura dialogam, constitui um campo de produção e circulação de discursos, normas e representações que vão sendo historicamente assimilados e incorporados pela população em geral.

Segundo Foucault (1979), os discursos são portadores de verdades morais que são transmitidas como conteúdos incólumes à reavaliação, e, deste modo são disseminados em nome da preservação da moralidade. Neste sentido, a moral acaba servindo de escudo para instâncias de poder que conservam modos e métodos de hábitos e discursos morais que expressam formas de dominação.

Para Foucault, a relação entre saber e poder está inserida nas relações sociais, políticas e econômicas através de um discurso ideológico. Para tanto, Foucault problematiza o poder enquanto chave para explicar a construção do saber que não se constitui como um conhecimento neutro, mas, como um saber norteado por relações de poder.

Dentro desta perspectiva, a noção de poder não corresponde a uma força isolada, restrita apenas ao domínio de um grupo, ou de um representante, mas, um conjunto de forças/vetores fluidos, que se veiculam dentro de uma rede em que os indivíduos exercem e sofrem suas ações constantemente. Assim, para o autor a ideia de poder estar atrelada as práticas sociais enquanto uma rede de micro poder que são constituídos historicamente.

Os conceitos e imagens acerca da menstruação que aparecem nas falas de nossas entrevistadas são resultado de disputas que são travadas cotidianamente na nossa cultura, constituindo relações de poder em que discursos e práticas vão sendo apropriados e reinventados por homens e mulheres que constroem para si representações, atribuindo significado e sentido à forma como vivenciam seus corpos e sua sexualidade.

O modo como à menstruação é significada em alguns grupos sociais² através de cerimônias e rituais, nos mostra que o modo como vivenciamos este evento não é universal. No entanto, entre as mulheres com quem conversamos pudemos perceber que esse fenômeno mesmo não sendo marcado por algum tipo de ritual ou cerimônia de ordem religiosa, produz sentimentos e emoções que pontuam esta experiência como um evento socialmente importante. Para tanto, imergimos em uma esfera de subjetividade e simbolismo que ganha sentido quando compreendida dentro de um contexto sociocultural específico.

O corpo carrega em si muito mais do que características anatômicas ou biológicas, é ele um espaço de representações e discursos que se instituem e se legitimam por meio de práticas e condutas que dizem respeito ao modo como as pessoas encaram o ideário de feminino e masculino na sociedade moderna. Desse ponto de vista, ao corpo não é extraída suas especificidades biológicas, nem tão pouco, estas serão deixadas de lado. No entanto, o debate irá se estabelecer em torno da historicidade do corpo feminino e seus desdobramentos dentro da prática social, ou seja, como as características sexuais são trazidas ao âmbito social.

Plano geral da pesquisa

A problemática desta pesquisa pode ser identificada no fato de quê, se menstruar constitui um processo hormonal e natural ao organismo feminino, seu significado não se restringe apenas a uma esfera biológica. Ao contrário, à menstruação são agregados valores e significados que vão estar engendrados ao contexto cultural de uma determinada sociedade.

Para compreender o impacto da menstruação na vida das mulheres que aqui compartilharam suas memórias mais íntimas, mergulhamos em um universo de sensações, emoções e sentimentos que se deixavam revelar através das falas, gestos e silêncios. Lançamos, pois, mão de um método interpretativo como aparato intelectual que nos permite compreender o sentido de silêncios, interrupções, continuidades e ocultamentos que aparecem

² A “Festa da Menina-Moça” é um ritual que marca uma mudança na vida da menina que passa de jovem a mulher adulta, apta para o casamento. Os preparativos para a festa se iniciam pela ocasião da primeira menstruação, entre os nove e treze anos, quando começa a sua reclusão. A mãe da menina, com a ajuda das velhas sábias da aldeia, constrói então, uma pequena casa ritual com folhas de palmáceas Açai, com uma pequena porta voltada para o nascente, onde a menina ficará reclusa por um período aproximado de trinta dias (uma lua ou mais), mantendo contato apenas com pessoas do sexo feminino. Durante esse período a garota é considerada sagrada e, se olhar para um homem, poderá ficar doente ou até mesmo morrer. É proibida a entrada de pessoas do sexo masculino na maloca da reclusão.

<http://www.jornalcazumba.com.br/downloads/cazumba91.pdf>

nos depoimentos de um conjunto de mulheres de idades variadas que nos relataram as sensações de medo, vergonha e até mesmo constrangimento que as tomaram quando o assunto era menstruação. As fontes orais aqui expostas nos ajudaram a perceber a menstruação como um fenômeno que constitui uma intercessão entre o individual e o social.

Estamos aqui nos apoiando nos relatos obtidos junto a mulheres ocidentais e contemporâneas, através da realização de entrevistas abertas, deixando a informante falar e proceder livremente. Este trabalho tem como uma das principais fontes a oralidade, através da coleta de relatos de experiências íntimas de mulheres que aqui compartilharam suas memórias e lembranças de um determinado momento de sua trajetória, em que vivenciaram transformações físicas e psíquicas advindas da puberdade e seus desdobramentos em um contexto sócio – cultural.

Optamos por trabalhar com a entrevista aberta, baseada no diálogo, na qual a história de vida das entrevistas nos fornece certos aspectos da intimidade, da vida cotidiana e familiar, possibilitando, desta forma, à pesquisadora explorar as relações presentes entre a história individual e o contexto social do qual estas mulheres fazem parte.

O objetivo central desta pesquisa foi analisar saberes, crença, práticas, sentimentos e emoções que permeiam a experiência menstrual, fazendo desta um evento que se explica muito mais de um ponto de vista social do que biológico. Nosso desafio aqui consiste em discutir a menstruação como um evento que constituindo um processo orgânico inerente à fisiologia feminina configura ao mesmo tempo um tabu em nossa sociedade.

O corpo carrega em si muito mais do que características físicas ou biológicas, sendo um espaço de representações e discursos que se instituem e se legitimam por meio de práticas e condutas que dizem respeito ao modo como as pessoas encaram o ideário de feminino e masculino na sociedade moderna. Entendeu-se, portanto, o gênero como a estruturação social da diferença sexual, configurando o modo como às pessoas vivenciam sua própria sexualidade. Assim, nos perguntamos como a menstruação contribuiu para a construção de identidades femininas? Como a referência ao corpo menstruado passou a ser elemento de demarcação de identidades femininas, que se reconhecem muitas vezes pela singularidade de sua fisiologia? Qual a relação destas identidades de gênero com os discursos e representações que circulam no âmbito social?

O corpo enquanto um espaço em que natureza e cultura dialogam, constitui um campo de produção e circulação de discursos, normas e representações que vão sendo historicamente assimilados e incorporados pela população em geral. Dentro desta lógica, o corpo feminino será pensado a partir de signos que se referem à maternidade, à inibição sexual, à

domesticação do corpo, pautando o universo feminino dentro de um quadro de forças sociais que modelam comportamentos e valores femininos que enquadram a mulher em uma posição de submissão e recato, obedecendo, assim, a uma força moralizadora sociocultural.

A cultura institui normas em relação ao corpo que são assimiladas e naturalizadas pelos indivíduos, transformando-se em padrões de comportamento. O corpo como um agente socializado é afetado por questões de tradição religiosa, familiares, de classe, de educação, entre outros intervenientes sociais e culturais. Portanto, essa adesão dos indivíduos a valores e comportamentos que se adequam à estrutura social é atravessada por elementos de ordem sociológica e moral, em que o indivíduo se sente parte integrante de um dado universo social através do compartilhamento de condutas, gostos, posturas e comportamentos.

Buscamos aporte teórico nas contribuições teórico-metodológicas trazidas por Pierre Bourdieu (1998), em sua análise da sociedade, para refletir sobre como o indivíduo se orienta dentro de um determinado sistema social a partir de padrões preestabelecidos que orientam um dado grupo por meio do compartilhamento coletivo de hábitos e disposições.

Esta dissertação busca discutir a experiência menstrual dentro do sistema social, para refletir e problematizar a inserção da mulher dentro de uma dinâmica cultural, buscando desconstruir o caráter de suposta naturalidade que permeia as relações humanas. A emergência do corpo enquanto um agente cultural é uma questão que se coloca na ordem do dia quando se trata de discutir os princípios sociais que estruturam uma dada sociedade. Assim, ao nos debruçarmos sobre a experiência menstrual, buscamos compreender como determinadas manifestações corpóreas, referentes à etapa de desenvolvimento humano, são assinaladas por simbolismos e significados que implicam perceber as estruturas de um sistema social (DOUGLAS, 2006).

Nosso trabalho está organizado em três capítulos ao longo dos quais buscamos discutir a experiência menstrual como eixo para refletir o corpo feminino e suas especificidades como um espaço permeado por fatores socioculturais, tais como valores, crenças, discursos e práticas que nos informam a respeito do significado de ser mulher em nossa sociedade.

No primeiro capítulo intitulado “O Corpo Feminino e Suas Singularidades”, buscamos discutir a temática da menstruação a partir de autores tanto da sociologia como da antropologia que ampliaram nossas possibilidades de análise do corpo enquanto um espaço permeado por fatores como crenças, valores e discursos. Para tanto, neste primeiro capítulo buscamos dialogar com Pierre Bourdieu, Mary Douglas, Judith Butler, Stuart Hall acerca de conceitos como identidade de gênero, representação, corpo, dominação, entre outros.

O segundo capítulo intitulado: “Diálogos e subjetividades no trabalho de campo” constituem-se no momento no qual buscamos respaldo nas entrevistas resultantes de nossa inserção em campo, o que nos permitiu discutir os aspectos subjetivos que envolvem a experiência menstrual a partir das falas apresentadas por nossas entrevistadas. Experimentamos nos encontros de pesquisa acessar um conjunto de mulheres, que foram recortadas a partir de uma proximidade etária e social, que nos diz respeito a um grupo assemelhado e que construiu um significado compartilhado da experiência menstrual.

No plano metodológico, realizamos o exercício da entrevista aberta com mulheres de diferentes idades, que nos relataram suas experiências através de diálogos abertos, em que, assim como as palavras, gestos e silêncios nos ajudaram a refletir sobre como essas pessoas vivenciavam as transformações físicas e psíquicas advindas da puberdade em um contexto específico. A maioria das entrevistas foi realizada nas residências dessas mulheres, sendo algumas realizadas também no Centro de Artesanato³ da cidade de Cuité, onde tivemos contato com um grupo pequeno de senhoras que participavam de um curso de tricô neste espaço. A maioria de nossas entrevistadas foram mulheres com idades que variavam de 60 a 80 anos de idade – nascidas entre 1933 e 1950. Optamos por trabalhar com a entrevista aberta, baseada no diálogo, na qual a história de vida das entrevistadas nos fornece certos aspectos da intimidade, da vida cotidiana e familiar, possibilitando, desta forma, ao pesquisador explorar as relações presentes entre história individual e o contexto social do qual estas mulheres fazem parte.

Buscamos ouvir também algumas mulheres com idades de 25 a 40 anos de idade, acessadas em outros locais, e que nos permitiram traçar algumas diferenças e continuidades acerca de como a menstruação vem sendo significada por mulheres de gerações distintas em diferentes contextos. Os nomes são fictícios⁴ e serão citados a cada vez que seus depoimentos aparecem no trabalho.

Nosso intuito ao entrevistar mulheres que vivenciaram sua primeira experiência menstrual em tempos e conjunturas sociais diferenciadas se deu no sentido de pensar como processos corporais femininos, mais especificamente, a menstruação, promovem cuidados, símbolos e sensações que, se não são os mesmos, guardam semelhanças que fazem da

³ Lugar que conta com a oferta de diversos cursos de trabalhos manuais e que atinge um público feminino e de terceira idade

⁴ Como forma de resguardar as identidades das mulheres que colaboraram com esta pesquisa através do compartilhamento de suas experiências íntimas da menstruação, optamos por substituir seus verdadeiros nomes por nomes de flores como forma de preservar sua verdadeira identidade.

menstruação uma variável de extrema relevância quando se trata de perceber o corpo feminino como um espaço afetado por elementos culturais.

A cidade de Cuité⁵ é o cenário das personagens aqui retratadas. O material coletado diz respeito a mulheres pertencentes tanto às camadas médias da população, quanto a pessoas de classe social e econômica menos favorecida, que vivem neste município. Vale ressaltar, que a maioria das entrevistadas nasceu e foi educada no meio rural, bem como vivenciou sua primeira menstruação neste espaço. Assim, a cidade de Cuité, constitui um espaço marcado por uma intensa rede de sociabilidade, na medida em que as pessoas que pertencem a esse lugar estabelecem entre si fortes laços de vizinhança, parentesco, amizade e compadrio, configurando, desse modo, um ambiente marcado por um forte controle social.

O segundo capítulo se construiu em razão da realização de um esforço intelectual e teórico de análise das memórias em que privilegiamos um exercício analítico atencioso dos depoimentos aqui coletados, o que nos impôs um esforço adicional, quando procuramos complementar o nosso universo de pesquisa com mulheres mais jovens. De tal modo, que a partir dessa abertura (das mulheres com 60/80 para mulheres com 25 a 40anos) fomos capazes de perceber como se estruturam os discursos, em termos de categorias norteadoras. Fomos então capazes de enfatizar pontos que estruturam a narrativa das mulheres entrevistadas, como por exemplo: a experiência da primeira menstruação; a metaforização do período menstrual; a menstruação e as superstições que se criaram em torno do corpo menstruado; a menstruação relacionada à doença e, por fim; os cuidados para com o corpo menstruado. Tudo que aparece com alguma constância em todas as entrevistas feitas com o primeiro grupo, das senhoras sexagenárias. Por outro lado, as mais jovens, demonstram uma memória da primeira menstruação menos traumatizada, ao mesmo tempo nos revelam a presença de uma experiência que é marcada pelo desconforto e pela vergonha, o que nos indica a necessidade de trazer os ditos e as relações entre estes, num plano analítico, onde a condição feminina se faz menos pela reivindicação de mudanças mais pela adequação a um papel socialmente construído.

No terceiro capítulo intitulado “A Magia do Sangue Menstrual”, pretendemos abordar os símbolos e significados que são atribuídos por nossas entrevistadas ao fluxo sanguíneo proveniente da menstruação como elemento chave para discutir como o fato de sangrar pelo menos uma vez por mês pelo canal vaginal adquire significados diversos que ganham sentido

⁵ Cuité, município no estado da Paraíba (Brasil), localizado na microrregião do Curimataú Ocidental e pertencente à Região Metropolitana de Barra de Santa Rosa. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010 sua população é estimada em 19.978 habitantes. Área territorial de 741,840 km².

quando pensados dentro de um contexto sociocultural específico, o que nos permite desde já indicar na menstruação uma situação que implica em processos naturais avaliados socialmente e que porta uma carga simbólica / semântica ainda perceptível quando nos debruçamos no universo de mulheres mais jovens.

Portanto, esta dissertação está dividida em três capítulos distintos mais que estão articulados sob a mesma perspectiva, que seria perceber no corpo feminino e suas singularidades como espaço de representação e significados que nos ajudam a entender valores, tradições e crenças enquanto ordenadores do comportamento dos indivíduos em um determinado grupo social.

Este tema foi tratado em nosso trabalho de monografia⁶, no curso de História, onde propomos uma discussão em torno da historicidade do corpo feminino e seus desdobramentos dentro da prática social, ou seja, como as características sexuais são trazidas ao âmbito social e quais as relações destas representações dentro do processo histórico. Assim, discutimos também a importância do corpo enquanto mais uma possibilidade de fonte de pesquisa para o trabalho historiográfico, sob uma perspectiva da história cultural, à medida que abordamos práticas e representações e suas manifestações dentro de uma lógica cultural específica de um dado espaço social.

E é importante esclarecer ao leitor que sou oriunda, em termos de origem familiar, desta região. Ao longo das entrevistas realizadas para a pesquisa, as falas das entrevistadas deixavam escapar nuances que nos chamaram a atenção a aspectos até então não questionados, refletindo e problematizando durante a escrita da citada monografia e que nos deixaram com novas questões. Isso nos levou, ao ingressar no PPGCS/UFCG, a voltar a nos debruçar sobre este mesmo universo empírico.

⁶ Monografia submetida à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande para a obtenção do título de Licenciado em História

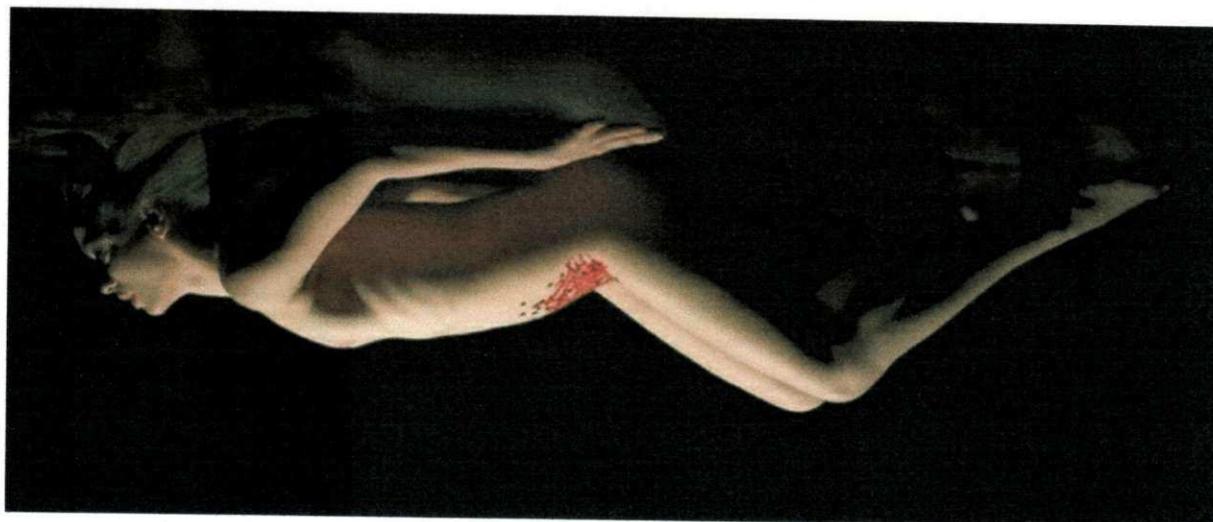


Imagem disponível no endereço vilamamifera.com, consultado em 1º de agosto de 2013.

CAPÍTULO I

O CORPO FEMININO E SUAS SINGULARIDADES

1.1 O CORPO COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO

A experiência menstrual constitui uma variável relevante para discutir o corpo como um sistema de significação, à medida que compreendemos que o comportamento individual está submetido a determinados códigos que se manifestam muitas vezes de forma inconsciente e ganham materialidade na forma do indivíduo agir, pensar e sentir. Desse modo, o comportamento individual busca se enquadrar dentro do que é considerado correto e adequado pelas normas que são socialmente estabelecidas.

As práticas culturais referentes à experiência da menstruação respondem a uma lógica específica de pensar a mulher na sociedade ocidental. O exercício analítico de interpretação das falas de nossas entrevistadas nos impôs uma reflexão acerca de como o corpo feminino e suas singularidades são tecidas socialmente como o lugar do segredo, do pudor, e porque não dizer do mistério. O silêncio e a discrição com relação ao corpo da mulher, principalmente em seus aspectos mais íntimos constitui um sinal de feminilidade, em que ser mulher é ser recatada e comedida, não falar sobre determinados assuntos, afinal, discrição também é uma qualidade feminina.

A partir dos sentidos e significados atribuídos à menstruação em nosso campo de pesquisa, buscou-se refletir a respeito de como a experiência menstrual pode indicar crenças, valores e tradições a respeito do estado do corpo, as quais estão diretamente ligados a uma forma de pensar o corpo da mulher dentro de um determinado grupo, mas que, também pode nos informar acerca de uma visão sobre o corpo feminino e suas especificidades que são compartilhados por outros grupos que não apenas o grupo pesquisado.

Mesmo entre grupos que vivem sob condições econômicas, sociais e culturais distintas daquelas do nosso universo de pesquisa, o fenômeno menstrual é expresso em muitos casos sob um prisma valorativo, marcado por tradições, práticas e rituais que socializam esse processo hormonal inerente aos ciclos biológicos do corpo da mulher.

Dentro desta perspectiva, nos apoiamos nos estudos elaborados por Pesavento (2003), principalmente no que se refere ao seu conceito de sensibilidades trazido por esta autora, como uma chave importante para se pensar como determinados aspectos de caráter particular, individual e subjetivo assumem uma posição extremamente relevante para compreender como os indivíduos subjetivam suas experiências e dão sentido ao universo social do qual participam.

Para Pesavento, a experiência individual traz à tona sentimentos, emoções, medos, desejos, subjetividades e sensibilidades, que podem e devem ser historicizados quando nos debruçamos sobre um determinado contexto social.

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais os indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo da representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, tenham consistência real (PESAVENTO, 2003, p.58).

A noção de sensibilidade trazida por Pesavento, enquanto uma forma de apreensão de uma dada realidade social, na qual a experiência humana se traduz em sentimentos, medos, subjetividades que dizem respeito ao imaginário social, tem sido uma importante ferramenta quando se trata de pensar o corpo feminino enquanto um espaço marcado por valores e sensações que revelam traços culturais de uma determinada sociedade.

Portanto, pensar sobre a forma como nos portamos diante dos outros ou mesmo sozinhos, na intimidade do lar, com as manifestações físicas e hormonais advindas do nosso próprio corpo, implica refletir sobre como elementos como geração, religião e classe como elementos importantes que nos possibilitam entender o corpo como um espaço de expressão cultural de um determinado grupo a partir de elementos subjetivos como a vergonha, o silêncio, o medo, que envolvem o corpo da mulher e suas singularidades.

Em seu artigo sobre as técnicas do corpo Mauss (1974) propõe a desnaturalização de algo que é extremamente familiar para nós humanos, na medida em que chegamos inclusive a

nos confundirmos com nosso próprio corpo. Para tanto, formula o conceito de “técnicas corporais”, como uma ferramenta teórica que opera no sentido de elaborar uma reflexão intelectual acerca das diferentes formas como os homens em diferentes sociedades sabem tradicionalmente servir-se de seus corpos (MAUSS, 1974).

Acentuamos estas palavras com intuito de chamar a atenção para o emprego delas no texto e a conexão entre seus significados. O verbo saber dá ideia de um conhecimento que é adquirido, o que remete a ideia de aprendizado, educação, dentre outros significados. Tradicionalmente se refere a algo que é transmitido através da memória, de hábitos e costumes que são naturalizados e repassados de uma geração para outra. O verbo servir-se remete à ideia de que o corpo cumpre funcionalidades (FERREIRA, 2009).

O termo “técnica” é utilizado por Maus para se referir à especificidade dos modos de agir dos homens em sociedade, isto é, formas de comportamento e condutas corporais que são colocados em evidência para se pensar, sobretudo, como nossos gestos, ações e posturas físicas estão alocados em um contexto histórico e sociocultural. Quando pensamos em modos de agir aprendidos tradicionalmente, estamos refletindo acerca de como ações corriqueiras do dia a dia como, por exemplo, caminhar, comer, lavar-se, vestir-se, correr, sentar, deitar, entre outras maneiras de movimentar-se fisicamente, estão conectadas com fatores de ordem subjetiva que são internalizados através das influências que se exercem sobre o indivíduo.

A forma peculiar de conduzirmos nosso corpo está relacionada à maneira como organizamos nosso modo de existir no mundo, ou seja, práticas como esconder, isolar, higienizar. Silenciar processos corpóreos tais como a menstruação, configuram padrões de conduta feminina que se expressam através de reações emocionais. Do ponto de vista das relações de gênero, podemos perceber como os indivíduos se identificam socialmente como homens e mulheres a partir de atributos físicos e posturas corporais que reproduzem expectativas de gênero.

Compreende-se, portanto, que as práticas e representações do corpo são construtos sociais, entendendo por prática as ações, comportamentos e hábitos do indivíduo em sociedade e por representações as percepções, valores, ideias, crenças, pontos de vista que o indivíduo elabora sobre algo.

Segundo Bourdieu (1992), tanto as práticas como as representações que o agente irá construir sobre determinado assunto depende da forma como este é socializado. Para ele, as formas como o mesmo subjetiva suas experiências dependerá da posição que o agente ocupa no espaço social. As categorias de percepção do mundo social são produto da incorporação

das estruturas objetivas do espaço social, e que mesmo constituindo relações invisíveis se deixam revelar na materialidade das práticas.

Portanto, a representação acerca do período menstrual implica determinadas práticas como, por exemplo, não ingerir determinados alimentos, ou sequer tocá-los, não participar de rituais, não lavar o cabelo ou tomar banho durante o período em que se estiver menstruada. Não frequentar certos espaços, não sentar no mesmo lugar, ou mesmo, ao lado de uma mulher que esteja amamentando, são algumas entre outras práticas que informam a respeito dos significados e sentidos atribuídos aos estados do corpo feminino quando este se encontra em situações que são percebidas socialmente enquanto liminares⁷.

Trata-se de discutir as percepções sobre o corpo feminino a partir dos relatos de mulheres que aqui compartilharam seus medos e sensações quando o assunto era a experiência menstrual. Analisando a menstruação como eixo para se pensar práticas e representações na construção de subjetividades, em que valores e práticas sociais orientam condutas e comportamentos sobre o corpo menstruado.

A escolha em trabalhar a menstruação como ponto central para se pensar como o indivíduo atribui significados sociais e culturais às fases de seu desenvolvimento corpóreo, se deu por considerar este um tema relevante à medida que constitui um debate rico e complexo, que contempla conceitos como gênero, natureza, cultura e identidade.

1.2 CORPO E IDENTIDADE DE GÊNERO

O corpo enquanto um espaço que carrega marcas sociais e culturais constitui um aspecto de suma importância para se discutir acerca da construção de identidades. Portanto, buscamos pensar a identidade de gênero a partir de enfoques que apresentam o corpo enquanto uma entidade sexuada e socializada. Para tanto, nos apoiamos na perspectiva apresentada por Hall (2003) de que a identidade é um processo que vai se produzindo a partir das diferenças, tornando possível perceber as distintas dimensões da identidade feminina.

Assim, ao subjetivarem uma identidade sexual, os sujeitos não levam em conta apenas suas características físicas, mas, construirão sua identidade a partir dos inúmeros discursos e representações que se instituem em torno do corpo, bem como da esfera social a que o sujeito pertence, a etnia, a religião, entre outros fatores que assim como o gênero fazem parte do processo de construção identitária do indivíduo. Para Deborah Britzman (1996), as

⁷ A liminaridade está sendo tomada na concepção de um estado intermediário, provisório, entre dois estados.

identidades sexuais estão sempre se formulando e se transformando, configurando um processo construtivo contínuo e inacabado.

Assim, podemos observar que a construção identitária do indivíduo será um processo contínuo, fluído e não fixo, estando, desse modo, passível de negociação ou transformação. Esta noção de identidade como um processo fluído que pode ser negociado, se refere ao caráter de construção da identidade do indivíduo que passa por fatores de ordem social, cultural e política. Porém, se é importante incorporar tal perspectiva, quando nos defrontamos com o universo da nossa pesquisa, nos deparamos com uma prática social que traduz uma construção cultural na qual o corpo feminino parece ser uma estabilidade contra a qual os indivíduos parecem pouco se aperceber e, por isso mesmo, pouco se pode fazer em termos de contraposição ou desnaturalização.

É no campo da cultura que as identidades são formatadas por meio do compartilhamento de referências culturais que garantem um sentimento de pertencimento aos indivíduos em um dado conjunto social. Assim, práticas como esconder e silenciar o corpo feminino faz parte de um conjunto de referências culturais que atuam diretamente quando se trata de pensar uma identidade feminina.

Neste caso, ser mulher em um determinado contexto sociocultural implica uma série de comportamentos e posturas que são compartilhadas e legitimadas pelo grupo em questão, identificar-se como mulher neste universo está diretamente relacionado a cuidados que são empreendidos para com o seu próprio corpo como um corpo que deve ser controlado, regado, silenciado e escondido.

Logo, para se discutir a construção de uma identidade de gênero há que se levar em conta aspectos como geração, crença, região, classe, tradição, costume, entre outros fatores que contribuem diretamente nas formas pelas quais os indivíduos se reconhecem e se identificam como feminino ou masculino dentro de um dado grupo social. De acordo com este raciocínio, o conceito de identidade deve ser discutido levando-se em conta o contexto sociocultural em que as identidades são forjadas em um tempo e um lugar específico.

Diversos autores se debruçaram sobre o conceito de identidade a partir de perspectivas distintas⁸. Assim, alguns autores analisaram este conceito a partir de uma perspectiva individual, partindo da noção de como o indivíduo assimila e subjetiva os processos sociais.

⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, tradução, Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro - 7TM edição. Editora. Editora DP&A. São Paulo, 2002.

Para outros autores, a questão da identidade deve ser discutida privilegiando questões como identidades regionais e nacionais. Em linhas gerais, o conceito de identidade vem sendo problematizado a partir de posições distintas, ou seja, uma que percebe a identidade a partir de uma visão essencialista do conceito, como um conceito que está relacionado ao compartilhamento de referências culturais fixas, outros que se desenvolve a partir da diferença. No entanto apesar de posições aparentemente opostas para tratar do mesmo ponto, Hall chama a atenção para a interdependência entre estes dois posicionamentos como uma forma de refletir sobre o conceito de identidade que não se encerra em nenhum dos posicionamentos colocados, mas que se encontra aberto, abrigando tanto aspectos essencialistas como posições construtivistas que se firmam a partir da diferença.

No entanto, paradoxalmente aos estudos e teorias que problematizam a identidade como uma forma de pensar como o indivíduo é uma construção social, estamos diante de um conjunto que expressa sua experiência, sua percepção da identidade sem abrir espaço para questionamentos a respeito de sua condição enquanto sujeito feminino dentro de um determinado espaço em que ser mulher está indissociavelmente relacionado às suas especificidades corpóreas como o fato de menstruar, amamentar e até a própria maternidade. Neste caso, a forma como nossas entrevistadas lidam com a experiência menstrual, como uma manifestação biológica e hormonal, marcada pela vergonha, pelo silêncio e até pelo medo, não lhes causa nenhum tipo de questionamento, ao contrário se comportar diante do seu corpo, principalmente em seus aspectos mais íntimos, como um assunto do silêncio e do segredo, constitui uma marca do que é ser mulher para um determinado grupo.

É possível, neste caso, se pensar uma identidade feminina não finalizada, mas que se encontra em processo contínuo de construção em suas relações sociais, sendo permeadas ao longo do tempo por discursos, normas e representações que vão sendo historicamente assimilados e normalizados, estando, pois, diretamente ligados às diretrizes socioculturais vigentes na sociedade contemporânea. Dentro desta lógica, a dicotomia presente nas representações de gênero pode ser facilmente perceptível na noção de dominação e submissão, segundo a qual a mulher ocupa um lugar de inferioridade em relação ao homem, visto como o polo dominante dentro desta relação binária.

De acordo com este pensamento, o corpo feminino vem sendo pensado a partir de certos signos como um lugar de procriação, fertilidade, fragilidade, que são instituídos culturalmente e que vão estabelecer comportamentos, cuidados e subjetividades.

Esse pensamento dicotômico limitou durante muito tempo a relação entre esses dois polos, à medida que enxergava essa relação apenas por um único prisma, que se constitui

fundamentado na noção de dominante e dominado. Problematizar este conceito significa ampliar as possibilidades de análise e apreensão das relações de gênero, permitindo que se examinem as identidades que se constituem no interior de cada polo.

Mesmo que a discussão a respeito da categoria de gênero não constitua o ponto central de nossa dissertação, ela é de extrema importância para nos ajudar a pensar categorias como mulher, condição feminina, corpo, entre outras, que nos fornecem respaldo teórico e metodológico para pensar nosso próprio objeto de pesquisa. Portanto, ao discutir a experiência menstrual como uma questão de gênero estamos realizando um esforço teórico no sentido de pensar normas regulatórias prescritas na cultura que, quando assumidas pelos indivíduos vão modelando o corpo a uma aparência de gênero através de comportamentos e condutas que são esperados de homens e mulheres dentro do conjunto do qual fazem parte. Partindo desta perspectiva, os estudos de gênero nos ajudam a refletir sobre como a experiência menstrual contribui na produção de um corpo feminino, um corpo educado, resultado da produção de discursos e práticas regulatórias que tentam controlar os fluidos e excreções produzidos por este corpo através de regras que tentam enquadrar o corpo dentro de uma dinâmica natural, que está sujeito a processos de conformação que o fazem inteligível como feminino.

1.3 “O PESSOAL É POLÍTICO”: O FEMINISMO EM DEBATE

Durante muito tempo o termo “gênero” foi utilizado para tratar de assuntos eminentemente femininos, porém, no final do século XX, instaura-se o conceito de gênero como categoria de análise. O gênero passa então a versar não só a respeito de assuntos, ou temáticas femininas, mas, passa a contemplar também o universo masculino. Assim, mais precisamente a partir da década de 1980 juntam-se aos estudos de gênero outras temáticas referentes à masculinidade, homossexualidade, entre outros.

O debate teórico feminista de um modo geral se articula sob dois polos conceituais, e que são sintetizados quando nos referimos ao feminismo anglo-americano e o feminismo francês. A corrente anglo-americana, busca apoio nos estudos marxistas, estabelecendo a relação entre gênero e classe social como categoria de análise. Já a corrente francesa está preocupada em refletir sobre o feminino, na forma como ele é definido, representado ou reprimido nos sistemas simbólicos da linguagem, da psicanálise e da arte.

O Feminismo⁹ atravessou diversas fases: inicialmente este aparece como um movimento de caráter liberal, que atuava em defesa de direitos da mulher no âmbito da sociedade civil, a exemplo do direito ao voto, que durante muito tempo foi garantido apenas ao homem. Assim, a luta pela igualdade civil entre homens e mulheres marcou a primeira fase do movimento, que ficou conhecido como a primeira onda do feminismo. O movimento sufragista, que se estruturou em diversos países durante este primeiro momento, foi de fundamental importância para a luta contra a discriminação das mulheres e pelas garantias dos seus direitos.

A segunda onda do Feminismo é marcado pela ênfase na ideia da diferença, tratando da questão de gênero diretamente com o Estado na busca da implementação de políticas afirmativas. Assim nesta etapa do feminismo o movimento pela diferença ganhará espaço em detrimento dos movimentos pela igualdade. Neste sentido será privilegiada a dimensão subjetiva que norteia as relações sociais ao invés da dimensão objetiva que se volta para a crítica estrutural do sistema capitalista.

Durante esta segunda fase do Feminismo evidenciou-se uma divisão nas discussões sobre a questão feminina. Para as feministas norte-americanas o debate deveria se estabelecer em torno de questões como a opressão masculina e a busca da igualdade. Já, para as francesas a discussão deveria enfatizar as diferenças entre homens e mulheres, dando visibilidade, principalmente, à singularidade da experiência feminina, geralmente deixada de lado. As feministas francesas foram fortemente inspiradas pelo pensamento pós-estruturalista, que predominava na França, especialmente pelas contribuições de Michel Foucault e Jacques Derrida. Nesse contexto, o movimento feminista passa a focalizar a questão da diferença, da subjetividade e da especificidade das experiências, concebendo que as subjetividades são construídas pelos discursos, em um campo que é sempre dialógico e intersubjetivo.

Dentro desta perspectiva, ao se restringir o debate às condições objetivas relacionadas à condição da mulher nas relações de produção e de trabalho, abrem espaço para uma reflexão a respeito dos aspectos subjetivos que estabelecem o que é ser mulher, trazendo para a arena dos interesses sociológicos não apenas elementos econômicos, mas, outros aspectos relacionados às condições sociais e culturais.

⁹ O Feminismo configurou um movimento filosófico, social e político que envolveu diversas teorias que tiveram como principal objetivo discutir e defender os posicionamentos das mulheres na sociedade.

Na terceira fase do Feminismo, a partir da década de 1980, os estudos de gênero cedem espaço para o estudo também da masculinidade, que passa a ser discutida, assim como a feminilidade, enquanto uma construção social e histórica.

A partir das diferentes perspectivas teóricas abordadas pelo feminismo ao longo de seu processo de formação, podemos perceber um deslocamento do eixo econômico-industrial das relações do processo de produção para o campo dos estudos culturais, em que as ações coletivas de caráter identitário ganham consistência em torno do reconhecimento das especificidades e diferenças.

As três gerações do feminismo, tanto em seus aspectos políticos quanto teórico-epistemológicos, não podem ser entendidas desde uma perspectiva histórica linear. As diferentes propostas características de cada uma das fases do feminismo sempre coexistiram, e ainda coexistem, na contemporaneidade.

A partir das mudanças nos paradigmas teórico-epistemológicos sofridos pelo Feminismo podemos perceber como a atuação deste movimento foi sendo modificada ao sabor das transformações na conjuntura social. Assim, o movimento se deslocou do paradigma focalizado da diferenciação biológica entre homem/mulher e passou a ter como ponto de referência o paradigma de gênero baseado nas relações masculino/feminino, trazendo para o centro de suas análises processos culturais que se inscreviam no comportamento individual e coletivo dos atores em práticas e discursos que eram elaborados e legitimados culturalmente ao longo do processo histórico de acordo com as especificidades de cada período.

Dentro desta perspectiva, o feminismo problematiza a relação entre homens e mulheres como uma relação não natural, sendo, relações que são construídas historicamente e que são, portanto, passíveis de sofrer transformação por meio de ações políticas eficazes que tem a finalidade de transformar o comportamento por meio da reivindicação de direitos humanos universais que independem de diferenças sexuais.

Partindo do princípio de que as diferenças entre os sexos não se sustentam em um determinismo biológico, mas, são socialmente construídas, as questões de gênero passam a integrar um debate muito mais amplo e complexo, em que conceitos de identidade encontram espaço dentro das discussões de gênero, ampliando, deste modo, as possibilidades ao se analisar questões como o corpo e a sexualidade. Como Diz Simone de Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da

sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualifica de feminino. (BEAUVOIR, 1949, p. 9)

Na passagem citada acima, Beauvoir chama a atenção de aspectos não só biológicos, mas, psicológicos, econômicos e sociais para refletir a respeito do que é ser mulher na sociedade contemporânea. Assim ao dizer que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Beauvoir enfatiza a dimensão cultural e política do gênero, deslocando o discurso de naturalização das distinções biológicas entre homens e mulheres para a reflexão sobre o caráter construtivista do gênero dentro das relações sociais.

1.4 A VIRADA TEÓRICA

Em um primeiro momento o discurso feminista foi motivado por políticas afirmativas que buscavam estabelecer um espaço com maior abrangência para a mulher na sociedade, mais precisamente nas décadas de 1960 e 1970, nas décadas posteriores verificou-se uma mudança nos paradigmas de gênero, à medida que se percebe que as questões de gênero que estavam em pauta no debate não abrigavam questões como etnia, classe social e diversidade sexual. Assim, se inicialmente se questionou as formas de representação da mulher na sociedade, em um segundo momento irá se discutir a imagem de mulher que foi propagada pelo próprio movimento feminista, enquanto um movimento que se colocava como a voz da mulher na sociedade.

A guinada teórica no âmbito dos estudos feminista se deu em razão de uma preocupação em se reavaliar o conceito de gênero, enquanto uma categoria que não se esgotava nas diferenças físicas e biológicas entre homens e mulheres e seus desdobramentos nas relações sociais, mas, como diz Judith Butler (2007), abre espaço para outras possibilidades de performance do feminino. Assim, Butler desconstrói o conceito de gênero no qual está fundamentada toda a teoria feminista. Partindo do pressuposto de que o sexo é uma condição natural enquanto que o gênero é uma condição socialmente construída, vai problematizar esta discussão da dualidade entre categorias naturais (sexo) e culturais (gênero) para desconstruir o conceito de mulheres como sujeito de feminismo.

Desse modo, o conceito de gênero passa a abrigar no seu rol de interesse não apenas questões relacionadas à feminilidade, mas passa a discutir a sexualidade como resultado de uma repetição de gestos, ações e comportamentos que deslocam a feminilidade de campo biológico e natural, admitindo que a feminilidade assim como a masculinidade podem ser

assumida por qualquer indivíduo desde que este seja capaz de reproduzir uma feminilidade que se cristaliza em ações, práticas e comportamentos. Neste caso, os estudos de gênero passam a se preocupar também com as travestis, as *dragqueens*, as transexuais, entre outros.

1.5 OS ESTUDOS DE GÊNERO NO BRASIL

No que se refere mais especificamente ao campo acadêmico, o conceito de gênero foi recebido pelas pesquisadoras brasileiras¹⁰, com a criação de grupos de estudos e núcleos de pesquisa que concebiam o conceito de gênero como um importante instrumento teórico para refletir acerca das relações sócias. O conceito de gênero ganhará força entre essas novas produções, onde o corpo assim como a sexualidade se afirmará cada vez mais enquanto campo onde se desenvolvem as relações humanas.

No Brasil os estudos de gênero irão ganhar consistência nos debates acadêmicos por volta da década de 1980, em trabalhos acadêmicos como artigos, teses e dissertações. As questões de gênero vão ganhando cada vez mais força e espaço nos debates acadêmicos em diferentes campos de estudo como a antropologia, a história, a sociologia, ciência, política, crítica literária, entre outros que discutem a sociedade e a forma como os indivíduos se relacionam através do ponto de vista trazido pelas questões de gênero.

A contribuição de intelectuais e militantes que compunham os bastidores do movimento feminista no Brasil foi de suma importância para que o tema ganhasse espaço e visibilidade nas redes de discussões criadas por pesquisadoras que estavam em muitos casos diretamente envolvidas na luta política pelos direitos das mulheres no país.

Nas universidades começavam a se formar grupos de estudo e núcleos de pesquisa sobre gênero¹¹. Estes grupos foram de suma importância no que diz respeito à produção teórica a respeito do tema no Brasil. No entanto, grande parte da produção teórica acerca das questões envolvendo o gênero expressou preocupações teóricas que eram gestadas dentro de núcleos de reflexão que provinham de uma teoria feminista. A efervescência intelectual do

¹⁰ LOURO, G. L. Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós – estruturalista (2 edição). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

RAGO, Margareth. A Sexualidade Feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultura literária no Brasil, 1990-1932. História –Anpuh. N.28. Vol. 14, 1994.

PRIORE, M. L. História dasmulheres no Brasil. 1. Ed. São Paulo: contexto. 1997.

¹¹ PUC No Rio de Janeiro (NEIRSG – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Relações Sociais de Gênero), e o e a Universidade Federal da Bahia (NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher).

feminismo propiciou para além da luta política direta pelos direitos da mulher, uma formação teórica e intelectual que se estabeleceu não só em torno das discussões a cerca das distinções sexuais entre masculino e feminino, mas, permitiu um debate muito mais amplo que diz respeito a como os indivíduos se concebem como homens ou mulheres dentro das relações sociais, através de sistemas simbólicos que ganham sentido e significado dentro de uma determinada cultura.

Dentro desta perspectiva, os estudos de gênero ganharam força entre essas novas produções, onde o corpo assim como a sexualidade se afirmará cada vez mais enquanto campo em que se desenvolvem as relações humanas. As questões de gênero tiveram, portanto, grande repercussão dentro do movimento feminista contemporâneo.

Com a chamada primeira onda do feminismo, que para além dos interesses políticos e sociais femininos, esse movimento irá se aprofundar na elaboração de teorias, que por sua vez irão problematizar o conceito de gênero. Já, que, a preocupação acerca do universo feminino ultrapassava agora os limites da bipolaridade homem/mulher fundamentada na afirmação de que as características físicas e biológicas presentes em homens e mulheres seriam por sua vez, a justificativa para as relações sociais vigentes, bem como para os papéis desempenhados por estes na sociedade atual.

Desse modo, estudos realizados tendo como tema o corpo, as condições de vida e de trabalho da mulher, assim como sua introdução no processo político e histórico, irão demandar um maior aprofundamento por parte dos estudiosos, garantindo desta forma, mais do que descrições detalhadas acerca do feminino, adentrando, assim, no campo das teorias explicativas das relações de gênero. Neste sentido, para além das descrições sexuais, o corpo carrega em si muito mais do que características físicas ou biológicas, mas, é ele um espaço de representações e discursos que se instituem e se legitimam por meio de práticas e condutas que dizem respeito ao modo como as pessoas encaram o ideário de feminino e masculino na sociedade moderna. Entendeu-se, portanto, o gênero como a estruturação social da diferença sexual, configurando o modo como às pessoas vivenciam sua própria sexualidade.

Os estudos feministas promoveram uma tentativa de compreensão e superação de uma realidade opressora que colocava as distinções biológicas e anatômicas entre os sexos como justificativa de ações e condutas discriminatória comum as mulheres de um modo geral. Os desdobramentos do feminismo no Brasil proporcionaram não só os debates e pesquisas de cunho teórico e acadêmico a respeito do conceito de gênero, como propiciou a conquista de direitos civis para as mulheres. Logo, mesmo o feminismo constituindo um movimento amplo, à medida que se alastrou por diversos lugares, há que se pensar como as ideias e

conceitos difundidos por esta corrente de pensamento foi recepcionado no Brasil e quais os desdobramentos destas teorias para as pesquisas e estudos, bem como para a própria militância política feminista brasileira.

Vamos então recuperar alguns debates sobre a relação entre corpo e gênero. Para pensar o corpo feminino e suas singularidades biológicas e anatômicas enquanto um corpo sexualizado, politizado e socializado, se faz necessário pensar antes sobre o conceito de gênero. Este conceito, como já foi colocado anteriormente quando discutimos sobre as questões de gênero e os estudos feminista não se limita apenas a diferenças físicas entre homens e mulheres, mas possui dimensões políticas, sociológicas e culturais que não se fecham em si mesmas, mas que estão relacionadas a sistemas mais complexos de significação. Neste sentido, o conceito de gênero é amplo, à medida que atua como instrumento teórico na análise de todo o sistema de relações que pode incluir direta ou indiretamente o sexo.

O debate sobre gênero se instaura em contraponto a saberes universais e essencialistas que serviram de fundamento para se pensar a diferença dentro de uma esfera do natural, universal e imutável. Ao longo de sua trajetória política o movimento feminista buscou combater e superar as teses essencialistas que diziam que as diferenças entre os sexos são sinais de uma suposta superioridade natural do masculino sobre o feminino. A história do movimento feminista é uma história de recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino.

Dentro desta perspectiva, para além das diferenças anatômicas entre homens e mulheres o pensamento essencialista traz essas diferenças para o âmbito da ontologia, apresentando-as como constitutivas e essenciais. Dentro deste pensamento, a condição de inferioridade a que a mulher é conformada é tida como natural, e universal. O conceito de gênero surge justamente do questionamento da passagem do biológico para o ontológico, como crítica a um determinismo biológico, chamando a atenção para a historicidade dos sexos no tempo e no espaço.

Inicialmente o conceito de gênero surgiu como sinônimo de sexo, no entanto, tanto “gênero” como “sexo” são conceitos que comportam certas especificidades que os tornam muito diferentes um em relação ao outro. Assim, o conceito de sexo esteve sempre relacionado ao corpo, ou seja, às diferenças anatômicas e biológicas entre homens e mulheres, enquanto que o conceito de gênero diz respeito aos papéis assumidos pelos indivíduos no universo social, variando de acordo com o tempo e com o espaço, e diz respeito a construções

simbólicas e culturais. Portanto, neste pensamento, o sexo é visto como um dado natural, já o gênero, aparece como um processo histórico e social.

O conceito de gênero como socialmente construído, diferentemente do conceito de sexo, entendido como uma condição natural constituía o par sobre o qual as teorias feministas se fundamentaram em um primeiro momento para defender as perspectivas “desnaturalizadoras”, sobre as quais se associava de acordo com o senso comum a mulher a características como fragilidade e submissão. Para Butler (2007), assim como o gênero, o sexo não é natural, mas é ele também construído discursivamente e culturalmente. Ao problematizar o sexo como um fator eminentemente natural, Butler historiciza o sexo como uma categoria construída socialmente, invalidando a dicotomia sexo/gênero que serviu durante muito tempo como base de desnaturalização dos discursos feministas. Dentro desta perspectiva, tanto sexo quanto gênero são conceitos históricos que podem mudar no tempo e no espaço de acordo com as conjunturas socioculturais de um determinado momento.

Portanto, a distinção entre sexo (natureza) e gênero (cultura) não é tão simples e clara como possa parecer. Butler questiona esta divisão antagônica entre estes dois conceitos por entender que, a diferença sexual não se restringe a uma mera diferença anatômica e biológica entre homem e mulher, mas, que o conceito de sexo assim como o de gênero também é um construto sociocultural. Desse modo, Butler chama a atenção para o caráter construído da sexualidade como um aspecto extremamente relevante para refletir sobre a dimensão política e social da categoria de sexo. Para Butler:

A diferença sexual nunca é simplesmente uma função de diferenças materiais que não sejam de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. (...) o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir-demarcar, fazer, circular diferenciar – os corpos que ela controla. Assim, o sexo é uma ideal regulatório cuja materialização é imposta: essa materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, o sexo é um construto ideal que é forçosamente materializado através do tempo. (BUTLER, 2010. P. 153-154)

Assim como Butler, Scott também problematizou essa dualidade entre sexo e gênero, sendo o primeiro para a natureza e o segundo, para a cultura. Segundo Scott, durante muito tempo, o termo gênero foi utilizado de forma restrita como termo gramatical para apresentar os contrastes entre masculino e feminino. Só muito recentemente é que o gênero adquiriu

outros contornos teóricos a partir dos estudos feministas como um conceito que se refere à organização social da relação entre os sexos (SCOTT,1995). Portanto, no seu uso mais recente o conceito de gênero ultrapassava os limites da bipolaridade Homem/Mulher que se fundamentava em um determinismo biológico que se explicitava nas características anatômicas e biológicas presentes em homens e mulheres.

Assim, os estudos de gênero trariam novos enfoques, ampliando deste modo noções tradicionais do que é realmente importante no estudo das ciências humanas, permitindo estudar-se tanto a experiência particular do indivíduo quanto as atividades públicas e políticas. Para Scott, o gênero é uma forma de apontar as origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. Dentro desta perspectiva, o gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Portanto, o conceito de gênero diz respeito a todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.

Segundo Scott, o gênero enquanto uma categoria de análise se refere ao aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. Assim, entender o gênero como uma ferramenta teórica de análise das relações sociais, implica pensar os papéis sexuais que os indivíduos assumem, bem como todo o simbolismo sexual que envolve as relações entre homens e mulheres em nossa sociedade nos dias atuais.

Para Scott, os estudos de gênero trariam para o debate inclusive questões de ordem epistemológica para os estudos historiográficos. O compromisso em inscrever as mulheres enquanto sujeito ativo dentro da produção historiográfica implicaria o alargamento e numa reavaliação das premissas e critérios do trabalho científico existente, trazendo para o rol dos interesses de estudo historiográfico tanto a experiência subjetiva do indivíduo quanto as atividades públicas e políticas. Dentro desta perspectiva, o gênero como categoria de análise apareceu entre muitos estudiosos, atrelado a outras categorias como raça e classe. No entanto, para Scott, os novos enfoques levantados pela nova história, mais precisamente no que diz respeito à história das mulheres sugere uma paridade entre os três eixos, ou seja, gênero, classe e raça, que na realidade não existe.

O gênero constitui um instrumento teórico que nos permite visualizar as construções sociais dos papéis que os homens e as mulheres irão assumir dentro de um universo social. Dentro desta lógica, o gênero está intimamente relacionado às identidades subjetivas do indivíduo na sociedade.

No início da década de 1970, o movimento feminista tinha como ponto central de seus estudos os aspectos comuns entre as mulheres e suas diferenças em relação aos homens.

Entretanto, essa crítica da diferença acabou por se fundamentar no que as mulheres tinham em comum, ou seja, a opressão a que todas sofriam pelo sexismo. A segunda fase do pensamento feminista teve como principal bandeira o protesto de mulheres negras, lésbicas e das classes trabalhadoras que não se identificavam com os discursos apresentados pelo pensamento feminista até então, por este ser fundamentalmente emanado por e de mulheres brancas e heterossexuais e quase sempre oriundas das camadas médias.

Diversos trabalhos no campo dos estudos feministas partem do pensamento moderno ocidental, que estava baseado em dualismos tais como: moderno/primitivo, natural/cultural, feminino/masculino. Dentro deste pensamento, a ciência moderna se apresenta enquanto uma nova forma de enxergar e explicar o mundo, a partir de conceitos naturais e humanos, que buscam apreender o mundo natural por meio de métodos e técnicas como a observação empírica, a classificação, experimentação e a nomeação dos elementos, causando uma verdadeira revolução nos pilares das teorias científicas. As ciências ditas modernas impõem alguns princípios, nos quais o conhecimento passa a ser compreendido como um processo objetivo, calcados em preceitos dicotômicos, em que o observador encontra-se separado da realidade analisada. A partir da utilização dessas categorias dicotômicas, o feminino foi associado ao mundo da natureza, enquanto que o masculino ao mundo da cultura.

Desse modo, as distinções anatômicas e biológicas entre homens e mulheres serviram de explicação e justificativa para as mais variadas condutas e normas que eram disseminadas como forma de justificar os lugares sociais ocupados por homens e mulheres nas relações sociais. Ao se historicizar as relações de gênero, podemos perceber como dispositivos específicos de regulação, isto é, discursos legais, institucionais, educacionais, psicológicos, entre outros, são evocados para se pensar sobre como tais regulações contribuem para a construção de significados de gênero que terminam por associar o feminino à natureza e o masculino a cultura.

O corpo feminino e suas especificidades constituem uma variável extremamente relevante para visualizar os discursos e práticas, bem como seus desdobramentos no comportamento dos indivíduos em sociedade. O pensamento feminista buscou problematizar noções como maternidade, fragilidade, feminilidade, a partir da desnaturalização desses conceitos, chamando a atenção para o caráter construcionista da noção do feminino.

Dentro desta perspectiva, os estudos de gênero foram de suma importância para se compreender o corpo como um espaço de produção de identidades sexualizadas que encontravam afirmação em gestos, discursos, práticas e comportamentos que expressam certa referência de sexualidade em nossa sociedade. Neste caso, o feminino, assim como o

masculino será produzido no corpo a partir de discursos e práticas que dizem o que é ser mulher para nossa em um determinado tempo e espaço.

Neste caso, buscamos apoio na perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, pois nos seus diversos trabalhos reflete o nosso próprio campo de pesquisa através das relações simbólicas que se desenvolvem no interior deste campo em relações de dominação. Estas relações são naturalizadas pelos indivíduos que aí estão inseridos, produzindo então o efeito de naturalidade e imutabilidade.

1.6 AS RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO QUE SE INSCREVEM NO CORPO

As diferenças biológicas enquanto marcas culturais deram lugar a elaborações que tentam dar sentido e justificar as mais variadas distinções entre homens e mulheres. Diversas teorias foram formuladas no sentido de garantir um caráter de cientificidade a tais distinções. Dessas distinções corpóreas decorrem construções simbólicas que apontam para uma suposta fragilidade feminina em função das especificidades anatômicas e biológicas. Ao corpo feminino associa-se sempre ideias como as de reprodução, fertilidade, amamentação, entre outras singularidades femininas que são colocadas em favor de uma representação do feminino na sociedade.

Essa visão estigmatizada da mulher está diretamente relacionada com os espaços e funções que as mulheres vêm assumindo ao longo do processo histórico, pois coube à mulher, a través de sua função de reprodutora e responsável pelo cuidado com os filhos, uma naturalização que vai delimitar o seu campo de atuação enquanto sujeito social restrito ao espaço doméstico, o que por sua vez, irá lhe conferir uma posição socialmente inferior ao homem, pois este é visto como o provedor e mantenedor do espaço familiar.

Bourdieu vai buscar na sua pesquisa etnográfica sobre a sociedade cabila as situações nas quais se pode melhor refletir sobre a dominação masculina. A sociedade Cabila está organizada dentro de um princípio androcêntrico de oposição e assimetria entre os sexos, em que o sexo feminino está subjugado ao masculino. O autor, sendo francês, parte da análise da sociedade Cabila para pensar a relação entre homens e mulheres na sua própria tradição. Desse modo, a partir de uma reflexão acerca das estruturas cognitivas e sociais de outra cultura, poderíamos fazer um exercício de distanciamento necessário para que pudéssemos romper com uma falsa familiaridade que não nos permite enxergar a proeminência da masculinidade na nossa própria cultura.

Embora a questão de gênero não seja o ponto central, a obra *A Dominação Masculina* de Pierre Bourdieu (1998), traz contribuições importantes para se refletir a respeito de poder, gênero e dominação. Já no início dessa obra, Bourdieu discute a contrariedade que reside no fato de como a sociedade se organiza através do estabelecimento de relações de dominação que são assimiladas e naturalizadas sem maiores questionamentos.

Bourdieu trata a questão de como a ordem social vai se perpetuando através de relações de dominação principalmente através de uma perspectiva simbólica. Para ele, a dominação masculina, o modo como é vivenciada e transmitida, poderia ser vista como uma forma particular de violência simbólica. Por violência simbólica Bourdieu entende:

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância do sentimento. (BOURDIEU, 2011, p.8)

Ao definir o conceito de violência simbólica como uma violência que se dá de forma suave e invisível, Bourdieu chama a atenção para a instauração de um poder que se dá de forma velada, isto é, um poder que se estabelece ordinariamente nas relações sociais através da linguagem, das formas de se comportar e de pensar o mundo. Neste caso, a dominação masculina vai sendo assimilada rotineiramente através de processos que convertem o cultural em natural, o que nos aproxima bastante da concepção de poder proposto por Foucault ao se referir aos micropoderes (FOUCAULT, 1975).

No que se refere ao gênero, a perspectiva trazida por Bourdieu, de uma dominação masculina que se dá por vias simbólicas através de relações de poder que atravessam as relações sociais implicitamente é extremamente importante para se refletir sobre como a concepções de masculino e feminino é marcada por relações de poder. A existência de um poder simbólico que é disseminado e reproduzido através de instituições e práticas sociais constitui um mecanismo estratégico de dominação. De acordo com este pensamento, os símbolos constituem elementos de integração social por meio dos quais se obtém o consenso acerca da naturalização da ordem dominante, que passa então a ser socialmente estabelecida.

A cultura institui normas em relação ao corpo que são assimiladas e naturalizadas pelos indivíduos, transformando-se em padrões de comportamento. O corpo como um agente socializado é afetado por questões de tradição religiosa, familiares, de classe, de educação, entre outros intervenientes sociais e culturais.

Neste sentido Bourdieu vai buscar apoio nas contribuições de Émile Durkheim em sua análise funcional da sociedade, mais precisamente em seu conceito de fato social, para refletir como o indivíduo se orienta dentro de um determinado sistema social a partir de padrões preestabelecidos que orientam um modelo de comportamento individual e coletivo. O que se mostra, de suma importância para se refletir sobre como os indivíduos se comportam diante de determinados fenômenos “naturais”. Portanto, essa adesão dos indivíduos a valores e comportamentos que se adequam à estrutura social é atravessada por elementos de ordem psicológica e moral, em que o indivíduo se sente parte integrante de um dado grupo por meio do compartilhamento coletivo de hábitos e costumes.

Dentro desta perspectiva, outro conceito importante trazido por Bourdieu será o conceito de *habitus*, como um recurso teórico de percepção da prática social que se realiza dentro de um determinado campo social, através da persistência do passado atuando diretamente nas ações futuras. Esse é o processo que o autor denomina de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade. Seguindo esta linha de raciocínio, a posição que o indivíduo ocupa no universo social está carregada de subjetividades que ganham corpo nas crenças, gostos, comportamentos e valores que fazem referência a uma dada posição social.

Desse modo, as subjetividades que permeiam as práticas sociais vão sendo inconscientemente naturalizadas e incorporadas pelos atores sociais, que por sua vez geram ações que ganham sentido e significado no contexto histórico e social em que são praticadas. Bourdieu parte então da análise de uma primazia da masculinidade para pensar a respeito da reprodução de uma ordem social que se opera através de um *habitus* masculino e feminino manifestado no corpo.

1.7 O CORPO COMO ESPAÇO SIMBÓLICO

Assim como Bourdieu em sua obra *A Dominação Masculina* (1998) analisa sua própria sociedade a partir da análise das estruturas de pensamento da sociedade Cabila, Mary Douglas em seu livro *Pureza e Perigo* (1976), elabora uma reflexão sobre as conexões entre as categorias pureza, poluição e perigo nas sociedades ditas primitivas para pensar as categorias de pensamento da sociedade moderna. Para esta autora, a classificação de puro e impuro, sagrado e profano, entre outras categorias de diferenciação, obedece a uma lógica de

ajustamento a um padrão social, em que determinados elementos são simbolicamente vistos como sinônimo de perigo e poder por constituírem uma ameaça à estabilidade.

Mary Douglas toma a higiene como uma variável relevante para pensar culturas ditas primitivas. No entanto, ao analisar outras culturas, elabora uma reflexão sobre sua própria sociedade. Segundo ela, em nossa sociedade, a noção de impureza está intrinsecamente ligada à noção de desordem. Contudo a noção de impureza não constitui uma categoria concreta, nem absoluta, pois segundo a autora, a impureza está nos olhos de quem a vê a partir de convenções culturais específicas socialmente estabelecidas.

Mary Douglas destaca as categorias de pureza, impureza, sujeira e perigo para refletir sobre a questão da ordem, destacando como a ordem fundamenta todo um padrão de comportamento que muitas vezes está relacionado à forma como lidamos com questões como impureza e a higiene. Assim, ao mesmo tempo em que busca compreender a ordem de funcionamento da sociedade, Douglas discute a questão da desordem, que neste caso aparece sempre relacionada a questões como sujeira e desorganização.

Seja no espaço público ou no privado, a preocupação com a limpeza e a higiene sempre estiveram relacionadas à organização e à ordem. De modo que, ao classificar comportamentos, ações ou mesmo, fenômenos inerentes à própria anatomia do indivíduo como puros ou impuros, busca-se estabelecer uma ordem às relações e ações sociais.

Para Douglas a impureza é essencialmente desordem. Partindo deste pressuposto, Douglas toma como categorias centrais do seu trabalho a questão do que é puro e impuro para refletir sobre como a sociedade estabelece o que é ordem e desordem dentro do universo social. A ideia de sujeira estaria, portanto, diretamente vinculada à noção de desordem, a não forma, aquilo que é ambíguo e, por consequência ao perigo. A ambiguidade por seu caráter incerto aparece contrária à ideia de ordem, e assim como a sujeira e a impureza deve se manter afastado para que se possa estabelecer uma ordem social.

Dentro desta perspectiva, as categorias de pureza, impureza e perigo, constituem classificações simbólicas atribuídas às práticas e situações que ganham sentido dentro de um sistema social que se estabelece a partir de ações, práticas e discursos que fundamentam uma ordem hierárquica de organização e funcionamento de uma dada sociedade.

O corpo feminino transporta uma forte carga simbólica. Suas singularidades biológicas geraram estigmas e significados que ganham força em certos valores morais e crenças em contágios de enfermidades e malogros. Ao contato com o fluxo sanguíneo proveniente da menstruação são atribuídos perigos como doenças e transtornos físicos e mentais aqueles que

por ventura venham a ter contato com este fluxo. Para Mary Douglas essas noções de poluição se relacionam com a vida social, quando diz:

Creio que algumas poluições servem de analogias para exprimir uma ideia genérica da ordem social. Existem crenças, por exemplo, segundo as quais cada um dos sexos constitui um perigo para o outro quando entram em contato por meio do fluídos sexuais. De acordo com outras crenças, apenas um sexo é posto em perigo pelo contato com o outro, geralmente o sexo masculino pelo sexo feminino, mas, por vezes o inverso. (DOUGLAS, 1976, p.7).

Apesar de citar a dimensão das relações entre os sexos na passagem acima, a preocupação de Douglas se dá principalmente na expressão simbólica das relações entre os diferentes elementos da sociedade (DOUGLAS, 1976). Logo, para além da poluição e da impureza como eixo para se pensar sobre as relações de assimetria entre os sexos, a autora focaliza as relações de hierarquia e simetria que se admitem em todo o sistema social. Neste caso, o que é entendido como puro ou impuro só ganha sentido e significado em função dos princípios que estruturam um campo cultural específico.

A forma como cada cultura expressa simbolicamente suas concepções de puro e impuro tem a ver com os princípios morais que estruturam cada cultura. Mary Douglas compreende que, o discurso sobre a mulher é atravessado por noções de perigo e poder. Um poder que vem da relação desta com a natureza, no pólo oposto da sociedade e cultura. E um poder que advém do que existe de singular no seu corpo. Isto é, o poder da mulher emana do seu corpo e pode contaminar / poluir o corpo do homem. Partindo do pressuposto de que na sociedade ocidental os valores e padrões culturais são estabelecidos, visando à manutenção da ordem e a busca da integração do sistema, ao se deparar com qualquer evento que ameace a estrutura, os indivíduos tenderam a atribuir-lhe a noção de perigo.

Partindo das discussões provenientes do campo do movimento feminista e passando pela contribuição de Bourdieu e Douglas, agora se faz importante começar a enfrentar o seu universo de pesquisa. Para tanto, esta dissertação se propõe a discutir através das memórias de nossas entrevistas acerca de suas experiências com o seu próprio corpo, principalmente no que diz respeito à experiência menstrual, a partir das reminiscências de uma memória coletiva quando se trata de pensar o corpo feminino em sua dimensão sociocultural. Desse modo, buscamos apoio nas contribuições elaboradas pelo teórico Maurice Halbwachs e outros estudiosos no campo da memória¹², quando discute a questão da memória para além do

¹² Por exemplo: POLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, 3, 1989.

âmbito individual, mas, como lembranças que só ganham significado e consistência quando compreendidas dentro de um contexto cultural específico.

Assim a experiência particular de nossas entrevistadas associada às representações culturais do grupo social do qual fazem parte nos fornecem elementos para discutir a experiência menstrual enquanto uma experiência que não constitui apenas um fenômeno individual, mesmo que sendo vivenciado na intimidade, na vergonha e no segredo, mas, que diz respeito a um modo de perceber o corpo menstruado que ultrapassa o plano individual.

Portanto, as lembranças aqui lembradas nos contam momentos em que mesmo sozinhas, ao se depararem com o primeiro fluxo menstrual (menarca), mesmo sem saber do que se tratava aquele sangue, se estavam doentes ou haviam sofrido algum tipo de acidente sem perceber, algumas mulheres sentiam-se envergonhadas, sem falarem com ninguém, nem mesmo com a mãe, sendo que em um primeiro momento, davam um jeito de esconder o que se passava com seu corpo.

Neste caso, mesmo vivenciada de forma solitária, a primeira menstruação guarda elementos de uma lógica cultural específica. Podemos então perceber, como essas mulheres produzem e reproduzem inconscientemente representações coletivas do seu corpo mesmo quando vivenciam seus processos biológicos distante dos olhos e do conhecimento alheio. Dentro deste pensamento, por mais individuais que sejam nossas ações elas estão eivadas de valores, regras e significados, que estão intimamente relacionadas ao grupo ao qual fazemos parte. Para Halbwachs:

(...) diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Os conceitos e imagens acerca da menstruação que aparecem nas memórias de nossas entrevistadas são resultado de disputas que são travadas cotidianamente na nossa cultura, constituindo relações de poder, em que o discurso religioso, científico e político entre outros, vão sendo apropriados e reinventados por homens e mulheres que constroem para si representações que dão significado e sentido a forma como vivenciam seus corpos e sua sexualidade.

Conscientes da existência de sistemas simbólicos que atuam diretamente na forma como os indivíduos enxergam a si próprios, assim como a sociedade da qual participam, buscamos refletir acerca da elaboração simbólica que se constrói em torno dos ciclos biológicos da mulher, mais precisamente no que diz respeito à menstruação.

As ciências ditas modernas impõem alguns princípios, nos quais o conhecimento passa a ser compreendido como um processo objetivo, calcado em preceitos dicotômicos, no qual o observador encontra-se separado da realidade analisada, assim como a natureza e a cultura, dessa forma o corpo será avaliado em separado da mente. No século XIX, o discurso médico-científico constituiu uma visão sobre o corpo feminino fundamentada na diferenciação sexual, na qual a mulher é tida como o oposto, diferença essa que está indissociavelmente ligada ao seu corpo. Nesta distinção homem/mulher, o discurso médico produz pesquisas e discursos direcionados ao corpo feminino, atribuindo a este, significados práticos ao protótipo biológico das diferenças sexuais.

Dessa forma, os saberes médicos sustentaram conceitos e representações sobre a natureza feminina e suas particularidades, atuando diretamente na construção de regras e normas que atingiam a mulher e sua construção identitária. Sendo assim, o discurso médico esteve inserido dentro do pensamento social, político e filosófico, entre os séculos XIX e XX, na implementação de reformas sociais, onde o corpo foi alvo de processos normativos de controle e disciplina, garantindo não só a saúde do indivíduo, mas, da sociedade.

Ainda no que se refere ao corpo, e neste caso especialmente, o corpo feminino, nosso trabalho buscou problematizar os diversos simbolismos e significados que foram historicamente construídos sobre este corpo. Para tanto, nos orientamos por meio de discursos historicamente instituídos sobre o corpo feminino, enfocando especificamente o período menstrual, e os diversos valores e sentidos que este fenômeno biológico e orgânico vem sofrendo ao longo do tempo.

Trata-se, portanto, de problematizar a lógica que tem norteado práticas e representações que homens e mulheres têm do corpo feminino menstruado e seus desdobramentos em condutas e comportamentos.

Assim, o mênstruo adquire os mais inusitados significados que se revelam em práticas e condutas que são vivenciadas, como, por exemplo, os métodos supersticiosos como quando mulheres utilizavam o sangue proveniente da menstruação em rituais direcionados à conquista de um amor. No entanto, este fluxo era também utilizado em rituais devotados à doença ou até mesmo, à produção de morte de algum desafeto. Associado ao imaginário popular, a confiança na eficácia do sangue menstrual como recurso, poder que exerce influência seja

sexual ou mesmo sobre a morte, evidenciam toda uma gama de sentidos e práticas que se revelavam em uma visão supersticiosa sobre o processo menstrual. Para pensar como determinados produtos do corpo são manipulados na elaboração de magia e feitiços, buscamos apoio nos trabalhos de pesquisa/coleta de Câmara Cascudo (1954).

Ao corpo menstruado eram impostas restrições (conforme mencionaremos no capítulo seguinte) demasiadas que garantissem o isolamento da mulher durante este período. A ideia do corpo feminino, enquanto território de impureza e pecado, presente na cultura cristã foi incorporado ao discurso médico ao longo da história, consolidando crenças e práticas, concebendo o corpo menstruado como um instrumento ameaçador, onde à mulher são lançadas imagens ora negativas; ora associadas à eficácia deste sangue no benefício do amatório.

Nesse sentido, podemos verificar que as representações construídas acerca do período menstrual feminino fomentam simbolismos e rituais cujas regras operam por meio de códigos e valores próprios ao imaginário sociocultural no qual as mulheres estão inseridas.

A menstruação tem sido ao longo do tempo vista como perigosa sendo, portanto a mulher, o veículo por excelência deste perigo. Razão de discussão e controvérsia, o corpo feminino e suas especificidades têm sustentado noções de gênero que se cristalizam em diferenças sexuais nas quais as suas representações se materializam em tabus, mitos e rituais.

A produção de discursos e representações em torno das transformações ocorridas no corpo feminino durante a adolescência é assinalada por silêncios e pudores, fazendo com que experiências inerentes à fisiologia feminina, tais como a menstruação, constituam verdadeiros tabus entre homens e mulheres. Marcando e legitimando, portanto, o campo da produção e circulação de discursos, referenciados na cultura, ao mesmo tempo em que atua diretamente na construção identitária das mulheres.

No âmbito da produção discursiva religiosa de orientação cristã são valorizados aspectos da tradição judaico-cristã que corroboram com a noção de um corpo menstruado, gestado como um lugar de impureza e imundícia (Bíblia, 1993), que combinados a elementos socioculturais como práticas e representações refletem um modo de viver de uma coletividade.

A reprodução de representações da menstruação associadas à sujeira, ao mau cheiro proveniente do fluxo menstrual, reproduzindo discursos e representações nos quais o sangue mensal aparece como responsável por doenças e transtornos físicos, principalmente quando utilizado por determinadas mulheres para realização de magias e feitiços para conquistar e seduzir o homem desejado encontra-se aí amplamente presente e pedagogicamente instaurado.

O surgimento do primeiro sangue menstrual, do ponto de vista biológico, nada mais é do que a manifestação de uma transformação hormonal que faz parte de um processo orgânico que a mulher irá desenvolver em seu corpo. Entretanto, do conjunto dos depoimentos, podemos perceber a primeira menstruação, como um momento de transição, onde a mulher deixa de ser criança e passa agora a se enxergar e também passa a ser classificada socialmente como mulher, deixando de lado muitas vezes brincadeiras e comportamentos infantis e assumindo uma postura mais séria. Para essas mulheres a menstruação significou uma nova leitura de seus corpos, bem como a construção de um novo senso de si mesmas à medida que adotavam um novo comportamento. Desse modo, o ato da menstruação significou um momento de passagem da infância para uma nova condição, de mulher. Como nos diz a célebre frase de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Dentro desta perspectiva a experiência com a primeira menstruação configurou para a maior parte de nossas entrevistadas uma mudança de um estado para outro. Será, pois, a partir do ato da menstruação que a mulher irá assumir certos papéis que por sua vez estarão intimamente relacionados aos processos biológicos decorrentes da puberdade. Já que, de acordo com o senso comum, antes da primeira menstruação (menarca) a mulher ainda é vista enquanto criança, juvenil. A partir da menstruação, esta passa a ser encarada enquanto “mocinha”, passando a ser vista enquanto mulher, logo após sua iniciação sexual.

Desse modo, nossa pesquisa buscou a partir de discursos e práticas vinculados ao corpo menstruado e suas marcas, refletir sobre o que significa ser mulher dentro de um determinado grupo, isto é, dentro da nossa sociedade, em uma região e tempo específicos. Nesta parte da pesquisa focalizamos o discurso religioso para pensar como as distinções biológicas entre homens e mulheres forjaram explicações para as mais variadas posturas, condutas e normatizações que são criadas para justificar as relações de poder que se instituíam no cotidiano social modelando comportamentos e produzindo valores.

As memórias de nossas entrevistadas nos informam a respeito de códigos, valores e tradições que nos dão certa dimensão do que significa ser mulher para a nossa sociedade. Logo, as memórias individuais deixam escapar pontos de referência que estão inseridos em uma memória coletiva. O modo como nossas entrevistadas se reportam à menstruação, através de risos, silêncios e metáforas nos permitem perceber como suas memórias acerca de suas experiências físicas e psíquicas advindas da puberdade expressam uma percepção do que é ser mulher para um determinado grupo.

Segundo Halbwachs, a memória é uma construção que embora se situe no indivíduo é, eminentemente, coletiva e indica o modo pelo qual se compartilhar certas crenças e

compreensões, isto porque, por mais que ela pareça ser um fenômeno individual, ela deve ser entendida principalmente como um fenômeno coletivo, construído socialmente e susceptível a transformações constantes. No entanto, por mais que a memória tenha esta característica flutuante e mutável, a maioria das memórias contém pontos invariantes, relativamente imutáveis, elementos estes que resistiram e se solidificaram e foram interiorizados pelos indivíduos, tornando-se realidade, perante a importância que apresentaram em determinado contexto.

Desse modo, a referência ao passado é acionada visando manter a coesão do grupo e das instituições que compõem a sociedade, no qual, valores são compartilhados com o intuito de manter a coesão interna do grupo e delimitar as fronteiras que o grupo tem em comum. Cria-se, portanto, uma identidade que é compartilhada pelo grupo através de valores e costumes que são comuns a grande maioria.

Para compreender melhor os significados atribuídos aos ciclos biológicos da mulher, neste caso, à menstruação, como um fenômeno eminentemente feminino que adquire sentidos e significados que vão estar diretamente articulados à conjuntura social e cultural em que os indivíduos estão envolvidos é que empreendemos o esforço de leitura, discussão e pesquisa que se consolidam na presente dissertação. Para tanto, não ficamos restritas ao universo empírico pesquisado. Ao contrário, julgamos que seria importante atravessar em termos históricos momentos da sociedade ocidental, e por isso fizemos uso das discussões sobre o texto bíblico, como também nos debruçamos sobre outras situações culturais ocidentais e não ocidentais.

Para tanto nos reportamos à análise estrutural da crença em *Panema* no município de Itá, litoral do Estado do Pará, elaborada por Matta (1973), para pensar acerca dos significados simbólicos que se expressam no corpo, enquanto um espaço físico atravessado por valores e símbolos culturais. *Panema* é o nome pelo qual os caboclos dessa região indicam um azar que recai sobre o homem e que se expressa na sua incapacidade de ter sucesso na pesca e na caça. Este estado se justifica pelo fato deste homem ter se deixado contaminar pela ingestão da caça por mulheres grávidas, pelo contato com a mulher menstruada com os apetrechos destinados à caça, ou pelo contato com animais domésticos, fezes ou urina, desejo frustrado de pessoas próximas, ou, contato com pessoas estranhas (MATTA, 1973).

A análise realizada por (idem) sobre a crença na *Panema* nos ajuda a pensar como o corpo, e no nosso caso, mais especificamente, o corpo feminino e suas manifestações hormonais e biológicas, é utilizado enquanto um ponto de convergência entre natureza e

sociedade, ou mesmo, natureza e cultura. Portanto, ao acentuar o caráter dicotômico entre natureza e sociedade.

A crença na *Panema* indica um estado de “sorte/azar” que se manifesta em situações específicas, ou seja, em determinados contextos em que não se podem prever reações ou resultados. Partindo do pressuposto de que a *Panema* ou a crença num sistema de sorte/azar constituem tentativas de transformar situações imprevisíveis e indeterminadas em sistemas passíveis de controle e determinação. Podemos dizer que ao se deparar com um sistema social que atribui a uma crença a capacidade de explicar situações de infortúnio, encontramos num reino social que impõe uma reflexão. E, quando esta crença faz do corpo o vetor do fenômeno, para nós, torna-se mais significativo ainda. .

A *Panema* opera então, no sentido de passagem de um sistema de probabilidade e incerteza para o que é certo e determinado. A crença da *Panema* está associada a ações como a caça e a pesca em que o homem está em contato direto com um universo natural que foge ao seu controle, já que é rodeado por regras que escapam ao seu domínio. Para Matta, o contato do homem com este universo natural se dá eivado de crenças que operam como chave para se estabelecer uma relação de segurança com um mundo desconhecido e incontrolável.

Com relação ainda ao sistema de crenças, podemos identificar uma série de crenças e prescrições que são aplicadas as transformações da mulher em seu ciclo biológico. Neste caso, a mulher, ao atravessar processos hormonais inerentes a sua fisiologia, como a menstruação, pode assumir inconscientemente um status de natureza ao qual o homem não pode exercer nenhum tipo de controle. Assim, a menstruação associa a mulher a um estado de ambiguidade à medida que carrega consigo marcas sociais e naturais que fogem ao domínio do homem. Portanto, a falta de controle sobre os ciclos biológicos e misteriosos atravessados pela anatomia feminina acarretam cuidados e prescrições que buscam controlar socialmente este corpo através da limitação de sua conduta, restringindo seus espaços de atuação que atribuem à mulher um caráter não humano.

Buscando entender saberes, práticas e discursos que são tecidos sobre o corpo da mulher e mais especificamente sobre a menstruação, nos debruçamos sobre as contribuições de Cascudo (1978) em sua obra *Meleagro*. O livro traz um estudo etnográfico do catimbó no Brasil. No entanto, nos reportamos a esta obra de Cascudo mais especificamente quando o autor traz a questão das mestras do catimbó. Dentro desta perspectiva, a participação feminina como mestre no catimbó era pequena em relação ao número de homens que assumiam esta função. Cascudo trata acerca do tabu do mênstruo, como um tabu que têm seu espaço

resguardado inclusive na prática de feitiços e magias no catimbó. Ao se referir a uma mestra na magia do catimbó, uma senhora septuagenária, a mestra Libera, relata:

A velha Libera disse-me que uma “mestra” não deve ter mais o “costume” (mênstruo). Será mais forte e mais senhora das “forças”. Não há nada que “preste” feito por mulher “no seu tempo”. Quanto mais uma oração ou um “despacho”. Sai às avessas. A mestra que ainda tem o “incômodo” nada fará durante esse período. Nada e nada. Nem dar de comer aos pintos. (Cascudo, 1978 p.57)

Na citação acima podemos perceber que na prática do catimbó, as relações de gênero hegemônicas na sociedade se reproduzem também neste campo místico. Dentro desta perspectiva, a menstruação aparece enquanto um fator que descredencia a mulher a exercer uma função de hierarquia e controle dentro da prática do catimbó. Portanto, neste caso, a menstruação aponta para um estado de fraqueza e falta de controle sobre as manifestações corpóreas provenientes da sua própria fisiologia. Neste sentido, o tabu menstrual se expressa em ações, condutas e comportamento das mulheres dentro dos mais diversos campos de atuação. Ainda dentro deste raciocínio, Cascudo coloca que:

A mulher com o fluxo catamenial, boi, regras, pacote, é tabu universal. Não pode atravessar água corrente, deitar galinhas para o choco, tocar em crianças doentes, em líquidos que estão em fermentação, nas árvores com frutos verdes, fazer a cama aos recém-casados, dar o primeiro banho numa criança ou o primeiro leite, mesmo por mamadeira, amamentar, assistir batizado, sepultamento de adulto (tabu para a menstruada), guardar frutos para amadurecer, enfim é uma força negativa, um obstáculo vivo, um poder maléfico para tudo quanto represente ou constitua início de desenvolvimento, desdobração, crescimento. Se tocar no pão levedado, este não fermentará. Se pisar numa cobra, esta morrerá. Se passar por cima de um ninho com aves, todas sucumbirão. Os remédios sertanejos perdem o efeito quando dados ou apenas tocados por ela. As “garrafadas” perdem as forças se uma mulher grávida ou no período catamenial se aproximar. Em Portugal dizem que certos animais morrem quando veem uma mulher menstruada. (CASCUDO, 1976, p. 57-58)

Todas essas prescrições que eram produzidas e reproduzidas através de crenças a respeito do estado do corpo que identificam nos fluidos femininos, e neste caso, no mênstruo, nos informam a respeito de uma lógica de ordenamento que enquadra o corpo feminino e seus fluidos em categorias como puro/impuro, controlado/descontrolado, natural/cultural.

Dentro desta perspectiva o fluxo sanguíneo proveniente da menstruação irá adquirir significados simbólicos que ganham força em crenças como as que fazem do útero da mulher

um espaço retentor de um líquido venenoso capaz de acamar ou até enlouquecer aquela que dele provar.

Assim, as memórias de nossas entrevistadas reproduzem representações da menstruação associadas à sujeira, ao mau cheiro proveniente do fluxo menstrual, reproduzindo discursos e representações nos quais o sangue mensal aparece como responsável por doenças e transtornos físicos, principalmente quando utilizado por determinadas mulheres para realização de magias e feitiços para conquistar e seduzir o homem desejado. Seguindo este raciocínio, o sangue menstrual se diferencia do sangue que é vertido de outra forma, como em um acidente, um corte, ou alguma situação parecida. O fluxo sanguíneo proveniente da menstruação adquire um status de alheio ao próprio corpo do qual verte, não se equiparando ao sangue que circula naturalmente pelo corpo. Portanto, a este sangue são lançadas expressões de nojo e repulsa que aparecem com naturalidade entre nossas entrevistadas quando associam este sangramento a sujeira, mau cheiro e ojeriza.

Esta noção de um sangue que mesmo inerente às manifestações biológicas do corpo feminino é visto como alheio, já que é um sangue que não se confunde com o sangue que se distribui pelo corpo, pode ser percebida também nas metáforas que são criadas para se referir a este sangramento mensal. Dizer que está de “boi”, de “chico”, nas “regras”, “naqueles dias”, são expressões que podem denotar um certo afastamento de um processo que ocorre no próprio corpo. É comum em nossa sociedade que certos temas sejam tratados com discrição, em voz baixa, sendo nestes casos comum a utilização de metáforas quando se trata de falar sobre o corpo, principalmente em seus aspectos mais íntimos. Essa forma segredada e codificada de falar da fisiologia feminina constitui uma prática cultural que está associada a uma forma peculiar de se pensar a mulher.

Quando pensamos nos cuidados empreendidos para com o corpo durante o período menstrual, podemos pensar em um corpo cadenciado dentro de um tempo regrado por práticas e procedimentos que buscam controlar os fluidos e excreções liberados por este corpo durante o período menstrual. A ideia de período denota então a noção de um corpo que precisa ser regulado e gerenciado durante determinado tempo até enquanto durar o seu estado de “impureza”.

De acordo com a tradição judaica- cristã durante a menstruação a mulher deve manter-se afastada do marido até que finde seu fluxo menstrual. Seguindo este raciocínio, o tempo de duração da menstruação constitui uma variável relevante dentro da relação marital em que os períodos de pureza e impureza representados pela menstruação irão regular inclusive as relações sexuais entre o casal. Não estar menstruada, dentro desta lógica, seria encontrar-se

em estado de pureza e, portanto, apta a manter relação sexual com o seu cônjuge, enquanto que, estando menstruada, a mulher seria vista como em um estado de impureza, devendo evitar se relacionar sexualmente com seu marido.

Pensando ainda a respeito de um corpo que é marcado pelo ritmo temporal de suas manifestações corpóreas, esta noção aparece de forma clara na fala de uma de nossas entrevistas que, ao se referir ao período de sua menstruação usou a expressão: “*ela está doente dos tempos, dos tempos dela*”.

A noção de tempo que aparece nesta fala nos informa a respeito de um modelo cultural que enquadra o corpo feminino dentro de um tempo que é cadenciado pelas transformações físicas e biológicas provenientes dos estágios de vida do indivíduo (gestação, nascimento, infância, juventude, velhice).

Nas representações a respeito do sangue menstrual em nossa sociedade é comum que este sangramento mensal seja identificado como um sinal de fertilidade. Dentro desta perspectiva, ao menstruar pela primeira vez, o corpo feminino passa a ser um corpo capaz de gerar vida, portanto, um corpo reprodutor. Logo, de acordo com este pensamento, durante o tempo em que o corpo feminino estiver menstruando, este corpo é tido como um corpo produtivo. Já com o final da menstruação (menopausa), o corpo feminino pode ser pensado como um corpo “improdutivo”, no sentido de não poder reproduzir.

Esta é uma lógica de pensamento que indica uma forma de pensar o corpo feminino apenas através de sua atividade reprodutiva. Segundo a antropóloga estadunidense Emily Martin (2006), o discurso médico teve grande influência na produção de representações sobre os estágios fisiológicos do corpo da mulher. Segundo esta autora, o corpo feminino é construindo simbolicamente tomando como padrão a sociedade industrial, em que o corpo feminino é pensado como uma máquina cuja principal atividade é a reprodução. Para Martin:

A menstruação não apenas traz consigo a conotação de um sistema produtivo que fracassou na produção, como também transmite a noção de uma produção desvirtuada, fabricando produtos sem uso, fora das especificações, invendáveis, desperdícios, sucatas. Por mais repugnante que possa ser, o sangue menstrual irá sair. Uma produção desvirtuada é também uma imagem que nos enche de horror e consternação. (Martin, 2006, p. 93).

No entanto, Elizabeth Bandinter (1995) irá questionar o simbolismo representado pela maternidade no Ocidente, tida como uma função por excelência feminina, atentando para o valor moral, religioso e social vinculado a este fenômeno e suas consequências na composição de identidade feminina.

Ao contrário da maternidade, identificada como missão da mulher na terra, a menstruação, mesmo constituindo uma prática orgânica e natural ao corpo feminino, é permeado por uma visão negativa, sendo o fluxo menstrual considerado uma substância degenerativa. Assim, o menstuo adquire os mais inusitados significados que se revelam em práticas e condutas que são vivenciadas, métodos supersticiosos como quando mulheres utilizavam o sangue proveniente da menstruação em rituais direcionados à conquista de um amor. No entanto, este fluxo era também utilizado em rituais devotados a doença ou até mesmo a morte de algum desafeto. Associado ao imaginário popular, a confiança na eficácia do sangue menstrual como recurso, poder que exerce influência seja sexual ou mesmo sobre a morte, evidenciam toda uma gama de sentidos e práticas que se revelavam em uma visão marcadamente cultural sobre o processo menstrual.

Dentro desta perspectiva, este trabalho pensou o corpo feminino, bem como as imagens que foram constituídas sobre este corpo ao longo de um processo histórico. Território dividido entre o sagrado e o profano, pecado e salvação, prazer e dor, o corpo foi objeto de inúmeras concepções, que dizem respeito a crenças e costumes de um determinado grupo.

Assim, buscaremos traçar uma relação entre atitudes e comportamentos que dizem respeito ao corpo menstruado e seus desdobramentos no cotidiano de homens e mulheres, percebendo o corpo enquanto espaço, por excelência, cultural que permite ao pesquisador a partir de suas manifestações e peculiaridades aprofundar suas investigações e reflexões acerca do imaginário feminino. A menstruação tem sido ao longo do tempo vista como perigosa sendo, portanto a mulher, o veículo por excelência deste perigo. Razão de discussão e controvérsia, o corpo feminino e suas especificidades têm sustentado noções de gênero que se cristalizam em diferenças sexuais. Onde as suas representações se materializam em tabus, mitos e rituais.

Desse modo, as memórias aqui compartilhadas apresentam a experiência da menstruação como um momento marcante em suas vidas. Vivenciada na surpresa, no medo e na vergonha a menstruação produzia uma nova forma de se enxergar, agora como mulher e não mais como menina e também indicava o modo de se comportar. Contudo, mesmo vivendo sobre rígidas normas que diziam como a mulher deveria se comportar, a experiência menstrual adquiriu contornos diferentes na experiência particular das mulheres entrevistadas.

O Tríptico de H. Bosch



O detalhe da Mulher



“O diabo vivia nele e arrotava menstruação. O corpo feminino Medieval”. Imagem e texto retirados do endereço em-mim-serenamente-2.blogspot.com, representando um detalhe do tríptico intitulado Jardim das Delícias Terrenas, de autoria do pintor Hieronymus Bosch, consultado no dia 1º de agosto de 2013. A imagem está no painel que representa o Inferno. Neste detalhe se observa o corpo feminino despido e envolvido por uma imagem demoníaca. Não há uma unanimidade sobre a data desta pintura. Atualmente ela é situada entre 1480-1490.

CAPÍTULO II

DIÁLOGOS E SUBJETIVIDADES NO TRABALHO DE CAMPO

2.1. “EU TINHA VERGONHA”

O fato de menstruar, sem dúvida, gera consequências importantes para a vida social, à medida que este fenômeno produz comportamentos, emoções e sentimentos que não são, pelo menos exclusivamente, organizados pela biologia, mas pela interação entre fenômenos biológicos e aspectos culturais e simbólicos. Seguindo este raciocínio, o modo como a menstruação será significada irá depender das interpretações que os indivíduos construíram para dar significado as manifestações biológicas inerentes ao corpo feminino. Logo, cientificamente, menstruar é um fenômeno biológico, que ocorre ciclicamente, caso o óvulo não seja fecundado, o que permite a liberação periódica através do canal vaginal da mucosa uterina¹³.

No entanto, o desconforto¹⁴ causado pela menstruação para a maioria das mulheres não está ligado apenas a transtornos físicos como cólicas, dor nas costas e nas pernas, sensação de inchaço, cansaço físico e psíquico, irritação, depressão, dores de cabeça, indisposição, fadiga, mal-estar, entre outros sintomas que geralmente acompanham o ciclo menstrual. O incômodo causado pela menstruação vai além dos sintomas citados, pois se faz acompanhar também, nos relatos aos quais tivemos acesso de estados de alma, como vergonha, medo, silêncio, discrição, também são sinais que revelam uma sensação de desconforto diante do corpo menstruado e da relação deste corpo com o mundo e com o outro, especialmente com indivíduos do corpo masculino. Essa é uma espécie de constrangimento

¹³ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Menstruação>.

¹⁴ A noção de desconforto empregada no texto para se referir a um estado físico e psíquico atribuído a mulher durante a menstruação está assentada em uma concepção ocidental em que a menstruação está ligada a ideia de incômodo e mal estar que acompanham a mulher ciclicamente durante o período menstrual. Esta forma de perceber a menstruação é típica de nossa sociedade, o que implica pensar que em outros conjuntos sociais a menstruação possa ser percebida de outra forma, como por exemplo, a etnia Tembé, onde a primeira menstruação é comemorada com a “festa de menina moça”. Ritual que marca a passagem da infância para a puberdade da menina. Portanto, a ideia de desconforto utilizada aqui para se referir à menstruação implica pensar na construção de discursos sociais que ganham sentido dentro de um universo cultural específico.

que tem afetado a mulher ao longo de gerações quando estão atravessando o período menstrual.

Mulheres de diferentes idades e gerações nos relataram as sensações de incômodo e embaraço quando o assunto era a menstruação. Pudemos perceber ao longo dos relatos e memórias analisados que, mesmo em diferentes gerações, assim como em contextos específicos o fato de verter sangue pelo canal vaginal a cada mês produziu sensações que só podem ser compreendidas quando pensadas dentro de um determinado universo sociocultural.

O sangramento menstrual produziu sensações como vergonha, nojo, medo, e outras tantas perturbações que se expressavam nas falas, gestos, metáforas e silêncios de nossas entrevistadas. Para Açucena, as manchas de sangue na roupa eram sinal de vergonha, devendo, portanto, estar fora do campo de visão de outros, principalmente dos homens:

Eu tinha vergonha. Eu tinha uma vergonha do povo vê, de pai chegar a vê, outra pessoa chegar assim, tá aquela panaria velha estendida. E outra, tinha que guardar que eu sabia que no outro mês por certo eu tinha que precisar né. Que mãe dizia: - precisa! Aí eu guardava. E nunca deixei pano velho embaixo de cama, nem calcinha, como eu vejo a minha nora, calça velha, suja, embaixo de cama. Vixe Maria! Você acredita que eu me casei, tive esses filhos tudinho e meu marido nunca viu um pano sujo meu. Não, Deus me defenda! Nunca viu na vida. (Açucena, divorciada, 66 anos de idade).

Aqui, dona Açucena nos dá pistas através de uma leitura cuidadosa de sua fala, de seus gestos, entonações e até mesmo dos seus silêncios durante a conversa, de como as marcas deixadas pelo sangue menstrual nos informam a respeito de uma moral que orientava o comportamento feminino no espaço familiar, representado em sua fala pela figura do pai, enquanto mãe, como também no casamento, representado aqui, pela figura do marido e da nora. Em um pequeno trecho de nossa conversa, nos revela como o sentimento de vergonha relacionado à menstruação, que se fazia visível nas manchas de sangue deixadas nos paninhos que serviam como aparador do fluxo sanguíneo proveniente da menstruação esteve presente ao longo de sua trajetória social.

Primeiro enquanto filha, quando nos fala da vergonha de que o pai chegasse a ver seus panos manchados de sangue, em seguida como mãe e sogra, quando nos fala sobre o descuido da nora: "*calça velha, suja, embaixo de cama*". Dona Açucena demonstrava um sentimento de desaprovação ao comportamento da nora com relação ao modo utilizado por esta para esconder as manchas de sangue na calcinha. Deixar as manchas deste sangue na roupa, mesmo fora do campo de visão de outras pessoas, não era suficiente.

A fala de dona Açucena está amparada em um juízo moral que vem escudado em uma autoridade atribuída a uma mulher mais velha que completou sua trajetória social como esposa, mãe e avó. Quando reclama do descuido da nora com relação à calcinha suja de sangue escondida embaixo da cama dona Açucena está inconscientemente submetendo a nora a um enquadramento a um determinado padrão sociocultural, oferecendo àquela que destoa o ácido veneno da língua maliciosa, através da negação de suas ações e postura com relação à discricção das regras menstruais. Neste sentido a mulher cuidadosa, limpa, caprichosa nos afazeres e nos cuidados com a casa, a família e o corpo se apresenta como arauto da moralidade que incendeia a esfera da existência alheia a partir de seus juízos subjetivos.

No que se refere aos cuidados com o corpo durante a menstruação, a fala acima nos revela um comportamento policialesco por parte das mulheres, principalmente das mulheres mais velhas, mães, avós e tias em relação às mulheres mais novas através de posturas e julgamentos que ganham força em atitudes de avaliação do comportamento alheio ao veicular posturas e cuidados femininos com relação ao corpo menstruado a valores morais que são inconscientemente assimilados e reproduzidos.

A permanência daquele sangue na roupa poderia ser compreendida dentro de uma moral feminina, como um indicador de desleixo, de uma mulher descuidada. Aqui, mais uma vez, podemos perceber como o sangue menstrual é tido como sinal de vergonha, mas, também, provoca sensações de asco, relacionados à sujeira e imundice.

No corpo, a ordem fisiológica e a ordem ideológica se fundem estabelecendo um diálogo entre o significante, isto é, os processos corpóreos, tais como a menstruação, e o significado, ou seja, como apreendemos o corpo e explicamos seu funcionamento orgânico. Assim, as reações de nojo, repulsa, vergonha, dentre outros sentimentos e emoções que permeiam a menstruação é produto desta relação entre o sensível e o inteligível.

A mulher que não é capaz de limpar seus “panos”, de modo a retirar deles toda nódoa deixada pelo sangue menstrual, talvez não seja uma mulher honrada, correta, boa esposa. Pois, a mancha de sangue no pano pode significar uma mulher suja, desavergonhada, que não tem vergonha de expor sua sujeira aos olhos alheios, uma mulher negligente com os cuidados no lar e tudo o quê nele está embutido (casa, comida, maternidade, matrimônio). Principalmente, uma mulher suja porque o seu corpo se expõe através dos fluidos que advindos dele se inscrevem nos tecidos. De modo indelével, de modo insofismável e de modo legível. Um texto que a sociedade não aceita e não permite que se enuncie sem que o julgamento social se faça de modo contundente. Ao passo que, quando dona Açucena diz: *“Você acredita que eu me casei, tive esses filhos tudinho e meu marido nunca viu um pano*

sujo meu". Está nos informando a respeito de práticas como, tonar invisível seu período menstrual através do cuidado em esconder as manchas de sangue dos olhos alheios, principalmente dos olhos masculinos, inclusive do seu marido, pode indicar uma conduta feminina que se dá em coerência com o papel de filha, mãe e esposa a ser desempenhado em uma determinada conjuntura social. Dona Açucena nos conta sobre seu esforço em fazer desaparecer as manchas da vergonha, da sujeira e do desleixo:

Agora minha filha, os meus panos eu lavava e escondia dentro de um marmeleiro¹⁵ tão grande nesse mundo que só quem sabia que estava lá era eu. Eu fazia uma paredinha¹⁶, tinha uma paredinha. Pensa que eu estendia em cerca? Não, minha filha! Eu tinha uma paredinha assim dentro de um marmeleiro num riacho e eu botava tudinho lá. Lavava aquilo tudo bem lavadinho, deixava parecendo um coco¹⁷. E aquilo eu deixava levar sol e sereno, levava sol e sereno, e sereno, e sereno, e sereno. Aí quando já tinha levado muitos dias de sol e sereno. Aí eu dobrava lá no mato, dobrava bem dobradinho, trazia o pacotinho já arrumadinho pra naquele mês já tá tudo ali guardadinho. (Açucena, divorciada, 66 anos de idade).

Reutilizar os mesmos panos, já utilizados e lavados e mesmo assim marcados e vergonhosos, implicava em realizar um esforço em não se deixar perceber, tornar-se invisível aos olhos daqueles com quem convivia até mesmo na intimidade do lar, principalmente aos olhos masculinos. Lavar os paninhos, esperar até que estivessem secos e prontos para serem utilizados novamente consistia em um esforço solitário, fora das vistas do outro, algo a ser feito na esfera do segredo. Deixá-los pronto para o uso, significava deixá-los alvos, brancos, o que lhes garantiria um aspecto não só de limpeza na qualidade de aseado, mas limpo no sentido de puro, imaculado, distante de qualquer mancha que lhe roubasse a auréola de pureza em que deveria estar envolto. O que pode indicar que os objetos guardam aí uma conexão muito direta com os seus proprietários. Uma relação de humanização das coisas ou de objetificação das pessoas. Bem, o certo é que pano e mulher guardam uma relação intrínseca, de tal modo que um reflete o outro. No melhor estilo: - o hábito faz o monge. O paninho menstrual faz a mulher digna ou indigna.

As cores nos panos podiam ganhar significados extremamente antagônicos, enquanto o branco representava pureza, aseio, honra, esmero, imaculado, entre outras qualidades. O vermelho, representado pela mancha de sangue deixada pela menstruação podia ser lido como

¹⁵ Ver Glossário, p. 108.

¹⁶ Ver Glossário, p. 108.

¹⁷ Ver Glossário, p. 108.

o obsceno, sinal da vergonha, da sujeira, da mácula, da impureza. O vermelho do sangue apontava para a um estado de desonra ao qual a mulher estava exposta ciclicamente.

Com relação às cores vermelho e branco, segundo Sahlins (1979), as cores são construtos sociais que ganham sentido e significado dentro de um contexto cultural. Na sociedade ocidental, o vermelho e o branco possuem significados antagônicos que se reforçam quando relacionamos estas cores a sensações, sentimentos e valores que se opõem um ao outro.

Assim, as cores não se explicam por si mesmas, mas apenas, quando estão associadas a noções culturais que são previamente internalizadas. Existem determinados elementos, tais como o sangue ou o leite que, quando pensamos, ou tentamos visualizá-los mentalmente, nos vem automaticamente à mente a cor vermelha ou branca respectivamente.

No entanto, para além do caráter objetivo da cor como apenas uma forma de descrição de um dado elemento, as cores constituem códigos semióticos que informam a respeito de estruturas significantes.

As cores, vermelho e branco constituem categorias que, como diria Lévi-Strauss são “boas para pensar” à medida que estas cores configuram elementos que estão carregados de valores morais, que por sua vez são construídos em um determinado referencial cultural. Isto implica pensar que estas cores podem estar relacionadas a aspectos abstratos que atribuem a elas um significado especial. É comum em nossa sociedade a associação do vermelho a ideias como impureza, luxúria, lascívia, paixão, sexo, entre outras. Enquanto que ao branco são associadas noções como pureza, paz, tranquilidade, limpeza, santidade, castidade.

Logo, a forma como reconhecemos as cores está diretamente ligada a um processo sociocultural que estabelece uma correlação entre cor, ideias, conceitos e valores. O vermelho e o branco têm para nós um significado que expressa diferenças como, por exemplo, puro/impuro; sexo/virgindade; paixão/amor. O vestido branco da noiva durante a cerimônia de casamento atesta que aquela moça é casta, pura sem mácula, e, sobretudo, virgem. Percebemos mais uma vez como o significado da cor branca se afirma em oposição ao vermelho.

É comum nos dias atuais, a realização de festas restritas apenas a amigos e pessoas do convívio habitual que funcionam para os noivos como uma espécie de despedida de uma condição social (solteiro) para o início de uma nova fase (o casamento). Esses eventos ficaram conhecidos como “despedida de solteiro (a)”. Entre as mulheres especialmente, estes eventos são marcados por conversas descontraídas entre amigas a respeito da relação sexual do casal, a nubente geralmente é presenteada pelas amigas com peças do vestuário íntimo feminino, além de cremes, óleos, entre outros elementos que tem como objetivo “apimentar” a relação

sexual entre os noivos. Entre estes itens, a lingerie vermelha nunca fica de fora, sendo uma peça fundamental que associa à mulher a ideia de sexualidade, luxúria, prazer. Uma mulher que está totalmente dissociada da ideia de noiva imaculada, vestida de branco presente no ritual religioso de tradição cristã. No momento em que se realiza uma despedida de solteiro estamos nos defrontando com um ritual que indica uma condição de liminaridade, por isso, propicio ao manuseio de símbolos que permitam a transição entre uma condição e outra, constituídas socialmente. Entre a moça e a mulher, entre a solteira e a casada, a sociedade indicam condições que são opostas e que não podem se deixar tocar, sob pena de indeterminação e falta de ordem (como bem indica Douglas). A moça deve desaparecer para emergir no lugar a mulher. Porém, não qualquer mulher e sim a casada. Aí o sexo é permitido e imposto. Logo, na despedida de solteiro se faz o excesso de objetos, de significados, que depois serão depurados e recolocados numa série que torna-se aceitável socialmente.

Nas sociedades humanas as cores expressam diferenças que são simbolizadas socialmente através de elementos que se opõem um ao outro. Dentro desta lógica o vermelho representado pelo sangue menstrual constitui uma variante socialmente relevante à medida que neste contexto esta cor é perpassada por uma série de elementos afetivos como vergonha, nojo, medo, que associam esta cor a ideia de impureza, através de estruturas mentais que apreendem esta cor a partir de significados que são construídos historicamente dentro de um universo cultural específico.

O modo como apreendemos as cores se dá em conformidade com os nossos sentidos, ou seja, reconhecemos mentalmente a cor através de mecanismos ordenadores do pensamento que operam de modo predeterminado. Isto implica pensar que os fatos, neste caso, mas especificamente as cores, constituem uma realidade natural que é, pelo menos em parte, pode ser apreendida pelo homem através de mecanismos culturais que classificam, manipulam e enquadram as cores, assim como outros tantos elementos como produtos culturais perpassados por sentimentos e emoções.

No que diz respeito à associação da cor vermelha ao sangue, e em especial ao sangue menstrual e, por conseguinte a ideia de impureza a que está associada esta cor, nos ajuda a pensar a respeito da relação entre natureza e cultura.

Assim, ao nos apropriarmos de elementos naturais, como sangue, processarmos mentalmente este elemento através de canais de apreensão cultural, ao nomear, caracterizar e classificar o sangue proveniente da menstruação, estamos na verdade, realizando um esforço inconsciente de estabelecer uma separação entre aquilo que é parte do universo natural e o que diz respeito ao mundo da cultura.

É comum nos dias atuais, nos depararmos com propagandas publicitárias veiculadas em mídias audiovisuais como televisão e internet sobre tipos e modelos de absorventes os mais variados. Aliás, vale ressaltar que, este tipo de produto veio substituir os chamados “paninhos ¹⁸” tão utilizados outrora, como nos conta dona Lúcia:

E eu não sabia como fazia porque não sabia que tinha que usar pano, na época não era absorvente não, isso é muito chique, na época era paninho mesmo. (Begônia, viúva, 73 anos de idade)

As mensagens publicitárias para venda de absorventes em geral passam por um processo de metaforização¹⁹ imagética/televisiva, ou seja, o fluxo sanguíneo proveniente da menstruação é substituído na mídia televisiva por um líquido azul transparente que se deixa escorrer como forma de demonstrar a capacidade de absorção do produto (absorvente). A cor azul apresentada na imagem audiovisual em substituição ao vermelho faz referência a conceitos como puro/impuro, sujeira/limpeza, em que o azul vem representar a ideia de limpeza e higiene, sendo, portanto, a cor presente na maioria dos produtos de limpeza apresentados pelo mercado nos dias atuais.

Substituir o vermelho do sangue pelo azul implica em um processo de purificação deste sangue. Limpo e azulado, ele pode escorrer nas mídias televisivas sem causar nojo, repulsa ou vergonha. Como também a superfície do absorvente é imaculadamente branca, não se aventando nenhuma possibilidade de se utilizar outra cor para o mesmo. Portanto, o azul submete o sangue a um processo de purificação que o torna visível a todos sem causar nenhum tipo de constrangimento. Esconder o corpo constitui uma das muitas formas de fazer-se mulher. Fazer-se mulher implica em um processo de construção que envolve linguagem, representações e símbolos que nos informam a respeito de um universo cultural.

A forma como compreendemos e damos sentido a determinados eventos corpóreos, tais como a menstruação é matizada de emocionalidade de modo que, o senso intelectual do indivíduo é obscurecido por condutas emocionais que são expressas inconscientemente em um plano social.

¹⁸ Ver Glossário, p. 108.

¹⁹ Natansohn L. G. O corpo feminino como objeto médico e “mediático”. Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC.

2.2. A RELAÇÃO ENTRE AÇÃO E LINGUAGEM

Ah... Tinha muitos nomes que chamavam quando se estava naqueles dias, tinha uns que chamavam de chico, de boi, de bode²⁰. Minha mãe dizia que tinha se quebrado o pote²¹ quando a mulher menstruava. (Margarida, Viúva, 63 anos de idade).

Existem em nossa sociedade palavras e assuntos que se não são de todo proibidas, são pelo menos evitadas em público. Determinados eventos relacionados ao corpo geram reações como vergonha, medo, receio, sentimentos que se manifestam através de palavras e expressões que fazem referência a um dado assunto sem o dizê-lo diretamente.

Neste caso, lança-se mão de figuras de linguagem como metáforas e eufemismos como forma de tornar mais leve ou suavizar a carga negativa que carregam tais eventos. As metáforas utilizadas para se referir à menstruação nos remetem a um tabu linguístico em que determinadas palavras são utilizadas para substituir o verdadeiro nome de um fenômeno que por vergonha, medo ou receio preferimos não falar.

No caso da menstruação é comum nos depararmos com expressões como estar “de chico”, “de boi”, “de bode”, estar “de regras”, “naqueles dias”, estar “doente”, “indisposta”, “doente dos tempos”, entre outros termos. O modo codificado de se referir ao próprio corpo durante a menstruação nos permite refletir sobre como fenômenos comportamentais estão enredados em uma trama linguística, em que as palavras quando analisadas isoladamente nem sempre conseguem dar sentido a um dado fenômeno social, porém quando examinadas dentro de um contexto específico nos ajudam a compreender como determinadas palavras configuram expressões tabus. A palavra boi, por exemplo, analisada isoladamente, será compreendida como um substantivo masculino que serve para designar certo animal. Contudo, quando analisamos esta palavra dentro de uma circunstância específica, como a menstruação, esta palavra passa a ser compreendida como uma expressão utilizada por algumas mulheres para se referir ao seu período menstrual.

Este tipo de reação linguística também é encontrada quando nos referimos a estados anômalos do corpo como doenças e anomalias físicas e mentais. É como que determinadas doenças como o Câncer ou doenças sexualmente transmissíveis por serem considerados males que fogem ao controle do indivíduo algumas pessoas se recusarem a pronunciar nomes de coisas consideradas nojentas expressam um temor de seu contágio, bem um temor de sua

²⁰ Ver Glossário, p. 108.

²¹ Ver Glossário, p. 108.

realidade, pois falar de uma coisa aumenta a realidade, dando a ideia de proximidade dessa coisa.

A representação que se constrói em torno de determinados processos fisiológicos, bem como acerca de certos males do corpo, como doenças e anomalias, a maneira como nos expressamos linguisticamente sobre determinados eventos do corpo, revela que ao corpo estão associados sentimentos e emoções que são correlações morais que é matizada dentro de dada configuração social.

O modo como nos expressamos linguisticamente a respeito de determinados eventos, como por exemplo, utilizar expressões como “chico” ou “boi” para nos referir a menstruação, constituem discursos, que por sua vez, são lugares de circulação e sentidos de gênero. Portanto, essa maneira codificada de falar da fisiologia feminina não configura necessariamente falta de conhecimento sobre a menstruação, mas, uma prática cultural na qual é comum ao se falar sobre o corpo feminino é comum o uso de metáforas, silêncios e murmúrios.

Além disso, a menstruação não era um assunto que devesse ser tratado assim, em qualquer lugar, com qualquer pessoa, mesmo que esta pessoa fosse alguém da família. A menstruação, assim como outros assuntos, deveria ser conversada apenas entre mulheres. Neste sentido, às mudanças atravessadas pelo corpo feminino vão sendo marcadas por códigos e metáforas, onde podemos perceber toda uma produção discursiva que enquadra o corpo feminino como um espaço regrado, um corpo disciplinado e normatizado.

Na literatura antropológica o tabu está ligado a inibições e proibições que se apresentam como uma forma de dar sentido a temáticas ou assuntos ao quais não se consegue classificar, ou mesmo responder objetivamente. No caso do tabu menstrual podemos perceber a estreita relação entre a ação e a palavra à medida que a forma codificada de se referir a menstruação através de expressões como “estar de boi” ou “estar de chico” está intimamente ligado a um comportamento de inibição marcado por um constrangimento ao falar deste assunto abertamente.

O conceito de tabu é considerado um tema chave para a Antropologia por se tratar de assuntos em que, a tentativa de explicar determinados eventos gera comportamentos e atitudes de proibição, aversão e opiniões contraditórias acerca de certos temas. Lévi-Strauss (1982) vai discutir como a questão do incesto constitui um tabu universal, pois carrega em si, processos inconscientes de estruturação das relações sociais. Para Lévi-Strauss, a regularidade que existe em diversas sociedades com relação à proibição da união entre parentes da mesma organização parental (família) configura um tabu pelo fato de que, são relações que

expressam uma forma de ordenamento inconsciente. O incesto constituiria um tabu pelo fato deste fenômeno desestabilizar uma ordem que é estabelecida de forma inconsciente através da aliança matrimonial.

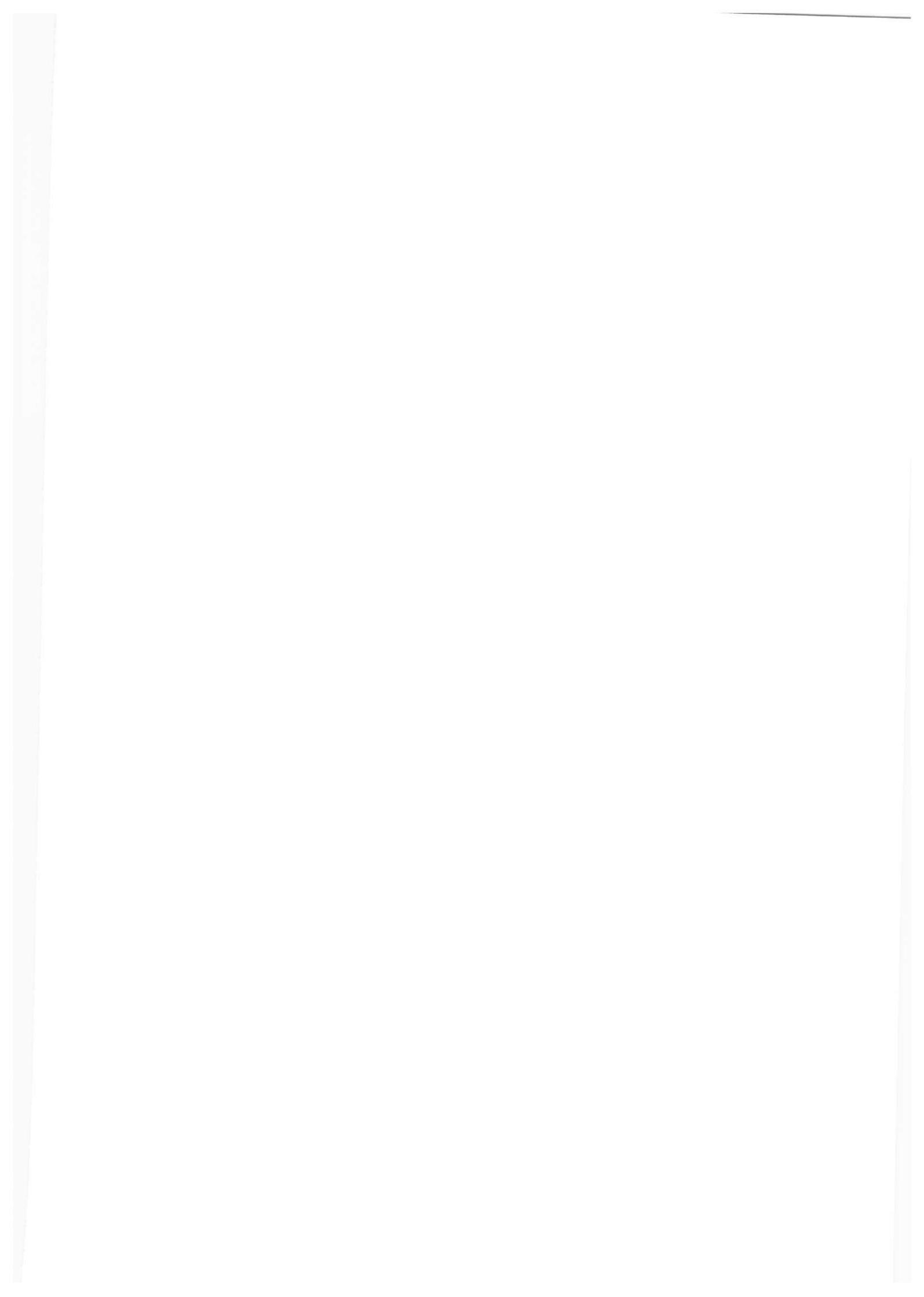
A relação entre comportamento e linguagem aqui, se apresenta no modo como, ao lidar com o tema da menstruação as pessoas lançam mão de uma linguagem codificada, marcada por silêncios e inibições que por sua vez constituem uma linguagem enquanto forma de comunicação que muitas vezes não se faz compreender através da palavra direta, mas, através de gestos, silêncios e códigos que nos apontam para assuntos ou situações tabus.

Neste sentido, a palavra menstruação está investida de um significado de repressão e vergonha, que faz com que esta seja uma palavra do não dito, sendo evitada ou substituída por expressões que tem como objetivo amenizar o peso que carrega esta palavra. Essa forma segredada e codificada de falar da fisiologia feminina constitui uma prática cultural que está associada a uma forma específica de se pensar a mulher. Assim, podemos perceber como o fenômeno menstrual está inserido em um campo simbólico no qual o tabu da menstruação aparece claramente nas várias maneiras de se referir ao corpo menstruado.

É comum em nossa sociedade que certos temas sejam tratados com discrição, em voz baixa, sendo, nestes casos, comum a utilização de metáforas quando se trata de falar sobre o corpo, principalmente em seus aspectos mais íntimos. Essa forma segredada e codificada de falar da fisiologia feminina constitui uma prática cultural que está associada a uma forma específica de se pensar a mulher. Com a menstruação não foi diferente, ao período menstrual foram lançadas uma série de metáforas que iam sendo incorporadas ao vocabulário popular.

Com o objetivo de compreender alguns aspectos simbólicos relacionados à menstruação. Para tanto, buscamos apoio teórico na discussão clássica proposta pelo antropólogo Edmund Leach (1983) acerca da posição estruturada de certos animais no universo social para pensar como determinados animais são utilizados para se referir à menstruação, como por exemplo, “estar de boi”, ou “estar de bode”.

Leach observa que em determinadas situações alguns animais são foco de atitudes rituais, ao passo que outros não. Quando se trata de falar sobre a menstruação alguns animais são utilizados como categoria linguística para se referir a este evento. Isto implica pensar que o modo como empregamos as palavras está intimamente relacionado não apenas com uma forma de organização e classificação dos elementos que nos cercam, mas, também, como nos comportamos diante de determinados eventos aos quais não conseguimos classificar diretamente. O tabu, de acordo com determinadas leituras antropológicas consiste justamente



em uma forma peculiar de se definir aquilo que se encontra na fronteira entre o dito e o não dito, o objetivo e o subjetivo.

Pensando dentro desta lógica, o sangue menstrual assim como outros fluidos e excreções do corpo humano tais como o suor, a sujeira corporal, o sêmen, o leite materno, constituem substâncias ambíguas sendo, portanto, objeto de tabu. Tais substâncias são ambíguas quando pensadas dentro dos limites da relação entre natureza e cultura. Como classificar nestes casos o que pertence ao mundo da cultura e o que se refere exclusivamente ao domínio da natureza quando se trata de substâncias que ao mesmo tempo em que são naturais pelo fato de provirem do corpo humano, são culturais à medida que geram sensações, práticas e comportamentos que são forjadas em um contexto social.

2.3. PÊPÊPÊ E PÁPÁPÁ

Práticas, como esconder e silenciar o corpo durante a menstruação, tornando este um assunto do segredo, constituíram modos variados de vivenciar o corpo. Os cuidados com o corpo durante o período de sangramento, associando-o, muitas vezes a um estado de debilidade, são noções que relacionam a menstruação a um estado doentio do corpo, como diz dona Açucena: ela está doente dos tempos.

Assim, a menstruação é associada à doença, a contaminação, a impureza, exigindo cuidados como: não lavar a cabeça, não comer determinados alimentos nem participar da sua produção seja na colheita seja na preparação de refeições. Estas, entre outras tantas, mencionadas aqui, constituem modos particulares de vivenciar a menstruação. Para algumas mulheres, os cuidados com a alimentação e a higiene do corpo durante a menstruação se deram de forma menos rígida, principalmente mulheres mais jovens entre 26 a 40 anos de idade, a preocupação com os cuidados com o corpo durante a menstruação se davam de forma menos severa do que entre as sexagenárias.

Aí, eu fui contar a história, né. Mais eu já tava no fim. Aí que ela foi me ensinar que tinha que botar paninho que, que tinha que pêpêpê e pápápá, que não podia tomar banho, que não podia chupar manga, que não podia chupar abacaxi. Tudo eu tinha feito, tudo. Porque ninguém me falou nada, por falta de informação, né. Apesar de quê, eu acho que não tem nada haver uma coisa com a outra porque se não eu já teria morrido, e eu não tive nada até hoje. A única coisa que eu tive depois foi uma suspensão de seis meses que eu fiquei sem menstruar, mais aí já foi outro caso. (Begônia, viúva, 73 anos de idade)

Mamãe não deixava nem a gente tomar banho, nem lavar a cabeça, entendeu? A gente só se banhava do pescoço pra baixo, sabe? E às vezes também não era nem com água fria, se tivesse fazendo frio, mamãe não deixava a gente tomar com água fria, era morna. Era como se estivesse doente. A gente ficava durante os quatro dias da menstruação tomando só banho de assento²², sem lavar a cabeça, tinha os dias de a pessoa lavar a cabeça, pra vista de hoje né? (Orquídea, viúva, 63 anos de idade)”.

Olhe minha mãe não deixava a gente comer nada carregado, jaca, manga, abacaxi, essas coisas ninguém comia isso aí. Peru, limão, carne de porco... é guiné... não podia que é muito carregado²³, camarão, o povo diz que é muito carregado. Olhe, pertenceu a comida carregada, mamãe não deixava agente comer nada... pra vista de hoje em dia o povo leva tudo aí, né... o povo hoje come de tudo. (Orquídea, viúva, 63 anos de idade)

Nas falas acima podemos constatar a importância da mãe no processo de formação social da mulher. A fala da mãe é apreendida por estas mulheres como uma lei que não é questionada, e que deve ser cumprida a risca. A autoridade materna sobre este assunto se dá não apenas pela experiência de vida de uma pessoa que já vivenciou fases do desenvolvimento corpóreo como, por exemplo, a menstruação e a maternidade, mas, por uma relação de afetividade que é construto social. Como também é incontestável a autoridade que uma mulher exerce sobre a outra quando estão na relação mãe-filha. Em certa medida, podemos dizer que a mãe é o modelo social a partir do qual a filha é instada a se fazer.

Não ingerir determinados alimentos, nem ao menos tocá-los, não tomar banho, não lavar a cabeça, são algumas práticas que se repetiram ao longo das entrevistas aqui realizadas. Os trechos acima citados apresentam um conjunto de hábitos que nos informam sobre um modo de vivenciar a menstruação. Sendo assim, o corpo menstruado, estava sob a condição de debilidade, devendo, portanto, ser cuidado, através da observância de uma rígida dieta alimentar, além de outros cuidados como não lavar a cabeça, ou mesmo, tomar banho durante este período.

Todos estes cuidados que envolvem o corpo durante a menstruação indicam que o corpo menstruado é um corpo que vivencia um estado ou condição especial, o que, por sua vez, garante também a mulher que vivencia este fenômeno uma condição de especialidade. O fato de sangrar ciclicamente através do canal vaginal promoveu práticas e cuidados que buscam controlar este corpo através de regras e procedimentos disciplinadores, como isolar, limpar, regrar o corpo durante a menstruação.

²² Ver Glossário, p. 108.

²³ Ver Glossário, p. 108.

Douglas (1979) enfatiza como em diferentes culturas conceitos como impureza, sujeira, poluição e contaminação, demonstram como os indivíduos atribuem significados pejorativos a respeito daquilo que não conseguem controlar. Partindo de um método estrutural de análise, Douglas discute como noções de impureza e higiene simbolizam um modo de organização e classificação do universo cultural. Dentro deste raciocínio, o conceito de impureza representaria a desordem ao passo que noções de higiene e limpeza representariam ideias como ordem e organização. Partindo, então, deste pressuposto teórico, as noções a respeito da menstruação ligadas à sujeira e à contaminação representam uma forma de classificação de um fenômeno que, mesmo constituindo um processo hormonal e natural ao organismo feminino é visto como algo que está fora do controle do homem, por ser um evento que está sujeito a uma dinâmica natural.

No entanto, para além de sua dimensão fisiológica, à menstruação são atribuídas significados, sentidos e sentimentos como repulsa, nojo, vergonha que dão embasamento a práticas como esconder e silenciar o corpo e suas manifestações fisiológicas. Portanto, pensar sobre o fenômeno menstrual em um dado contexto social, nos ajuda a refletir também sobre o que significava ser mulher em um determinado grupo, através da análise de comportamentos, condutas e cuidados que orientavam como uma mulher deveria agir e se comportar quando atravessasse seu período menstrual.

Valores, hábitos, costumes ganham sentido e significado nas práticas cotidianas relacionadas à menstruação, as quais sendo realizadas de forma solitária, no segredo e na vergonha, são internalizadas e compartilhadas quando se reconhece o que é ser mulher através de um conjunto de ações, crenças e valores, o que pode indicar as percepções acerca do que significa ser mulher para um dado conjunto social.

Propomos aqui uma reflexão a respeito de como práticas e representações sobre o corpo são reproduzidas de uma geração para outra, contribuindo para a criação de um modelo ou um papel feminino na sociedade. As diferenças psicológicas são em si mesmas insuficientes para explicar os diferentes papéis assumidos por homens e mulheres no universo social. Procuramos então, pontuar certos aspectos comportamentais, valores e crenças relacionados à menstruação, os quais fazem desta, um evento singular para refletirmos acerca da apropriação social do corpo humano, com o intuito de perceber o significado particular da relação que as mulheres em geral mantêm com o seu próprio corpo, ou com os alheios no que diz respeito à menstruação.

Buscamos a partir de uma investigação a respeito dos aspectos subjetivos que atravessam a experiência menstrual adentrar em uma questão fundamental, isto é, a relação

entre natureza biológica e natureza social do sujeito. Para tanto, ouvindo nossas entrevistadas tornou-se possível recuperar essas subjetividades. Pensar a menstruação enquanto eixo para uma reflexão acerca das relações entre natureza e cultura, sendo esta uma questão que ainda hoje constitui um desafio para a antropologia, constitui um esforço intelectual no sentido de raciocinar acerca da natureza do nosso comportamento e sobre o sentido de nossas ações.

2.4. “AÍ, QUANDO EU MENSTRUEI A PRIMEIRA VEZ, AQUELA COISA, MENINA FOI UM DESESPERO”.

Mesmo o corpo feminino estando exposto nas artes de um modo geral: na pintura, na poesia, nos discursos médicos e científicos, as próprias mulheres não falam dele. Quando solicitadas por mim a falarem sobre sua experiência menstrual todas elas, umas mais, outras menos, demonstraram certo constrangimento ao falar sobre o assunto. As conversas se davam entre pausas, silêncios, risos e gestos que configuram maneiras muito particulares de falarem do corpo, em que as transformações pelas quais passam o corpo feminino durante a adolescência são marcadas por murmúrios, risos e vergonhas que fazem com que a menstruação para muitas mulheres seja um evento desconhecido, sendo a menarca uma experiência vivenciada na surpresa e no medo.

Ao se deparar com o primeiro fluxo menstrual a maioria das mulheres com quem conversamos nos relataram nada saber a respeito daquele sangramento antes, e até o momento em que vivenciavam a experiência menstrual pela primeira vez. A falta de conhecimento a respeito do tema antes da primeira experiência menstrual, nos permite perceber um processo de silenciamento quando o tema em pauta é o corpo feminino. O silêncio de mãe para filha sobre as transformações físicas que acompanham a puberdade como no caso da menstruação fazem desta experiência uma surpresa mesmo esta constituindo um processo natural ao qual todas as mulheres estão sujeitas. Para Begônia, a menstruação foi recebida na surpresa, já que nunca havia ouvido falar nada sobre menstruação:

Aí, quando eu menstruei a primeira vez, aquela coisa, menina foi um desespero, foi uma agonia tão grande. E eu não sabia como fazia porque não sabia que tinha que usar pano, na época não era absorvente não, isso é muito chique, na época era paninho mesmo, e eu não sabia de nada disso porque eu nunca tinha visto da minha mãe, ninguém me explicou. (Begônia, viúva, 63 anos de idade).

Ao analisar a fala acima, percebemos que a falta de informação a respeito dos fenômenos orgânicos inerentes a sua própria fisiologia fez com que o corpo feminino fosse encarado como um lugar do silêncio e até mesmo do medo. Portanto, ao nos debruçarmos sobre o que foi dito sobre a menstruação, levamos em conta não só as falas proferidas por nossas entrevistadas, mas, em certos momentos, a ausência da palavra, do discurso encadeado, a presença do silêncio.

A relação mãe-filha passa por silêncios e segredos quando o assunto é o corpo da mulher e suas transformações. No caso das transformações físicas e orgânicas sofridas pelo corpo feminino ao longo do tempo, a menstruação se apresenta como uma experiência extremamente relevante que nos permite perceber os tabus que envolvem o corpo feminino, principalmente em seus aspectos mais íntimos. Ao ouvir os relatos aqui compartilhados de mulheres que se dispuseram a dividir conosco lembranças e recordações que marcaram suas vivências e contribuíram de algum modo para que elas construíssem um senso de si mesmas.

A fala de Begônia demonstra sentimentos como o susto seguido de desespero que sentiu ao se deparar com o sangramento proveniente da primeira menstruação (menarca). O medo, segundo ela, era resultado do desconhecimento de aspectos referentes à própria fisiologia. Quando ela diz: “eu não sabia de nada disso porque eu nunca tinha visto da minha mãe”. Podemos pressupor nesta relação mãe-filha um silêncio acerca de assuntos relacionados ao corpo e suas transformações. Um processo de silenciamento que se repete na grande maioria de nossas entrevistadas, tanto naquelas que nada sabiam a respeito da menstruação antes de vivenciar esta experiência. Como também naquelas que já sabiam o que era a menstruação, como ocorria este processo, mas que obtiveram estas informações através de amigas e vizinhas, mas nada vieram a saber através da figura materna, como nos conta Papoula:

Já tinha ouvido falar na menstruação pelos outros, pelas amigas, pela mãe mesmo não, ela nunca falou nisso não. Eu menstruei com quinze anos, eu menstruei velha. Eu menstruei com quinze, mais pra mim foi uma surpresa assim. Assim eu esperava, né, que poderia acontecer mais não sabia como era. Porque mãe nunca falou dessas coisas comigo, né. (Papoula, casada, 32 anos de idade).

Para Papoula, a menstruação não foi recebida na surpresa, diferentemente da maioria de nossas entrevistadas, que estão na faixa etária dos 60/80 anos, que só vieram a saber o que era a menstruação após vivenciarem esta experiência na própria pele. Segundo o relato citado

acima, já conversava sobre o assunto entre amigas através das quais recebeu as primeiras informações a respeito da menstruação.

Vale ressaltar que Papoula, aos trinta e dois anos de idade é parte de uma geração posterior a maioria de nossas entrevistadas, composta por mulheres com idades que variam dos sessenta a oitenta anos de idade. Diante desta ressalva, optamos por trabalhar com mulheres pertencentes a diferentes gerações para pensarmos um pouco sobre continuidades e mudanças no modo como as mulheres cuidam, pensam e agem sobre o próprio corpo quando atravessam seu ciclo menstrual.

Quais as invariâncias com relação ao corpo menstruado em diferentes épocas e contextos? Como mencionamos anteriormente, a maior parte de nossas entrevistadas vivenciou a primeira menstruação em uma média geral de seis décadas atrás, entre as décadas de 1950 e 1960²⁴ no espaço rural²⁵ do município de Cuité. Procuramos pensar como mulheres em períodos distintos e contextos específicos dão significados aos processos corporais que possuem em comum (menstruação, maternidade, menopausa), no nosso caso, tomamos a menstruação como eixo para pensar este fenômeno que, ao mesmo tempo em que constitui um fenômeno natural, gera consequências que se apresentam em um plano social e cultural.

Em seus relatos sobre a vivência da menstruação nossas entrevistadas nos deixam entrever o pouco ou nenhum conhecimento que tinham a respeito do funcionamento fisiológico de seus corpos. Em muitos momentos durante as entrevistas todas, até aquelas mais “desinibidas” deixam transparecer certa timidez, pudor e vergonha ao falar a respeito de uma experiência que é socialmente tratada apenas na intimidade ou mesmo na solidão, no sentido de não ser uma experiência compartilhada abertamente em público, mas revelações que se fazem apenas no âmbito do privado.

É pertinente aqui fazer uma consideração a respeito do “público” e do “privado” enquanto questões que vêm sendo discutidas como esferas totalmente dissociadas uma da outra. No entanto, a máxima “o pessoal é político” utilizada pelo movimento feminista na década de 1980, tem como objetivo mostrar a associação entre estas duas esferas no sentido de trazer questões vivenciadas no âmbito do privado para o debate público e político.

²⁴ Traçamos esta estimativa baseando-se tanto nas datas de nascimento bem como nas idades aqui relatadas em que nossas informantes vivenciaram a primeira menstruação (menarca).

²⁵ O espaço rural constitui um ambiente onde saberes e discursos fecundarão rapidamente entre a população local. Atravessado por uma intensa rede de sociabilidade, que por sua vez é gerida e garantida por relações de vizinhança, parentesco e compadrio, a zona rural constitui um campo propício ao surgimento de crenças e tabus que ganham força em práticas e saberes que são passados de geração para geração.

O que buscamos enfatizar aqui é que determinados eventos, tais como a menstruação, mesmo constituído experiências vivenciadas no âmbito do privado de forma solitária, constituem eventos sociais à medida que só ganham sentido quando contextualizado em uma dinâmica social que dá sentido e significado as práticas mesmo que estas se deem de forma discreta dentro do espaço domiciliar.

2.5. “NAQUELE TEMPO NÃO ERA COMO HOJE QUE A MULHER FAZ DE TUDO E NÃO TEM MEDO DE NADA”.

Menstruei a primeira vez aos doze anos de idade. Quando a menstruação chegou, eu já sabia o que era e também já sabia o que fazer. Nós usávamos uns paninhos que nós mesmas fazíamos, lavávamos e passávamo-los bem passados antes de usar. Naquele tempo não era como hoje que a mulher faz de tudo e não tem medo de nada. Nós antigamente não podíamos nem pegar em um limão que fazia mal. Não tomávamos banho quando estávamos naqueles dias, ficávamos uns quatro dias assim, só se banhando. Não comíamos nada de comida carregada, macaxeira, carne de porco, abacaxi, jaca, manga. Tudo que fosse carregado nós não podíamos comer. (Gardênia, solteira, 84 anos de idade).

Quando fui entrevistar dona Gardênia, uma senhora muito simpática e brincalhona conhecida da família, saí de casa animada com a entrevista, e enquanto caminhava até a casa desta senhora ia elaborando na memória um roteiro que orientasse nossa conversa. Dona Gardênia morava na casa da irmã Magnólia, com quem pude conversar sobre o tema também. A conversa havia começado de forma descontraída e, antes de abordar diretamente o assunto, falamos sobre família e outros conhecidos. No entanto, ao explicar um pouco acerca do objeto dessa pesquisa e como me interessava em refletir sobre os sentimentos, práticas e saberes que envolviam a experiência menstrual percebi em dona Gardênia certo desconforto em falar de uma experiência tão íntima como a menstruação.

Nossa conversa então foi marcada por silêncios e constrangimentos, era perceptível o incômodo da entrevistada ao falar sobre sua experiência menstrual. Ela foi sucinta, e de forma breve e objetiva resumiu sua reação diante da primeira menstruação, como cuidava do corpo durante o período menstrual e quais as principais interdições observadas durante a menstruação. A irmã, Dona Magnólia, que também participava da conversa se mostrou mais acessível em nos contar sobre suas memórias sobre a menstruação.

Quando casei as coisas foram mudando aos poucos, já comentava com o marido alguma coisa sobre o assunto. Para minhas filhas passei as mesmas coisas que tinha aprendido em minha casa sobre a menstruação, mais com elas já foi diferente, elas comiam de tudo, tomavam banho e até lavavam os cabelos quando estavam de Chico, como a gente chamava antigamente quando a mulher estava menstruada. (Magnólia, viúva, 78 anos de idade).

Na fala de dona Magnólia podemos perceber alguns aspectos relacionados à menstruação dentro do casamento, quando demonstra que a figura masculina do marido fora mais acessível, não que se falasse abertamente com o cônjuge sobre aspectos tão íntimos, mas, como ela mesma nos conta: “já comentava com o marido alguma coisa sobre o assunto”.

Devo confessar que voltei para casa um pouco frustrada com a entrevista, deixei o material ainda um tempo por transcrever, talvez porque havia imaginado que a entrevista se desenvolveria em clima descontraído e que dona Gardênia se mostraria desinibida ao falar sobre o tema e conversaríamos sobre o assunto sem embaraço ou constrangimento. Então resolvi começar pela análise da entrevista da irmã dela, dona Magnólia, iniciei meu estudo pelos dados mais formais tais como: idade, escolaridade, estado civil, entre outros, como uma forma de facilitar o trabalho de reflexão sobre o lugar de fala da entrevistada.

Neste caso, quem me falava sobre suas memórias sobre a menstruação era uma senhora, dona de casa, casada, com filhos e netos. Só ao refletir sobre a condição de dona Gardênia, foi que pude perceber a diferença que havia nas vivências dessas duas mulheres e que se expressavam tanto na fala de uma quanto no silêncio da outra com relação a assuntos referentes ao corpo em seus aspectos mais íntimos.

MAGNÓLIA

- Esposa
- Mãe
- Avó

GARDÊNIA

- Solteira
- Tia

Os processos corporais são uma das constantes importantes sobre as quais repousa a organização social, à medida que os papéis sociais que os indivíduos iram assumir seguem um ciclo biologicamente definido que ganha sentido através de um conjunto de disposições e valores culturais. Em diferentes conjuntos existem disposições e valores culturais relacionados a diferentes estágios de vida dos indivíduos, que vai desde a infância até a fase adulta.

O ciclo orgânico constitui um determinante no padrão de conduta que é seguido pelos indivíduos de um modo geral mais ou menos semelhante: nascimento, infância, puberdade, estado adulto, velhice, morte. Dentre os processos corpóreos que marcam a trajetória social dos indivíduos em um dado conjunto, a menstruação, constitui um evento rico simbolicamente para se pensar sobre o corpo enquanto foco de valores e normas.

Em nossa sociedade a puberdade e a idade adulta são para a mulher foco de situações e funções que são definidas culturalmente e marcadas socialmente através de comportamentos e valores que assinalam a passagem de uma situação a outra. Portanto, a primeira menstruação, o matrimônio, o parto, a menopausa, são eventos que marcam a passagem para uma nova condição, de menina para moça (menstruação); de mulher para esposa (matrimônio); de esposa para mãe (parto); de mulher fértil para a condição de improdutiva (menopausa). São sequências ditadas biologicamente e marcadas socialmente, de modo que nos ajudam a perceber como a relação entre indivíduo e natureza, ou sociedade e natureza se desenvolvem de forma complexa através de uma relação de dependência de um em relação ao outro.

As marcações que atribuímos aos ritmos orgânicos fazem com que processos corporais afetem a vida humana socialmente. A forma como registramos ou celebramos certos momentos como uma espécie de passagem de uma condição para outra através de gestos, ações e atitudes está intimamente relacionada ao modo como nos reconhecemos socialmente enquanto mulher ou homem. Logo, ser mulher na sociedade ocidental passa pela vivência da puberdade e toda carga simbólica que carrega a menstruação, pelo casamento e pela maternidade, entre outros momentos que marcam a trajetória social da mulher.

Dentro desta perspectiva, ao comparamos a trajetória social de dona Gardênia e de sua irmã Magnólia pudemos perceber como as falas ou mesmo a ausência delas, os silêncios, ações e atitudes expressavam lugares sociais distintos, pois, mesmo se tratando de duas senhoras, que partilhavam valores e condutas morais, a experiência social de cada uma se distanciava da outra pelo fato de uma delas não ter vivenciado determinadas experiências tais como o matrimônio e a maternidade que, por sua vez, constituem eventos que marcam de forma profunda uma mudança de estado social da mulher.

Os silêncios que marcam a fala de dona Gardênia apontam o lugar social daquela fala, ou seja, podemos pensar em uma trajetória social feminina incompleta, já que algumas etapas importantes na formação social desta senhora não teriam sido cumpridas adequadamente dentro de um padrão cultural específico. Não casar, nem ter filhos pode significar que a mulher não cumpriu seu ciclo natural, não estando, deste modo habilitada a falar acerca de experiências mais íntimas.

Dentro desta perspectiva o desconforto de dona Gardênia em falar a respeito de sua experiência menstrual pode ser lido através do lugar de fala de nossa entrevistada. Estamos falando aqui de uma senhora de oitenta e quatro anos de idade, solteira e sem filhos. Assim como a menstruação, o casamento e a maternidade operam como uma espécie de passaporte em que a mulher ao vivenciar estas experiências está apta a assumir novas condições sociais respectivamente a de esposa e a de mãe.

No entanto, ao pular certas etapas que marcam o ciclo de vida social, a mulher estar rompendo com uma série de responsabilidades e obrigações que são exigidas de uma esposa e de uma mãe. Sendo assim junto com o casamento e a maternidade está embutida a noção de uma nova condição, não mais senhorita como era designada a moça solteira, mas agora, a senhora, dona de casa e mãe da família.

2.6. “PRONTO, AGORA JÁ SOU MOÇA”.

O surgimento do primeiro sangue menstrual, nada mais é, do ponto de vista biológico e orgânico, do que a manifestação de uma transformação hormonal que faz parte de um processo biológico que a mulher irá desenvolver em seu corpo. Do conjunto dos depoimentos, podemos perceber a primeira menstruação como um momento de transição, no qual a mulher deixa de ser criança e passa agora a se enxergar como mulher, deixando de lado muitas vezes brincadeiras e comportamentos infantis e assumindo uma postura mais séria.

Para essas mulheres a menstruação significou uma nova leitura de seus corpos, bem como a construção de um novo senso de si mesmas à medida que adotavam um novo comportamento. Desse modo, o ato da menstruação significou um momento de passagem da infância para uma nova condição, a de mulher. Como nos diz a célebre frase de Simone de Beauvoir: “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Dentro desta perspectiva a experiência com a primeira menstruação implica, de acordo com as entrevistas realizadas uma mudança de um estado para outro. Será, pois, a partir do ato da menstruação que a mulher irá assumir certos papéis que por sua vez estarão intimamente

relacionados aos processos biológicos decorrentes da puberdade. Já que, de acordo com o senso comum, antes da primeira menstruação (menarca) a mulher ainda é vista enquanto criança, juvenil. No entanto, a partir da menstruação, esta passa a ser encarada enquanto “mocinha”, passando a ser vista enquanto mulher, logo após sua iniciação sexual. Como podemos ver nos trechos que seguem:

Depois que a gente sabia o que era a gente ficava até alegre. Dizia: - Pronto, graças a Deus já estou moça! Agora a gente não vai mais ficar brincando de boneca, que isso aí é coisa de criança de ficar brincando de boneca. (Orquídea, viúva, 63 anos de idade)

Aí minha mãe ficava: - Ah porque agora você não é mais criança, porque agora você já é moça, por que agora já moça, porque não pode namorar porque se não se perde, porque não pode beijar se não se perde se pegar na mão já perdeu a honra. E eu pensava que honra, que diabo de honra, o quê que é honra né. E não namorava, eu não namorava mesmo. (Begônia, viúva 73 anos de idade).

O fato é que noções culturais a respeito das mulheres frequentemente estão associadas a características biológicas ou naturais (fertilidade, maternidade, menstruação). Desde cedo, já na adolescência a mulher é ensinada a limitar seus movimentos, andar moderadamente, sem correr. Todo esse cuidado em esconder e silenciar o corpo pode também ser pensado como uma forma de controle sobre os fenômenos naturais o que torna muito difícil e complexa a separação entre natureza e cultura. A menstruação é um elemento importante para se discutir a complexidade da divisão natureza/cultura à medida que traz para um plano cultural elementos de ordem natural, como o sangue que é vertido todos os meses pelo corpo feminino em seus ciclos menstruais.

O impacto da primeira menstruação na vida de Orquídea, que recebe este evento com satisfação, pois a menstruação lhe confere agora um status de moça, e não mais de criança. Neste sentido, a menstruação constitui para muitas mulheres uma espécie de passaporte da infância para a vida adulta. A partir da menstruação seu corpo experimenta sensações e mudanças que iram interferir diretamente no modo como a mulher irá se comportar a partir daquele momento.

O surgimento do primeiro sangue menstrual, nada mais é do que a manifestação de uma transformação hormonal que faz parte de um processo biológico que a mulher irá desenvolver em seu corpo. Entretanto, do conjunto dos depoimentos, podemos perceber a primeira menstruação, como um momento de transição, onde a mulher deixa de ser criança e

passa agora a se enxergar como mulher, deixando de lado muitas vezes brincadeiras e comportamentos infantis e assumindo uma postura mais séria. Para essas mulheres a menstruação significou uma nova leitura de seus corpos, bem como a construção de um novo senso de si mesmas à medida que adotavam um novo comportamento. Desse modo, o ato da menstruação significou um momento de passagem da infância para uma nova condição de mulher.

A mulher, enquanto ser biológico está sujeita a processos orgânicos como reprodução, amamentação e menopausa. Nesse estudo, enfatizamos a menstruação como um fenômeno que mesmo se dando em um plano natural, em sua existência cotidiana é percebido e avaliado a partir de referências que respondem muito mais a uma dinâmica social. Esse modo de pensar o corpo como um espaço marcado simbolicamente. Em seus estudos sobre a socialização do corpo Michael Foucault discute como práticas de educação e adestramento do corpo são empreendidas no sentido de promover uma domesticação do corpo enquanto um espaço que deve ser disciplinado e controlado. Em sua arqueologia do saber médico, Foucault discute como o saber médico contribuiu na elaboração de uma racionalidade científica juntamente com uma nova estruturação do poder que era sustentado pelo discurso médico. Dessa forma, os saberes médicos sustentaram conceitos e representações sobre a natureza feminina e suas particularidades, atuando diretamente na construção de regras e normas que atingiam a mulher e sua construção identitária. Sendo assim, o discurso médico esteve inserido dentro do pensamento social, político e filosófico, entre os séculos XIX e XX, na implementação de reformas sociais, onde o corpo foi alvo de processos normativos de controle e disciplina, garantindo não só a saúde do indivíduo, mas, da sociedade.

Neste sentido, a ciência moderna, se apresenta enquanto uma nova forma de enxergar e explicar o mundo, a partir de conceitos naturais e humanos, que buscam apreender o mundo natural por meio de métodos e técnicas como a observação empírica, a classificação, experimentação e a nomeação dos elementos, causando uma verdadeira revolução nos pilares das teorias científicas. As ciências ditas modernas impõem alguns princípios, nos quais o conhecimento passa a ser compreendido como um processo objetivo, calcado em preceitos dicotômicos, onde o observador encontra-se separado da realidade analisada, assim como a natureza e a cultura, dessa forma o corpo será avaliado em separado da mente. Assim, no século XIX, o discurso medico-científico constituiu uma visão sobre o corpo feminino fundamentada na diferenciação sexual, na qual a mulher é tida como o oposto, diferença essa que está indissociavelmente ligada ao seu corpo. Nesta distinção homem/mulher, o discurso

médico produz pesquisas e discursos direcionados ao corpo feminino, atribuindo a estes significados práticos ao protótipo biológico das diferenças sexuais.

Dentro desta perspectiva, o corpo feminino será pensado a partir de signos que se referem à maternidade, a inibição sexual, a domesticação do corpo, pautando o universo feminino dentro de um quadro de forças sociais que modelam comportamentos e valores femininos que enquadram a mulher em uma posição de submissão e recato, obedecendo, assim, a uma força moralizadora sociocultural.

Vivenciada no silêncio e na vergonha, a menstruação constituiu um tabu para muitas mulheres, que relataram nada ou quase nada saber a respeito deste tema antes da primeira menstruação. Sem maiores indagações, estas mulheres aprenderam na própria experiência o que era a menstruação.

O silenciamento de mãe para filha com relação à menstruação pode indicar uma prática que se dá em conformidade com um ideário feminino no qual ser mulher é silenciar o próprio corpo. Dentro desta perspectiva, a menstruação constitui uma experiência a ser vivenciado de forma solitária, constituindo, deste modo, um assunto do silêncio e do segredo. Assim, o corpo feminino e suas especificidades carregam certas marcas, como vergonha, silêncio, segredo, que podem indicar um senso social do que significa ser mulher. Dentre estas marcas a discricção e o silêncio com relação ao que acontece em seu próprio corpo são práticas que nos ajudam a compreender relações sociais que se expressam no modo como a mulher esconde e silencia seu corpo.

A menstruação, assim como outros assuntos, deveria ser conversada apenas entre mulheres. Neste sentido, às mudanças atravessadas pelo corpo feminino vão sendo marcadas por códigos e metáforas, onde podemos perceber toda uma produção discursiva que enquadra o corpo feminino como um espaço regrado, um corpo disciplinado e normatizado. Nos relatos de nossas entrevistadas podemos perceber uma forma segredada quando falam de seu corpo, assuntos como a menstruação deveria ser falado em voz baixa entre murmúrios e sussurros, mostrando que a menstruação era um assunto da ordem do privado e do proibido, onde o medo e a vergonha permeiam o modo como nossas entrevistadas irão representar seus corpos no silêncio e no segredo.

A experiência particular de nossas entrevistadas associada às representações culturais do grupo social do qual fazem parte, promoveram práticas e saberes que interferem diretamente nas formas como essas mulheres vivenciarão a experiência da menstruação em seus corpos. Entendendo a experiência menstrual dentro de uma lógica cultural específica

podemos perceber que essas mulheres produzem e reproduzem representações cotidianamente em práticas, saberes e discursos.

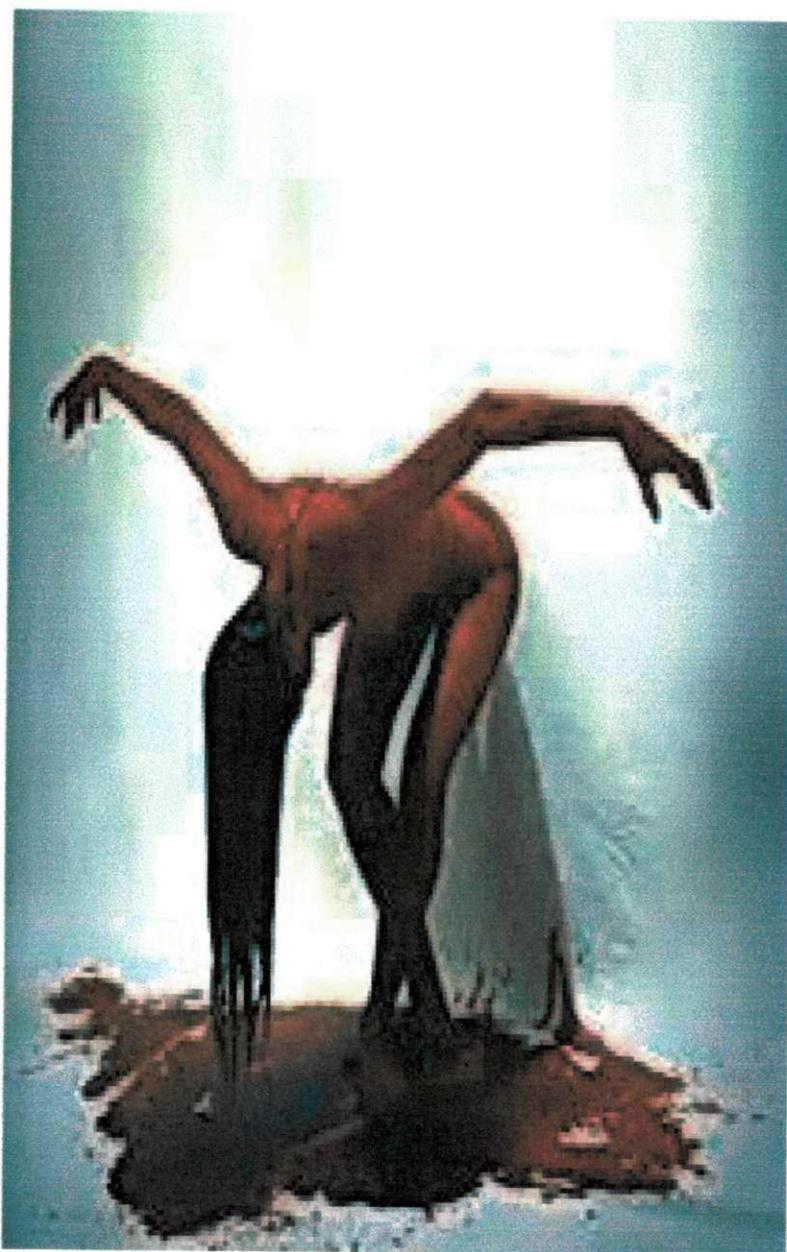


Imagem retirada do endereço em-mim-serenamente-2-blogspot.com, consultado no dia 1º de agosto de 2013.

CAPÍTULO III

O SANGUE MENSTRUAL E SUA MAGIA

3.1. MENSTRUACÃO: FEITIÇO E MAGIA

Este capítulo consiste em perceber o sangue menstrual como um elemento rico simbolicamente para refletir sobre uma lógica que ordena as representações a respeito do corpo menstruado e seus fluídos. Em seguida buscamos discutir os desdobramentos que essas visões a respeito do sangue feminino têm sobre o modo como a mulher menstruada será percebida dentro de um universo sócio cultural.

Para tanto, partimos do entendimento de que não existem processos estritamente biológicos, pois todo conhecimento é mediado pelas representações e subjetividades. Então, o que a ciência biológica descreve é algo substancialmente distinto daquilo que é concebido e vivido pelos seres humanos e sociais. Por outro lado, o discurso cientificista tendeu a considerar as crenças e valores que envolvem o corpo menstruado como resultante da ausência de conhecimento ou superstição. E que para nós, constitui-se num importante material de análise e reflexão sobre a construção das relações sociais.

É importante ressaltar que o foco deste trabalho é a discussão sobre a menstruação como um processo que se desenvolve muito mais em um plano social e cultural do que propriamente natural. Neste sentido, ao analisarmos a representação que se constrói acerca do sangue menstrual, implica pensar em como determinadas práticas como higienizar, isolar e esconder este sangramento, constituem modos de significação em que o sangue pode ser entendido tanto como uma substância poluída e contaminadora, como também, como sinal de saúde e fertilidade.

No caso da fertilidade, o sangue menstrual esta para a mulher assim como o sêmen está para o homem, isto é, uma substância com potencial enquanto substância condutora de fertilidade. No entanto, é importante frisar que, o sangue menstrual, ao mesmo tempo, que pode ser lido como sinal de fertilidade, também pode ser visto como prova que não se concebeu uma vida. Logo, este sangramento pode indicar coisas distintas.

No entanto, entre nossas interlocutoras, além de sinalizar vida (fertilidade) ou morte (esterilidade), o sangue vertido pela mulher durante a menstruação tem um efeito

transformador na experiência de vida, o primeiro sangue menstrual tem para muitas mulheres o significado de passagem para uma nova condição, antes menina agora moça. O sangue após a primeira relação sexual é para muitos, mulheres e homens um atestado de virgindade, neste caso, da perda da virgindade, o que configura também a passagem para uma nova condição a de moça (virgem, pura e casta) para mulher.

Quando minha irmã menstruou a primeira vez, eu acho que minha mãe até escondeu do meu pai, sabe, escondeu. Aí quando foi quando foi da outra vez, no próximo ciclo que ela menstruou, eu lembro que a gente estava até na calçada brincando. Aí uma coleguinha disse: - Girassol, você está sangrando, aí ela correu pra casa, aí não teve como esconder do nosso pai, né. Porque o pessoal ficou comentando aí meu pai ficou sabendo né. Porque ele ainda não sabia que ela tinha menstruado. Ela tinha menstruado uma vez só e minha mãe escondeu do meu pai. Aí quando foi no próximo ciclo, ela menstruou novamente e ele não teve como não ficar sabendo. Quando ficou sabendo, ele (pai) queria bater nela (irmã) minha filha, avançou nela, minha mãe foi que ficou protegendo. Ele (pai) dizia que aquilo era coisa de mulher vagabunda, safada, que não era coisa de mulher direita. Eu digo: Minha nossa! Eu fiquei assombrada e morrendo de medo porque eu não tinha menstruado ainda, ela tinha quinze anos eu tinha treze né. Aí eu fiquei assombrada morrendo de medo até então. Minha menstruação também veio bem tarde e eu fiquei feliz né, porque eu vi aquela confusão e fiquei com medo de acontecer à mesma coisa comigo (Vitória Régia, casada, 43 anos de idade).

Vitória Régia aprendeu de forma traumática que a menstruação poderia indicar uma mudança de status social. A reação de seu pai ao saber que sua irmã havia menstruado, lhe causou medo, ao perceber que, menstruar poderia significar uma mudança que se manifestava de forma muito mais drástica nas relações familiares, do que no corpo. Podemos perceber nesta fala que, a menstruação produziu sentimentos como medo, raiva, angústia, vergonha, emoções que fazem deste evento um momento marcante não só na vida da jovem que o vivencia, mas dos familiares, que passam a vê-la de outro modo, como atesta o comportamento brusco do pai ao saber que a filha havia menstruado.

Buscamos aqui compreender o significado que tem o sangue menstrual baseando-se em diálogos estabelecidos com um conjunto de mulheres que nos contaram suas angustias, sentimentos. Neste caso, buscamos discutir a menstruação como um fenômeno que, mesmo sendo vivenciado em épocas e contexto distintos, produz subjetividades e significados que permanecem no imaginário dos atores sociais. Nosso intuito ao entrevistar mulheres que, vivenciaram sua primeira experiência menstrual em tempos e conjunturas sociais diferenciadas para pensar como processos corporais femininos, mais especificamente, a menstruação, promovem cuidados, símbolos e sensações que, se não são os mesmos, guardam semelhanças que fazem da menstruação uma variável de extrema relevância quando se trata

de perceber o corpo feminino como um espaço afetado por elementos culturais. Portanto, não é tão simples porque se não é sempre igual o modo de se tratar a menstruação, até onde sabemos, em nenhuma sociedade ou grupo humano, a mulher que menstrua é tratada do mesmo modo daquela que não está menstruada.

Neste sentido, Martin (1987) elabora uma reflexão acerca principalmente de processos como a menstruação, o parto e a menopausa, em que tanto a menstruação como a menopausa são analisadas do ponto de vista da reprodução. Seguindo a lógica proposta por Martin, a menstruação tal qual como aparece descrita no discurso médico é vista como uma falha no processo de produção. Já a menopausa é percebida como o momento que marca o fim da produção.

Segundo evidências etnográficas demonstram que entre uma diversidade de grupos culturais, o sangue é concebido como fluido carregado de simbolismo, dentro ou fora do corpo. A manipulação do mesmo por meio de práticas relacionadas à magia como a utilização desta substância na realização de rituais religiosos nos ajudam a refletir sobre o caráter simbólico do sangue.

Em religiões de matizes africanas é proibida a participação de mulheres em rituais, na manipulação de objetos e até mesmo adentrar em determinados espaços considerados sagrados durante a menstruação. Silva (2013) discute justamente a questão do modo como a mulher, mais precisamente, uma Mãe de Santo, lida com o seu ciclo biológico (menstruação) em suas obrigações ritualistas, já que a menstruação na religião Nagô assim como em outras religiões constitui um tabu em que a mulher está sujeita durante seu período menstrual a um estado de impureza que a impede de realizar determinadas atividades consideradas sagradas durante o ritual religioso.

Neste sentido, Cascudo (1978) ao discorrer sobre o Catimbó chama a atenção para o fato do menor número de participação feminina dentro desta atividade na qualidade de mestras. A menor porcentagem feminina nesse tipo de atividade se dá justamente por crenças que responsabilizam a mulher que está sujeita ao seu ciclo menstrual de manipular ou mesmo tocar em determinados alimentos pelos efeitos desfavoráveis que a menstruação supostamente produzia sobre os alimentos. Assim, tarefas como cozinhar, realizar matanças de animais, colher ervas sagradas, realizar certas tarefas ritualísticas tarefas que, segundo Cascudo (1978), só poderiam voltar a ser realizadas por elas (mulheres) quando chegavam à fase da menopausa.

A crença nos malefícios produzidos pela menstruação está relacionada ao fato de a mulher está sujeita a seu ciclo biológico de modo que esta não possa exercer o controle sobre

o próprio corpo que faz com que a mulher seja percebida no universo desta crença como sendo menos capaz que o homem para a realização de rituais e manipulação de feitiços.

O sangue menstrual adquire um significado de gênero, diferenciando homens e mulheres. Na esfera das práticas religiosas e ritualísticas relacionadas à feitiçaria e a magia, o sangue feminino transportaria substâncias impuras e ao mesmo tempo poderosas capazes de azedar o leite, botar a perder o preparo da comida, fazer secar o leite materno e até mesmo levar a loucura aquele que ingerir essa poderosa substância.

Dentro desta perspectiva, compreendemos que o sangue menstrual tanto pode ser percebido enquanto uma debilidade feminina, que a deixa incapacitada de executar determinadas tarefas, sejam tarefas de ordem ritualísticas como a manipulação de elementos tidos como sagrados durante dadas cerimônias religiosa, assim como em tarefas mais corriqueiras como cozinhar. Entretanto, este mesmo sangramento pode constituir um indicativo de poder sobre os outros, principalmente sobre os homens.

De acordo com alguns trechos de nossas interlocutoras, percebemos em suas memórias a reprodução de representações da menstruação associadas à sujeira, ao mau cheiro proveniente do fluxo menstrual, reproduzindo discursos e representações nos quais o sangue mensal aparece como responsável por doenças e transtornos físicos, principalmente quando utilizado por determinadas mulheres para realização de magias e feitiços para conquistar e seduzir o homem desejado.

Olha, eu escutei a minha mãe falando assim, contando essas histórias. Aí quando se interessava por um namorado, por uma coisa assim, tinha umas moças que faziam simpatias, né. Tem pessoas que os rapazes até ficavam doentes, com problema de estômago, com tudo, porque era uma coisa muito nojenta, né. É uma coisa assim, pelo amor de Deus, nossa senhora! Eu ouvi muito, nunca fiz, eu mesma nunca fiz, mais ouvia sim. Porque eu acho isso uma sujeira, uma baixaria muito grande, sabe. Esse tipo de simpatia assim, pode ser que dê certo, mas... (Begônia, viúva 73 anos de idade).

Nesse discurso, o sangue utilizado nesses rituais de magia causava acidentes e contratempos aqueles que ingeriam este líquido, fazendo do útero feminino um espaço retentor de um veneno capaz de acamar o sujeito que dele provasse. Esse tipo de pensamento ganhou respaldo na tradição cristã, que contribuiu na consolidação dessas crenças, cuja visão a respeito do corpo menstruado era de um lugar de impudência e sujeira, advertindo aos homens quanto à importância de se manterem afastados de suas mulheres durante o período em que estivessem menstruadas, evitando que fossem contaminados por elas.

Os processos fisiológicos vivenciados pelo corpo feminino são marcados por símbolos e significados que se apoiam, muitas vezes, em visão metafísica, envolta em crenças e mistérios. Priore (2002) elabora uma pequena análise histórica sobre aspectos relacionados ao corpo feminino, mais precisamente, discutindo aspectos referentes às especificidades da fisiologia feminina, a história do baixo-ventre, como ressalta a autora, o sul do corpo.

Os mistérios da fisiologia feminina, ligados aos ciclos da lua, ao mesmo tempo em que seduzia os homens, repugnava-os. O fluxo menstrual, os odores, o líquido amniótico, as expulsões do parto e as secreções de sua parceira repeliam-nos. O corpo feminino era considerado como fundamentalmente impuro. Polo negativo, portanto, na dicotomia com que era interpretado. (DEL PRIORI, 2002)

Vale ressaltar que a crença no estado de impureza representado pelo ciclo menstrual não está restrito apenas a esfera das cerimônias religiosas, mas, abrange um sistema de crenças bastante amplo em que o sangue menstrual, assim como outros fluidos e excrementos produzidos pelo corpo constitui elementos tabus, como, por exemplo, a crença na *panema*, analisada em pesquisas realizadas pelos antropólogos Charles Wagley e Eduardo Galvão, e revisitada e investigada por Mata (1973), no qual se debruçou sobre os estudos e pesquisas que foram realizadas acerca da *Panema* em Itá (comunidade amazônica).

Mata discute a questão da crença na *Panema* a partir de uma perspectiva estruturalista para pensar a dicotomia entre natureza e sociedade, no sentido de que, este tipo de crença permite perceber como atividades como a caça e a pesca nesta comunidade não são vistas enquanto atividades exclusivamente técnicas, mas, estas são atividades permeadas por elementos subjetivos ou sobrenaturais, que apontam para a entrada do indivíduo em um universo que não é regido por leis humanas e controláveis. De acordo com esta crença, se uma mulher menstruada tocar num dos apetrechos de caça ou pesca de um indivíduo, este indivíduo ficará *Panema*.

Segundo Mata, a *Panema* se aplica a atividades como a caça e a pesca como uma tentativa de lidar com situações que em seu contexto apresentam sempre um risco ao homem à medida que não oferecem nenhuma garantia se a pesca ou a caça será bem sucedida ou não, pois o lugar em que este tipo de atividade se desenvolve, ou seja, a natureza, aparece para o pescador e caçador como um lugar permeado por elementos sobrenaturais que estão além do controle do homem.

Assim como a crença na *Panema*, o tabu menstrual também constitui uma variável relevante no que concerne a discussão entre natureza e sociedade, sobretudo pelo fato de que

o corpo feminino durante a menstruação está sujeita a um ciclo biológico que foge ao seu controle. Neste caso, o fato de estar sujeita aos seus ciclos biológicos menstruais constitui um terreno fértil para elaborações simbólicas.

3.2. Menstruação e fertilidade

O sangue em muitas sociedades se diferencia em termos de gênero e trajetória dos seus portadores. De tal modo que o sangue feminino simbolicamente se diferencia do sangue masculino, principalmente quando nos referimos ao sangue menstrual, pois este sangue carrega a insígnia de fertilidade, sendo, portanto, um sangue capaz de gerar vida, e que se diferencia de outras formas de sangramento. No entanto esse mesmo sangramento pode ser lido em outra chave, como indicativo de morte, quando inserimos este sangramento no processo de gestação. A gestação torna-se uma possibilidade em potencial através da menstruação, ao passo que, este processo gestacional pode vir a ser encerrado com o sangramento menstrual.

Com relação ainda a gravidez e o processo gestacional, Manica (2011) discute a menstruação a partir de uma pesquisa etnográfica em que pode verificar que, mulheres de classes populares do Sul do Brasil entendem que seu período está intimamente associado ao seu período menstrual. A autora parte da análise de dados para discutir como essas noções a respeito do corpo que identificam sangue e fertilidade indicam crenças a respeito de um estado do corpo. [penso que poderia explorar um pouco Manica, pois aqui praticamente nada se diz. É o que? Gestação sem sangue menstrual e depois nascimento e sangue menstrual?]

Como já foi aqui trazido, ao sangue menstrual se atribui os vários significados atribuídos a partir da experiência particular de um conjunto de mulheres com quem estabelecemos um diálogo e que compartilhara aqui experiências tão íntimas como a menstruação., Isto nos possibilitou perceber através de uma escuta cuidadosa crenças e práticas referentes à menstruação, bem como que o sangue menstrual constitui um indicativo simbólico referente a um estado diferenciado do corpo feminino com relação ao masculino. Como já vimos, ao sangue menstrual se associa uma condição especial, que pode ser vista como negativa ou provocadora de um estado capaz de gerar vergonha e desconforto.

Neste caso, o sangue menstrual constitui um elemento demarcador de identidades de gênero, à medida que, o fato de sangrar ciclicamente diferencia a mulher do homem. Mesmo vivendo em uma época marcada pela desconstrução de valores e verdades, que coloca em xeque o que é tido como certo e natural através de processos fluidos que alguns estudiosos

denominam de pós-modernidade ou modernidade tardia. Embora saibamos que esta discussão sobre as diferenças de gênero merece maior relevância, estamos apenas apontando que a menstruação ainda é vivenciada de modo distintivo, mesmo em uma época em que as identidades de gênero vivenciam uma crise de identidade.

Ainda assim, enquanto uma prerrogativa fisiológica exclusivamente feminina, a menstruação continua constituindo uma variável importante quando se trata de definir os sujeitos como masculino e feminino nas relações sociais.

Porém, mesmo a menstruação constituindo um dispositivo de gênero de grande relevância, praticamente não encontramos estudos aprofundados sobre este aspecto nas pesquisas, teorias e estudos feministas. Não estamos com isso, querendo dizer que aspectos referentes à fisiologia feminina não estavam em pauta nos debates feministas, pois é comum encontrarmos discussões importantes acerca de processos fisiológicos como, por exemplo, a gestação.

Quando dizemos que a menstruação constitui um demarcador importante com relação à identidade de gênero, não estamos trazendo para a discussão apenas os aspectos orgânicos e biológicos que advém deste processo, mas estamos, sobretudo, pensando a menstruação a partir da forma como mulheres e homens de um modo geral representam e dão significado a este processo, o que, por sua vez, implica pensar em determinadas crenças, práticas, hábitos e costumes enquanto elementos imbuídos de significados que nos possibilitam enxergar a que não se explica em si mesmo, enquanto simples processo biológico, mas, que, seu sentido não está restrito ao plano de acontecimentos meramente biológico e orgânico. Para tanto, julgamos que é importante recuperar em parte da literatura disponível os textos que problematizem a relação de sociedades/culturas e processos fisiológicos, principalmente quando se referem à condição feminina e o sangue menstrual.

José Carlos Rodrigues (1980), ao problematizar o corpo, pensando-o como fonte de tabu, discute como determinados processos orgânicos são culturalmente negados, rejeitados e odiados. Através de uma análise dos comportamentos, expressos por meio de pensamentos e sentimentos, mostra-nos que, determinados componentes do corpo humano geram sensações como nojo e repulsa. Sendo que estes sentimentos são utilizados enquanto eixo para pensar a relação natureza e cultura, e que se configura enquanto uma questão que ainda se coloca enquanto desafio para a antropologia.

Há na corporeidade humana e na natureza do homem de modo geral, segundo as leituras que delas fazem as sociedades, uma contradição fundamental: a de ser o homem ao mesmo tempo um ser da natureza (isto é, um animal) e algo diferente de um animal (um ser cultural). Ao erigir-se em símbolo da estrutura social, o corpo, simultaneamente natureza e representante da cultura, condensa em si esta ambiguidade e reproduz simbolicamente ao mesmo tempo o que a sociedade deseja e o que a sociedade teme, as forças fastas e as forças nefastas. Paralelamente culturalizado e rebelde ao controle cultural, o corpo é “bom para pensar” a dualidade da estrutura social, exprimindo no que é corporalmente “puro” e “impuro” respectivamente o que a sociedade quer e não quer ser. (RODRIGUES, 1980, p. 149)

Identificamos no modo como as pessoas se comportam com relação ao sangue menstrual como uma questão que se coloca na ordem do dia no âmbito da antropologia como uma variável relevante para pensar a relação entre natureza e cultura. Recuperando a fala de dona Açucena, quando se refere às manchas de sangue deixadas pela menstruação: *“Eu tinha vergonha. Eu tinha uma vergonha do povo vê, de pai chegar a vê, outra pessoa chegar assim, tá aquela panaria velha estendida”*, perceber a contradição entre natureza e cultura e como isto se reflete na mulher e no sangue que ela verte. Dona Açucena, ao mesmo tempo em que, se percebe como uma mulher digna, de comportamento impoluto, mãe e esposa exemplar, sente vergonha do seu sangue. Portanto, o comportamento de nossa entrevistada frente ao seu próprio sangue é ilustrativo pra pensarmos como nosso corpo ao constituir simbolicamente, tanto um elemento da natureza quanto da cultura é sintomático da relação entre o universo natural(físico) e o universo cultural (moral).

Trata-se de perceber nos modos de significação social sobre o sangue menstrual noções culturais que são internalizadas inconscientemente através de práticas, crenças e discursos, que nos fazem perceber que estamos diante de processos muito mais simbólicos do que naturais.

Um sangue que parece correr por uma via isolada, separadamente, diferente do sangue que circula pelo corpo. Busco compreender a lógica que norteia a representação que o sangue menstrual tem para um grupo de mulheres que identificam o sangue como uma substância nociva, misteriosa e mágica. Buscamos então refletir sobre como estas noções referentes ao fluxo menstrual identificam este sangramento indicam crenças a respeito do corpo da mulher.

3.3. O NOJO DO SANGUE

Eu não tenho nojo do meu sangue. Na verdade, o sangue de mainha eu acho estranho. Eu falo: - Ou mãe, você manchou. De vez em quando a mancha em mainha vaza e é uma mancha ridícula. (Violeta, 26 anos, professora).

Na análise da problemática do nojo do sangue menstrual estamos lidando com sistemas inconscientes da sociedade que apresentam como naturais sentimentos como repulsa, asco e nojo com relação a determinados produtos provenientes do corpo humano. Neste caso, estaremos lidando com processos simbólicos que se fazem presentes no comportamento social dos indivíduos com relação ao corpo.

A forma como lidamos com os processos corpóreos inerentes a nossa fisiologia, tais como a menstruação, assim como nos portamos diante de determinados substâncias produzidas pelo corpo como o fluxo menstrual nos permite pensar a respeito de um sistema de pensamento e poder, pois indicam categorias mentais que articulam práticas sociais. Além de produzir e reforçar modelos de ação.

Os discursos que são veiculados socialmente acerca do corpo feminino e suas especificidades constituem portadores de mensagens que são assimiladas e naturalizadas, tornando-se verdades incólumes que, por sua vez irão se traduzir em práticas como esconder, silenciar e segredar o corpo feminino. Ao problematizarmos as visões acerca do sangue menstrual, estamos buscando compreender como o ideal de mulher é construído dentro de um sistema de relações sociais que está intimamente relacionado a processos biológicos e funções orgânicas do corpo humano.

Aí pronto, a gente estava no sofá, aí vazou. Quando eu olhei aí eu disse: - Que droga, eu fiquei imaginando que a mãe dele quando visse o sofá manchado de sangue ia ficar com muita raiva. Aí ele (namorado) disse: Não Violeta, relaxa, minha mãe lava isso depois. Eu sabia que ela ia ficar muito irritada, porque lavar sangue de outra pessoa. Porque na minha cabeça todo mundo só não tem nojo do próprio sangue. Minha mãe não tem nojo do meu porque eu sou filha dela, mas aí os outros com certeza vão ficar com nojo. Minha irmã manchou o sofá, na casa de uma tia nossa, a minha tia ficou morrendo de raiva. (Violeta, 26 anos, professora).

Para discutir a repulsa acerca do sangue é mister se perguntar como, quando e por que o sangue é considerado nojento. Neste sentido, o sangue é visto como algo nojento quando pensado dentro de situações específicas. Um sangue proveniente de corte ou de um ferimento superficial no braço ou perna não é considerado repulsivo. No entanto, o sangramento

menstrual é considerado nojento por ser uma substância que carrega uma noção simbólica de um sangue morto, parado, estéril, que deve ser evacuado do corpo. As reações que provocam determinadas substâncias portam mensagens sobre a vida social.

As sensações de nojo, vergonha e medo vivenciadas por Violeta ao sujar de sangue menstrual o sofá da sogra respondem a um sistema de pensamento que está apoiado em valores e crenças a respeito do corpo em que as manifestações afetivas que acompanham as reações de nojo estão diretamente relacionadas à intolerância do indivíduo a determinados produtos do corpo (RODRIGUES, 1980).

Violeta sentiu medo da reação ao ver o sofá manchado de sangue, pois aquela nódoa não era uma mancha qualquer, mas, uma marca que dentro do nosso sistema de pensamento representa algo que deve ser evitado. Neste caso, a mancha de sangue no sofá pode ser lida como uma transgressão do ponto de vista da moral em um universo simbólico. Assim, nossa ideia de sujeira é composta por duas coisas: cuidado com a higiene e respeito às convenções (DOUGLAS, 1966). Pois que se espera que a mulher menstruada esconda qualquer rastro deste sangue, mesmo que se saiba que o mesmo verte sem que tenhamos controle. Porém, a contradição aí se expressa de modo muito claro: é incontrolável e é vergonhoso, pois você deve ser capaz de controlar a enunciação do mesmo diante do mundo, especialmente diante de estranhos, de homens, de pessoas que estão na hierarquia numa situação superior. Uma mãe pode presenciar alguma marca, uma sogra não deve flagrar uma nora. E, para algumas, um homem não poderia, sob pena desta mulher ser diminuída.

As reações de repulsa ao sangue menstrual expressam a estreita relação entre o material objetivo proveniente de processos fisiológicos (menstruação) e o material subjetivo e moral proveniente de processos sociológico. Dentro deste raciocínio, o sangue menstrual configura um elemento que é ao mesmo tempo significativo e significante, isto é, condensa em si tanto elementos da ordem do natural como da moral, dos valores que envolvem o processo menstrual e que se expressam no modo como nos comportamos frente a este sangramento. Assim, analisamos a reação de nojo e repulsa diante do sangue menstrual como um ponto de conexão entre elementos de ordem física e elementos de ordem moral que nos ajuda a pensar sobre a relação que o indivíduo estabelece com o seu corpo e com os alheios.

Nos diálogos estabelecidos com as entrevistadas é claramente perceptível às sensações que causavam este assunto, aos adjetivos negativos ligados sempre a sujeira e impureza, tais como: mau cheiro, nojento, podre, seboso, entre outros [aqui você ganharia se recuperasse e listasse para nós as expressões]. As falas a esse respeito vinham sempre acompanhadas de gestos e expressões faciais de nojo e repulsa. Portanto, é através das falas de nossas

entrevistadas que buscamos chamar a atenção no sentido de perceber as estruturas abstratas que organizam o modo como nos relacionamos com os produtos do nosso próprio corpo e que são inconscientemente internalizadas ganhando forma e expressão em práticas e crenças a respeito do sangue menstrual como uma substância poluída e carregada de impureza.

Antigamente dizia que estava *doente dos tempos*. Dizia: fulana 'tá doente de que? *Dos tempos, dos tempos* dela. Não tinha história de menstruação, menstruação é agora. Esse negócio de menstruação é novo. De *chico*, de *boi*, *dos tempos*, dizia: - mulher fulana está doente de que? *Dos tempos* dela, *os tempos* dela chegou. Era minha filha, era desse jeito, era *tempo*, era *chico*, era *boi*. (Açucena, divorciada, 66 anos de idade)

Esse modo de se referir ao sangue menstrual por meio de palavras, código e metáforas que dão ao sangue uma conotação pejorativa que associam o estado menstrual a um estado de debilidade física como podemos verificar na expressão *doente dos tempos*, traduzem todo um comportamento social. Indica também a ideia de uma alternância, pois de *tempos em tempos*, de ciclo em ciclo. Por outro lado, o *chico*, como se diz, não se refere a um nome masculino específico. Quer parecer algo genérico. A escolha do nome *boi* então é mais desafiante ainda, pois é o *boi* um touro castrado e, também, em muitas regiões do Brasil o termo que se utiliza para significar um homem traído pela esposa.

Trata-se de discutirmos como ao sangue menstrual é atribuído um sentido pejorativo, ao mesmo tempo em que é percebido também como sinônimo de fertilidade, saúde e poder. Estamos diante da potencialidade deste elemento, que simbolicamente encarna de modo polimorfo potências contraditórias. Portanto, o modo como, lidamos com os produtos do nosso corpo está referenciado em matrizes culturais que norteiam as práticas cotidianas de cuidado e higiene do corpo menstruado, que, por sua vez, envolve uma visão de mundo e todo um sistema de representação social a respeito do corpo. Em nosso sistema de crenças à respeito do corpo, o fluxo menstrual é tido como uma substância transmissora de elementos que tanto podem ser poluidores, quanto podem ser encarado como sinal de prosperidade enquanto condutor de fertilidade.

Dentro desta perspectiva, o sangue menstrual tanto pode ser pensado como um sangue alheio à mulher que o verte, por se tratar de um sangramento involuntário, que foge ao seu controle, como também, o sangue e a mulher podem se espelhar de modo muito íntimo. A mulher pode se utilizar de artifícios que tenham a finalidade de reter ou aparar este sangue, como por exemplo, o uso de absorventes que tem como finalidade absorver o fluxo eliminado

pela menstruação, ou mesmo o uso de paninhos como forma de tentar esconder aos olhos dos outros, este sangramento, mas não pode fazer parar de sangrar.

É como se este sangue corresse por um canal isolado do resto do sangue que se distribui pelo corpo. Pois um sangramento provocado por um ferimento qualquer não provoca reações especiais. Ao passo que, ao sangue vertido pela menstruação são manifestadas expressões de nojo e repulsa.

O modo como nossas entrevistadas se referiam a menstruação, através de expressões como, *estar de boi, receber a carta do bispo, está naqueles dias*, entre outras, sugerem a ideia de um fluxo menstrual como algo que, mesmo se desenvolvendo dentro do corpo, pode ser tratado e se constituir em algo que será simulado como algo que se faz de forma dissociada do próprio corpo.

Nosso trabalho privilegiou o olhar da mulher sobre seu próprio corpo, por isso optamos por entrevistar apenas mulheres que pudessem compartilhar aqui sua experiência menstrual. Isto não implica dizer que não tenhamos interesse sobre a visão masculina acerca deste processo, pois ao discutirmos a menstruação dentro de um plano social entendemos que este fenômeno envolve valores, crenças e discursos que são construídos historicamente e reproduzidos por homens e mulheres dentro das relações sociais. O trabalho de Ondina Fachel Leal (1993) acerca da estreita relação entre sangue menstrual e práticas contraceptivas traz opiniões masculinas a respeito de manter relação sexual durante o período menstrual.

"Mulher menstruada não está limpa, ela está bichada."

"O homem que transa com mulher menstruada pode ficar impotente."
(LEAL, 1993, p. 134)

Nas falas acima citadas podemos verificar que a noção de repulsa e perigo não está presente apenas nas mulheres. Além de conceber o sangue menstrual como sujo, este sangue é também condutor de perigo, à medida que pode causar impotência ao homem que tiver contato com ele durante uma relação sexual. Neste caso para além da repulsa, ao sangue menstrual é visto como perigoso. Portanto, a noção de repulsa e perigo apresentada na fala acima, mostra em um primeiro momento o sangue menstrual como um indicativo de algo sujo, que deve ser eliminado. A expressão "está bichada" nos informa a respeito de uma visão acerca do corpo menstruado como um corpo em estado doentio, ou que carrega algum tipo de deformação.

Em seguida a fala aponta para a noção de perigo do sangue menstrual que pressupõe o sangue menstrual como simbolicamente poderoso capaz de deixar o homem impotente apenas através do contato entre o órgão sexual masculino e o sangue menstrual.

3.4. HIGIENE COMO PROCESSO DE PURIFICAÇÃO

As práticas higiênicas imunizam mais a ideias do que as coisas, e dentro desta lógica, o principal objetivo das práticas higiênicas consiste em estabelecer modelos de comportamentos, ao estabelecer, limites simbólicos que devem ser observados em nome da ordem. Dentro desta lógica, as coisas consideradas nojentas e poluídas são tidas como elementos que oferecem perigo, pois desafiam a ordem estabelecida. Logo, a análise das práticas de higienização do corpo menstruado deve ser pensada levando-se em conta o sistema social que estas práticas expressam. Segundo Rodrigues (1980), lavar não constitui uma prática instrumental de cuidado e preservação da saúde, mas um mecanismo simbólico inconsciente de separar domínios em oposição.

Partindo do pressuposto de que a sujeira está diretamente vinculada à noção de desorganização, Mary Douglas (1966) analisa o processo de higienização como um esforço criativo e positivo de organização do espaço. Sendo assim, os rituais de purificação e processos de higienização nos informam a respeito de padrões simbólicos que se manifestam inconscientemente. Portanto, tanto as ideias de poluição quanto de higiene estão apoiadas em um conjunto de crenças e valores morais que nos indicam como as noções de poluição se relacionam com a vida social.

Percebeu-se nos diálogos estabelecidos com nossas entrevistadas como o fluxo sanguíneo proveniente da menstruação é tido como uma substância poluidora e perigosa. Seguindo a linha de raciocínio trazida por Douglas a respeito de que a noção de poluição envolve uma reflexão sobre a relação entre ordem e desordem, o sangue menstrual é percebido como uma substância suja e impura justamente pelo fato de este sangramento involuntário fugir ao controle da mulher que o verte. Logo, por não estar sujeita à vontade humana, isto é, não podemos ordenar ou manipular um sangue que está além do nosso domínio, o que é percebido como não desejável e perigoso. Ao mesmo tempo, as meninas só são mulheres se primeiro tiverem o sangue vertido de modo regular. O que faz com a tensão social se instale de um modo muito intenso e gere todos os cuidados e imagens e aprendizados e silenciamentos que temos trazido aqui na presente dissertação.

Assim, práticas como isolar, esconder, limpar o corpo durante a menstruação implicam em refletir sobre como certos modelos de higienização do corpo menstruado podem constituir uma mobilização inconsciente enquanto tentativa de controle deste corpo, ou mesmo, um modo de adequá-lo as expectativas sociais. Os odores podem se transformar em motivos de repulsa social, que gera uma imagem negativada. .

A tentativa de regradar o corpo através de preceitos e proibições tais como: “não molhar a cabeça quando estiver naqueles dias”, não comer comida carregada, não correr, não cortar o cabelo, não manter relações sexuais, são algumas de uma série de restrições e cuidados com o corpo durante o período menstrual e que parecem indicar que mais do que uma terapêutica com o objetivo de preservar uma saúde ameaçada, parece funcionar como um demarcador de uma situação liminar, que tende a retirar esta mulher do cotidiano e lhe cria uma situação de dificuldades. Em última instância, ela deve evitar contatos sociais, pois ela está impura.

Dentro desta perspectiva, o modo como nos apropriamos do nosso corpo está indissociavelmente ligado a uma tentativa de gerenciar os processos corpóreos que se desenvolvem ao longo da trajetória de vida do indivíduo. Ao submeter-se ao ritmo menstrual, a mulher traz a tona fenômenos naturais que por mais que a cultura tente se apropriar através de costumes, valores que buscam determinar condutas e comportamentos sobre este corpo. Tales de Azevedo (1987) quando analisa os ciclos da vida, chama a atenção justamente para os significados que os homens vão atribuir às fases e momentos do seu desenvolvimento corpóreo.

A idade no sentido de que a vida de todas as pessoas segue um ciclo definido biologicamente é uma das constantes importantes sobre as quais repousa a organização social. Todo grupo étnico tem um conjunto de disposições e valores culturais relacionados com o crescimento das crianças, à medida que vão passando da primeira infância até o estágio em que se transformam em participantes totais das atividades adultas (...). O ciclo orgânico da vida determina um padrão que todas as pessoas seguem de modo mais ou menos semelhante: desmame, primeiros passos, puberdade, juventude, estado adulto, maturidade, velhice, sensibilidade, morte. (apud Keesing, 1961, p. 378 in Tales de Azevedo)

A primeira menstruação constitui um momento marcado socialmente por sentimentos e emoções que tornam esta experiência significativa através de rituais, costumes e comportamentos que reconhecem socialmente o fenômeno menstrual como um processo que, mas que um fenômeno biológico é socialmente inventado por nós.

Portanto, o modo como marcamos a menstruação em alguns grupos sociais através de cerimônias e rituais, entre as mulheres com quem conversamos pudemos perceber que esse

fenômeno foi marcado não por ato cerimonial, mas por sentimentos e emoções que pontuavam esta experiência como uma experiência socialmente importante.

3.5. O PODER DO SANGUE

A natureza feminina é constantemente submetida a opiniões e juízos misóginos que, aliados ao desconhecimento fisiológico e a crenças em magias e superstições sobre o corpo da mulher contribuíram na construção de um discurso receoso a respeito da mulher onde esta é colocada sempre sob suspeita na manipulação de seus fluidos corpóreos.

Meu pai contava que quando era moço não tomava café na casa de mulher desconhecida porque tinha medo de que ela pingasse sangue no café e ele ficar louco. Por isso não gostava de tomar (Tulipa, 78 anos, viúva).

A fala de Tulipa revela o mal-estar de alguns homens diante da mulher menstruada, que estaria sempre sobre suspeita. Ao sangue *secreto* era atribuído um poder capaz de levar a loucura o indivíduo, o que colocava a mulher sob uma vigilância social e moral, daí talvez a necessidade de retirá-la da convivência social e fazê-la se sentir insegura, pois este corpo pode ser um espaço capaz de gerar reações incontroláveis ou indesejáveis socialmente falando. Assim, ações corriqueiras do dia a dia como, por exemplo, coar um café poderiam gerar sentimentos de medo e desconfiança por parte principalmente dos homens, percebidos como principal alvo do poder e do desejo feminino.

A crença em que determinadas pessoas possuíam poderes sobrenaturais com relação aos usos do corpo, principalmente mulheres, fez com que muitas mulheres assumissem o papel de curandeira ou benzedeira em comunidades locais. A manipulação de fluidos corporais como o sangue menstrual aliado ao emprego de palavras, rezas, gestos, prescrições e objetos simbólicos, reforçavam a imagem da mulher associada a poderes mágicos. Assim como, o ritmo menstrual ditado biologicamente pelo organismo feminino inscrevia a mulher em um calendário natural.

Assim, as memórias de nossas entrevistadas reproduzem representações da menstruação associadas à sujeira, ao mau cheiro proveniente do fluxo menstrual, reproduzindo discursos e conceitos nos quais o sangue mensal aparece como responsável por doenças e transtornos físicos, principalmente quando utilizado por determinadas mulheres para realização de magias e feitiços para conquistar e seduzir o homem desejado.

O sangue utilizado nesses rituais de magia causava acidentes e contratemplos aqueles que ingeriam este sangue, fazendo do útero feminino um espaço retentor de um veneno capaz de acamar o sujeito que dele provasse. Esse tipo de pensamento ganhou respaldo na tradição cristã, que contribuiu na consolidação dessas crenças, cuja visão a respeito do corpo menstruado era de um lugar de impudência e sujeira, advertindo aos homens quanto à importância de se manterem afastados de suas mulheres durante o período em que estivessem menstruadas, evitando que fossem contaminados por elas. Portanto, o ato menstrual produz subjetividades que vão ganhar força em práticas como esconder, isolar e silenciar o corpo menstruado, promovendo atitudes e condutas como cobrir e esconder o corpo menstruado.

Ao atribuímos poder ou classificar como perigosa a manipulação de determinados produtos corpóreos, tais como o fluido menstrual, estamos segundo Douglas (1966) buscando estabelecer um controle sobre processos corpóreos que estão submetidos a uma ordem natural a qual só podemos acessar através de um esforço inconsciente em estabelecer classificações a eventos que estão fora do alcance de nosso gerenciamento, pois estão submetidos à outra lógica, no caso da menstruação, a uma lógica natural.

Ao reconhecermos o sangue menstrual como uma substância nociva, que simboliza ao mesmo tempo perigo e poder, estamos emitindo juízos e valores a respeito do corpo e de seus fluídos. As abominações do Levítico, por exemplo, tratam de elementos que não se ajustam a um padrão cultural inconscientemente incorporado.

O fato de sangrar ciclicamente submete a mulher a uma ordem natural que a coloca em uma condição de incompatibilidade com o universo da cultura que busca se afirmar através de uma relação de distanciamento e oposição em relação ao mundo natural. Estar sujeita aos ritmos silenciosos e discretos da vida coloca a mulher dentro de um determinado sistema de pensamento em uma situação marginal.

Aí eu fui visitar uma amiga que tinha ganhado neném, e eu estava muito bem sentada na cama da mulher, as outras mulheres que estavam no quarto também, entraram no assunto de menstruação. Aí, minha mãe disse que não podia sentar na cama de quem estivesse de resguardo porque cortava o leite. Aí eu me levantei imediatamente com o susto, eu fiquei tão preocupada. Aí as meninas disseram: _ O que foi menina? E eu fiquei com vergonha de dizer. Aí eu disse: É porque eu estou menstruada. (Papoula, 32 anos, casada).

Aí ela disse: - Foi Orquídea quem cortou esse teu cabelo quando estava doente²⁶ mulher. Pelo amor de Deus! Olhe, esse povo tem mania de cortar o cabelo do povo, estando doente, sem avisar, estraga o cabelo do povo, pelo amor de Deus. Eu disse: - E é mãe? Ela disse: - é mulher, pois estragou seu cabelo. (Vitória Régia, 43 anos, casada)

A mulher menstruada é portadora de perigo como podemos verificar no trecho acima, capaz de fazer secar o leite do peito materno, entre outros males, como pôr a perder o cozimento da comida, azedar o leite, fazer murchar a planta, entre outros prejuízos atribuídos à menstruação. Como também estragar o cabelo se o manipular quando está menstruada. É algo que para nós gera um cenário muito rico, pois numa sociedade como a atual, onde temos os serviços não personalizados, podemos tanto ir ao salão de beleza quando estamos menstruadas, como também nos ocorreria indagar da funcionária deste espaço e que venha a manusear o nosso cabelo se ela está ou não menstruada. São indicações de experiências de sociabilidade que indicam cenários sociais distintos.

Esse status de perigo imputado ao corpo menstruado expressa uma ordem ideológica que, ao se apropriar de determinados produtos do corpo tais como o sangue menstrual, atribui significados que são construídos culturalmente em um determinado universo social. A ideia de um corpo poderoso e que ao mesmo tempo oferece perigo é produto desta relação entre o sensível e o inteligível, entre o significante, isto é, o evento natural, e o significado que diz respeito ao modo específico como moralmente compreendemos este mesmo evento. No caso desta pesquisa, privilegiamos a menstruação como uma varável relevante para refletirmos acerca desta complexa relação entre o corpo e a sociedade.

A forma como apreendemos o sangue menstrual enquanto uma substância capaz de secar o leite do peito/seio materno ou estragar o cabelo do outro apenas pelo contato físico são noções culturais carregadas de emocionalidade que expressam sentidos que são inconscientemente desenvolvidos e naturalizados e que revelam um tipo de racionalidade que repousa na crença de que certas pessoas detêm poderes sobrenaturais com relação aos usos do corpo.

Esse tipo de crença que associa a mulher à realização de feitiços e magias utilizando, inclusive, como podemos verificar aqui elementos provenientes do próprio corpo, como o fluxo menstrual, serviu de justificativa para perseguições tanto da Igreja Católica quanto da Medicina sobre práticas populares de cura. Curandeiras e benzedeadoras que manipulavam o uso de ervas e que curavam através de rezas, ervas e outros produtos simbólicos, como o sangue,

²⁶Ver Glossário, p. 108.

eram consideradas pela igreja, principalmente através da instituição do Santo Ofício, de inspiração diabólica.

A manipulação do sangue menstrual para realização de feitiços movia-se num território de saberes transmitidos oralmente entre mulheres, sendo essas práticas consideradas mágicas e eram desenvolvidas principalmente em um espaço específico da casa, o quintal. É no quintal que se lavam os paninhos manchados de sangue, onde se despeja a água suja advinda da limpeza da casa, onde se deposita o lixo. No entanto, para além de um lugar onde se evacuam líquidos sujos que eram ali despejados, o quintal é um lugar que abriga muitas vezes certa variedade de plantas, ervas e hortaliças que eram utilizadas para prática de feitiços e curas por determinadas mulheres. Assim, o quintal constituía território privilegiado da cultura feminina, a intimidade com a manipulação das ervas plantadas neste espaço permitia que a mulher exprimisse seu conhecimento da vida. O quintal também é uma área que intermedia o espaço do regrado / do social / do controlado e da cozinha / dos cozimentos e das manipulações, se fazendo mais presente forçar naturais ou obscuras. Alquimistas, feiticeiros, cozinheiros, podem aqui falar na voz e na imagem feminina.

A manipulação de fluídos corporais por parte de algumas mulheres para realização de feitiços foi em alguns casos associado à prática do catimbó. Vale ressaltar que o catimbó constituiu uma prática que se desenvolve em um universo mítico e simbólico, podia dizer que se trata do “baixo espiritismo” Cascudo (1978).

Já ouvi falar muitas histórias de passar, o sangue da menstruação p'ra passar em bife e dá pra pessoa comer, sangue da menstruação no café. É! Coar assim o café na calcinha suja, essas coisas a gente ouvia muito, já ouvi muito. Tem vezes que os rapazes até ficavam doentes, com problema de estômago, com tudo, porque era uma coisa muito nojenta, né. É uma coisa assim, pelo amor de Deus, nossa senhora! Eu ouvi muito, nunca fiz, eu mesma nunca fiz, mais ouvia sim. Porque eu acho isso uma sujeira, uma baixaria muito grande, sabe. Esse tipo de simpatia assim pode ser que dê certo, mas... Nunca incentivei minhas filhas, de forma nenhuma, não, não. (Begônia, viúva 73 anos de idade).

Minha mãe contou que uma mulher ensinou essa simpatia a minha mãe pra ela prender o meu pai. Disse para minha mãe que ela colocasse algumas gotas de sangue no café para prender o marido. (Violeta, 26 anos, professora).

Me lembro de uma simpatia que alguém comentou acho que sobre essas manchas do meu rosto, alguma coisa, aí uma mulher falou: Menina, isso aí é só tu passar sangue da tua menstruação no teu rosto que isso limpa. Aí eu disse: Pois minha filha vai ficar manchado muito tempo porque eu não tenho coragem de fazer isso. (Vitória Régia, 43 anos, casada).

De acordo com alguns trechos de nossas entrevistas, percebemos nas memórias de nossas entrevistadas a reprodução de representações da menstruação associadas à sujeira, ao mau cheiro proveniente do fluxo menstrual, reproduzindo discursos e representações nos quais o sangue mensal aparece como responsável por doenças e transtornos físicos, principalmente quando utilizado por determinadas mulheres para realização de magias e feitiços para conquistar e seduzir o homem desejado. Nesse discurso, o sangue utilizado nesses rituais de magia causava acidentes e contratemplos aqueles que ingeriam este líquido, fazendo do útero feminino um espaço retentor de um veneno capaz de acamar o sujeito que dele provasse. Esse tipo de pensamento ganhou respaldo na tradição cristã, que contribuiu na consolidação dessas crenças, cuja visão a respeito do corpo menstruado era de um lugar de impudência e sujeira, advertindo aos homens quanto à importância de se manterem afastados de suas mulheres durante o período em que estivessem menstruadas, evitando que fossem contaminados por elas.

O manuseio do sangue menstrual na realização de magia e feitiço não era visto com bons olhos pela sociedade em geral que demonstra como podemos verificar na fala acima citada, onde se expressa certa rejeição na manipulação de um sangue considerado infecto. No Brasil colonial o preconceito contra o sangue proveniente do útero explicava-se entre outras coisas pela ausência de um conhecimento médico e científico a respeito do assunto, ficando assim a cargo da Igreja Católica explicar o funcionamento do corpo feminino que era visto como um espaço de disputa entre deus e o diabo. Priore (2002) enfatiza o pensamento de médicos e homens em geral a respeito do sangue menstrual no século XVIII, aqui no Brasil:

O útero gerava, mais do que desconfiança, medo e apreensão pela possibilidade de vinganças mágicas. Esse temor fez Alberto Magno afirmar que a mulher menstruada carrega consigo um veneno capaz de matar uma criança no berço. Apesar de ter emitido tal opinião no século XIII, ela ainda repercutia no século XVIII. Joao Curvo Semedo, que estivera em visita à colônia, era um exemplo da longevidade dessa visão do corpo feminino, e advertia as “mulheres depravadas” que, ao contrário de “granjear amor e perfeição dos homens”, a ingestão do sangue menstrual os fazia ficar loucos ou os matava. (PRIORE, 2002, p. 120)

Para Dona Begônia, o fluxo sanguíneo além de estar ligado a sujeira, assume um poder mágico, sendo responsável por doenças e mal estar físicos. Podemos verificar que crenças a respeito da eficácia do sangue menstrual na realização de feitiços ainda repercutem nas falas de algumas entrevistadas, o que nos permite pensar que, apesar das transformações sociais e

econômicas, vivenciadas ao longo do tempo, o corpo feminino e suas singularidades continua sendo percebido como um território enigmático, atravessado por crenças e mistérios, principalmente quando se trata de seus processos internos.

Mesmo não participando nem estando de acordo com estas práticas míticas, podemos perceber na fala de dona Begônia, a crença na ideia de que o sangue menstrual tem algum tipo de poder mágico capaz de segurar o homem objeto do desejo feminino, ou causar algum tipo de efeito danoso sobre a saúde do indivíduo através da ingestão deste líquido catamenial encontrar-se escudadas pela tradição judaico-cristã.

O período menstrual era tido como um período perigoso em que a mulher deveria manter-se afastada daquilo que estava sendo produzido, como o alimento, o leite, a colheita, pois, este sangramento possuía um poder degenerativo que colocava em risco elementos do universo exterior ao corpo em questão.

No entanto, as substâncias produzidas pelo corpo humano são consideradas sujas, impuras, devendo ser isoladas, evitadas e até mesmo não mencionadas, estas são também vistas como substâncias que detém certa magia. Essa visão acerca do fluxo sanguíneo proveniente da menstruação como algo impuro e ao mesmo tempo poderoso, fértil e forte, vinculam um modo de conceber o corpo menstruado a concepções e crenças muito antigas na história da humanidade, como, por exemplo, o tabu bíblico da menstruação.

A fisiologia feminina é atribuída uma dimensão mística que se manifesta especialmente em determinadas partes do corpo, como, por exemplo, o útero, que passa a ser encarado como um espaço retentor de substâncias poderosas capazes de contaminar ou até levar a um estado de loucura aquele que ingerir ou tiver contato com esse líquido poderoso produzido pelo corpo feminino. A medicina no período colonial focalizou seus estudos acerca da fisiologia feminina aos aspectos reprodutivos, mais precisamente sobre o funcionamento do útero chamado nesta época de “madre”. (Del Priore, 2002)

O sangue menstrual, considerado uma substância maléfica para o homem é utilizados por mulheres na realização de feitiços que tinham como objetivo maior prender o homem, objeto de seu desejo. Além disso, existiam crenças que viam o útero como um espaço produtor de criaturas monstruosas (Del Priore, 2002).

Assim, o corpo feminino e suas especificidades é visto como um cenário misterioso que abriga em si substâncias poderosas e perigosas que podem causar malefícios ao homem através de práticas magia e feitiço. Essas imagens que foram sendo tecidas no imaginário social a respeito da menstruação foram traduzidas em atitudes preconceituosas. Ao longo do

processo histórico podemos perceber que a mulher tem sido constantemente associada a práticas místicas como feitiçaria e magia.

Durante muito tempo as mulheres detiveram o conhecimento sobre plantas medicinais utilizadas para a cura de doenças e ferimentos em que as mulheres adotavam praticas medicamentosas consideradas como magia. Dentro desta perspectiva, as mulheres ao longo da história protagonizaram práticas de curandeirismo no Brasil, comumente associadas a crenças em magia e feitiçaria. O *catimbó* constituiu uma prática mística de feitiçaria ou espiritismo grosseiro é marcado por processos de encantamento (CASCUDO, 1978).

É importante ressaltar que o entendimento sobre como as pessoas compreendem a menstruação embora vivendo em condições socioeconômicas diferentes daquelas vivenciadas em outros períodos históricos apresentam crenças e procedimentos a respeito do corpo que nos ajudam a pensar como nossas ações, valores, crenças e comportamentos são tecidos historicamente que se expressa em uma visão de mundo e todo um sistema de representações sociais a respeito do corpo.

A forma como o discurso religioso se apropriou do corpo feminino e o modo como o expressa simbolicamente tem permeado a forma como os indivíduos se relacionam com o seu corpo e com os corpos alheios. Ao refletirmos sobre como os dogmas cristão interferem no modo como cuidamos, limpamos, isolamos e escondemos o corpo durante a menstruação, em que o corpo está diretamente associado à noção de impureza nos remetemos a um desafio com o qual tem se deparado os estudos antropológicos que consiste na relação natureza/cultura.

Acompanhando esta linha de raciocínio, as práticas, discursos e saberes que são formuladas sobre o corpo da mulher, neste caso, mais especificamente, sobre o corpo menstruado que se revelam nas falas de nossas entrevistadas, principalmente quando demonstram uma sensação de ojeriza e repúdio ao se referirem ao próprio corpo durante a menstruação, nos ajudam a compreender como os processos que se desenvolvem em nosso corpo não são exclusivamente biológicos, mas, constituem processo que se desdobram em um universo sociológico.

3.6. O TABU MENSTRUAL

Assim como o tabu do incesto aparece em diferentes grupos sociais, o tabu da menstruação não é privilégio apenas da sociedade ocidental. Na aldeia de Itaputira, a primeira menstruação é recebida com festa e rituais que marcam a passagem da infância, representada pela menina, para uma nova condição, a de moça. A Festa da Menina Moça, como é como é

conhecida a festa de iniciação da puberdade feminina. O ritual em torno da menstruação para este conjunto se faz acompanhar de músicas, danças, comidas típicas da tribo, onde a tribo se reúne para celebrar a nova fase da menina, que agora está apta para o casamento.

Em nossa sociedade, a menstruação configura um evento sociocultural que se não é comemorado com festas e rituais como acontece em outros grupos sociais, se faz acompanhar de sentimentos e emoções que fazem desta experiência um momento de passagem em que a adolescente se descobre moça. No romance naturalista publicado no final do século XIX, *O Cortiço* (1890), de Aluizio de Azevedo, expressa a importância da menstruação na vida de uma mulher, através do drama vivido pela personagem Pombinha, que se via impedida de casar, mesmo aos dezoito anos de idade por não ter ainda menstruado.

Dona Isabel não queria que o casamento se fizesse já. É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda pago à natureza o cruento tributo da puberdade, apesar do zelo da velha e dos sacrifícios que esta fazia para cumprir a risca as prescrições do médico e não faltar à filha o menor desvelo (...). A pobre velha desesperava-se com o fato e pedia a Deus, todas as noites, antes de dormir, que as protegesse e conferisse à filha uma graça tão simples que ele fazia, sem distinção de merecimento, a quantas raparigas havia pelo mundo; mas, a despeito de tamanho empenho, por coisa nenhuma desta vida consentiria que a sua pequena casasse antes de “ser mulher”, como dizia ela. E “que deixassem lá falar o doutor, entendia que não era decente, nem tinha jeito, dar homem a uma moça que ainda não fora visitada pelas regras! Não! Antes vê-la olteira toda a vida e ficarem ambas curtindo para sempre aquele inferno da estalagem!” (AZEVEDO, 1890, p. 20-21).

Nas entrevistas realizadas durante nossa inserção no campo podemos constatar através das falas de nossas entrevistadas como a primeira menstruação marca simbolicamente um amadurecimento sexual que coloca a mulher sobre uma nova categoria, ela agora deixa de ser menina e passa a se perceber e ser vista socialmente como moça. No entanto, o fluxo menstrual que lhe coloca nesta nova posição social é um elemento tabu, sendo, portanto, a perda sanguínea considerada um elemento perigoso, que deve ser mantido isolado e escondido. São crenças e saberes que são construídos em torno da menstruação produzindo práticas como não lavar a cabeça enquanto estiver eliminando sangue, o que acarretava o risco de ficar louca.

As proibições e instruções a respeito de como proceder e os cuidados com o corpo durante a menstruação se sustentam em tabus. A ideia de tabu neste caso se refere a proibições e punições que se desenvolvem culturalmente e se afirmam em mitos e crenças que constituem o modo como cada sociedade interpreta e atribui sentido a sua realidade.

No caso da menstruação, podemos perceber no discurso religioso judaico-cristão que a mulher e sua fisiologia é associada a ideias negativas, como impureza, sujeira, contaminação,

representando durante o período menstrual um perigo aos homens, aos alimentos, bem como a outras mulheres que estejam amamentando. O pensamento judaico – cristão tem um legado histórico cujas raízes estão ainda presentes em nossa sociedade. O texto bíblico, mais precisamente no livro do levítico uma fonte importante acerca do tabu menstrual.

3.7. MESNTRUAÇÃO E JUDAÍSMO

Esta forma de pensar o corpo menstruado como um lugar de impureza e imundícia tem profundas raízes na tradição judaico-cristã, quando à mulher eram impostas uma série de restrições e cuidados que deveriam ser observados à risca durante o período em que estivesse menstruada. De acordo com as escrituras judaico-cristãs, mais especificamente no antigo testamento, a mulher deveria manter-se separada do marido durante este período. No Livro do Levítico, em seu capítulo 15, versos 19 a 24, existem instruções claras a esse respeito.

Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o seu fluxo de sangue estiver na sua carne, estará sete dias na sua separação, e qualquer que a tocar, será imundo até a tarde. E tudo aquilo sobre o que ela se deitar durante a sua separação será imundo; e tudo sobre o que se assentar, será imundo. E qualquer que tocar na sua cama, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até a tarde. E qualquer que tocar alguma coisa, sobre o que ela se tiver assentado, lavará as suas vestes, e se banhará com água, e será imundo até a tarde. Se também tocar alguma coisa que estiver sobre a cama ou sobre aquilo em que ela se assentou, será imundo até a tarde. E se, com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundícia estiver sobre ele, imundo será por sete dias; também toda a cama, sobre que se deitar, será imunda. (BÍBLIA, 1993, p. 108)

É possível identificarmos no texto bíblico acima citado uma forte carga negativa atribuída ao corpo menstruado e aquilo que ele verte. Sendo que a expressão é repetida e é forte: imundo e que tem um significado mais amplo, pois também significa obsceno. Não podendo ser tocado e tornando tudo o que tocasse impuro, este corpo deveria ser mantido isolado para que não contaminasse a ninguém com sua impureza. Desta tradição judaico-cristã derivam muitas formas presentes ainda nos dias de hoje em nossa sociedade de se pensar o fluxo menstrual, com algo sujo, desagradável, sinônimo muitas vezes de impureza.

A periodicidade menstrual que se dá através de um ritmo biológico inerente a sua biologia interna acaba por estabelecer também uma regulação no seu ritmo de vida, se pensar que durante o período da menstruação são atribuídos à mulher determinados cuidados e procedimentos que influenciam diretamente o modo como essa mulher irá se portar diante do

seu próprio corpo e daqueles que a cercam. A tradição judaico-cristã prescreve para a mulher uma série de procedimentos referentes ao seu período menstrual. Trata-se, pois, de uma cultura que conserva seus valores em práticas e posturas.

Ao menstruar a mulher se encontra num estado de impureza, ao se definir a experiência menstrual como um ato impuro, podemos perceber que a ideia de impureza, poluição e contaminação que envolve toda a experiência menstrual está ancorada em um sistema simbólico. Nossas concepções do que é puro ou impuro, expressam sistemas simbólicos. Segundo M. Douglas (1966), o corpo enquanto mecanismo de expressão está limitado pelo controle exercido pelo sistema social. Dentro desta lógica, a forma como controlamos nosso corpo expressa também um controle social. A relação dos símbolos que o corpo feminino carrega, principalmente quando se trata de pensar as singularidades da biologia feminina como a gestação, a amamentação e a menstruação, nos ajuda a pensar como o corpo constitui um espaço de controle e representação social.

De acordo com o texto bíblico, a mulher menstruada vivencia um estado de impureza tal que, segundo o que prega a lei religiosa, deve manter-se isolada, principalmente, de seu cônjuge. Este isolamento deve-se ao fato de que este é um estado transferível de inúmeras maneiras, através de utensílios, roupas e pessoas. Durante este período é proibido que haja qualquer tipo de relação sexual entre marido e mulher, para que o homem não seja contaminado com a impureza de sua esposa. No entanto, essa impureza pode ser corrigida através do cumprimento de rituais específicos que tem como objetivo limpar, tornar puro o corpo para que este possa estar em contato com os demais, até contrair um novo estado de impureza.

Para a mulher judia, o cuidado com o corpo durante e após o período menstrual significava a observância de preceitos religiosos que estavam intimamente ligados à manutenção da paz e felicidade no lar. Estas normas ditavam comportamentos que deviam ser observados tanto pelo marido quanto pela mulher, como no caso da separação de corpos durante a menstruação, através de leis relacionadas ao estado de impureza do corpo da mulher. O cumprimento dos preceitos que regulam a separação de corpos durante a menstruação constitui-se em um preceito religioso e moral, pois a obediência às regras de pureza e cuidados com o corpo foram trazidas para um campo moral em que a mulher que observa estes preceitos é tida como uma mulher virtuosa pela comunidade judaica.

Portanto, do ponto de vista do judaísmo a menstruação constitui-se em um estado de impureza ao qual a mulher está sujeita ciclicamente. A mulher menstruada é proibida toda e

qualquer relação de intimidade com o marido, até que se realize a sua purificação através da imersão ritual.

Em seu livro *A Mulher Impura: Menstruação e Judaísmo*, Vera Lúcia Chahon irá analisar o papel da mulher dentro do judaísmo. A mulher possui certos atributos que o homem não tem, em decorrência, disso foram prescritas normas específicas para o sexo feminino. De acordo com o *Talmud*, da guarda da mulher de determinados mandamentos depende a harmonia e estabilidade do lar e da família. A partir dos mandamentos atribuídos a mulher em tempos específicos, podemos pensar acerca de como algumas crenças religiosas e, neste caso, o judaísmo através de uma série de mandamentos aplicados especialmente sobre a mulher durante a menstruação.

A periodicidade menstrual implica em um ritmo biológico interno, parte integrante de sua vida. Esta regulação interna, tem íntima ligação com as leis de Pureza familiar, já que se recomenda a mulher uma série de procedimentos relativos ao período da menstruação. (CHAHON, 1982, p. 33)

O ciclo menstrual é atravessado por preceitos religiosos que buscam orientar a forma de homens e mulheres se comportarem diante do corpo menstruado através de práticas como distanciamento de corpos, limpeza ritual de purificação do corpo, entre outras regras, e que encaram o corpo muito mais a partir de uma perspectiva cultural, do que propriamente natural. São preceitos religiosos que busca regular não só a relação entre marido e mulher, mas que dão ao cuidado na observância dos mandamentos referentes à menstruação uma conotação moral na qual se assenta a vida familiar judaica.

Na literatura judaica o termo *Nidá* se refere à separação, assim como a um momento de distanciamento físico na relação conjugal até que se realize um processo de purificação do corpo feminino. Ainda com relação às leis que regulam a separação, além dos dias em que estiver menstruada a mulher deverá manter um distanciamento físico do marido por mais sete dias durante os quais se realiza um processo de limpeza e purificação que culmina em um banho ritual denominado *Mikvé*.

Ao analisarmos a menstruação a partir da ideia de impureza segundo as crenças de tradição judaico-cristã, podemos perceber que estamos diante de um sistema simbólico. Para Mary Douglas, a forma como lidamos com determinadas substâncias produzidas pelo corpo expressam uma forma específica de lidar com elementos que estão fora do nosso controle. Neste caso, tanto a ideia de pureza quanto de purificação, podem demonstrar um esforço segundo Douglas, criativo e positivo, de regular aquilo que desafia a ordem estabelecida.

A cultura padroniza os valores da comunidade, provê um padrão positivo em que as ideais e valores são cuidadosamente ordenados. Seu caráter público torna suas características mais rígidas, não podendo ser tão facilmente sujeitas a revisão, porém, não podem negligenciar o desafio de formas aberrantes. (DOUGLAS, 1982, p. 54)

Dentro desta perspectiva, a autora entende que o sistema cultural de um modo geral prevê formas de se lidar com eventos que conotam ambiguidade ou anomalia. Neste caso, determinados eventos são classificados como detentores de perigo. A violação ao mandamento enunciado na Bíblia, no livro de Levítico 18:19 que declaram que o homem não deve manter relações com sua esposa durante o período menstrual, apresenta também a punição para a violação deste preceito, “E se, com efeito, qualquer homem se deitar com ela, e a sua imundícia estiver sobre ele, imundo será por sete dias; também toda a cama, sobre que se deitar, será imunda”.

A mulher menstruada simboliza perigo e poder. No entanto, ao mesmo tempo em que seu corpo apresenta produtos que dão a ideia de um corpo desordenado, como por exemplo, o fato de verter sangue involuntariamente, há forma sancionada socialmente de lidar com esses produtos produzidos pelo corpo através de práticas de separação e limpeza ritual como no caso da *Mikvé* (banho ritual), e que na crença judaica constitui um esforço de enquadramento a um padrão cultural simbolicamente estabelecido. Portanto quando se trata de pensar acerca dos rituais que envolvem o corpo menstruado no lar judeu implica colocar em prática uma complexa lista de leis e costumes, bem como uma observância cuidadosa dos preceitos religiosos de modo que não haja qualquer tipo de violação de nenhuma regra.

O livro de Levítico evidencia a questão das práticas rituais e sacrifícios de purificação na experiência religiosa. As leis que regulam os procedimentos rituais constituem uma forma de expressão de um sistema simbólico em que as leis de pureza familiar possuem um papel de destaque.

No que diz respeito mais especificamente à noção de sacrifício, Douglas analisa a questão do sacrifício presente no Levítico que, segundo a autora, está assentada sobre conceitos fundamentais para a sociedade como vida e morte; puro e impuro; sagrado e profano. Dentro desta perspectiva, a forma como determinados elementos são classificados expressam padrões culturais que orientam as relações humanas.

A ideia de sagrado contém em si uma série de interdições que o tornam, ao mesmo tempo, puro e impuro, à medida que, a santidade é um atributo daquilo que é considerado divino e que, portanto, deve manter-se separado. A separação constitui, deste modo, um

indicativo da existência de elementos impuros e anômalos. Neste sentido a noção de sagrado, enquanto divino, imaculado e perfeito se afirma em oposição à existência de elementos impuros e profanos.

Os animais oferecidos em sacrifício não devem ter defeitos, as mulheres devem ser purificadas depois do parto, os leprosos devem ser separados e ritualmente limpos antes de que se lhes permitam se aproximar deles, uma vez curados. Todas as exceções do corpo são contagiosas e desqualificam para uma aproximação do templo. Os sacerdotes só podem entrar em contato com a morte quando um parente próximo morre. Mas o sumo-sacerdote nunca deve ter contato com a morte... Em outras palavras, ele deve ser perfeito enquanto homem se vai ser um sacerdote. (DOUGLAS, 1966, P; 67-68)

Em certo sentido, ao longo de boa parte da sua vida adulta é, por natureza, incapaz de expressar o ideal de pureza e sacralidade. Já que ela vai ciclicamente ficar impura ou estará gerando uma vida, o que é também algo anômalo. O pensamento cristão contribuiu diretamente para a construção de uma imagem do corpo feminino como um lugar de pecado e impureza. O mito da Eva judaica responsabilizou a mulher, ainda no paraíso, por introduzir o pecado no mundo ao induzir Adão a experimentar o fruto proibido. A Eva, personificação da figura feminina no paraíso, é considerada culpada pelos males, infelicidades e morte que acompanhariam o homem em sua trajetória de vida na terra. A forte carga negativa atribuída a Eva dentro da tradição judaico-cristã constitui um elemento simbólico que nos permite perceber como a figura feminina está situada dentro de um discurso religioso que enquadra a mulher em uma esfera de pecado e transgressão.

O discurso religioso projetava sobre a figura feminina imagens que são internalizadas em nossa cultura ocidental e reproduzidas em crenças, valores e práticas que se dão em conformidade com um quadro de referências, que, no universo religioso está amparado no mito enquanto uma história sacralizada passada de uma geração a outra através de relatos fabulosos que dão conta do início da vida terrena. Na mitologia grega o mito da Pandora atribui de certa forma uma ideia negativa da mulher. Assim como o mito da Pandora, na Grécia Antiga, o mito da Eva cristã representou a mulher de uma forma negativa.

Os mistérios atribuídos aos processos corporais inerentes à fisiologia feminina associados aos ciclos da lua produziram crenças e práticas que tinham como objetivo controlar o corpo da mulher. O sangue menstrual pode ser representado tanto como símbolo biológico de um amadurecimento sexual, assinalando uma mudança não apenas física mais psíquica para a mulher, à medida que a partir da primeira menstruação esta passa a vivenciar uma nova condição, a de moça, como também este sangramento pode também está associado

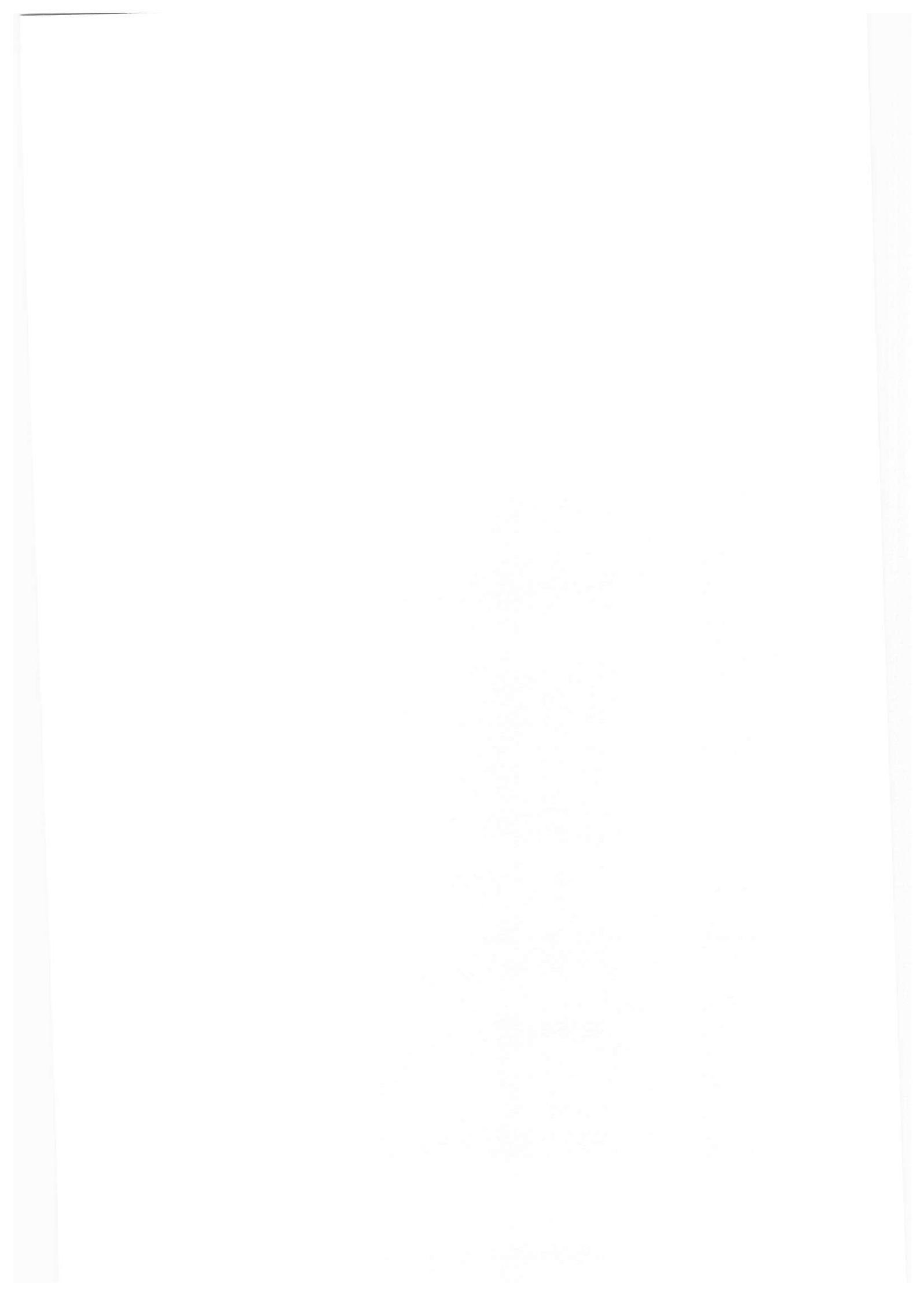
à perda e a dor, quando se trata representado pela perda da esperança da maternidade. No entanto, mesmo neste caso, ele traz consigo a capacidade de renovação, ao apontar que o corpo está preparado para ser fecundado novamente e para uma possível maternidade.

Quando se trata de falar sobre a primeira menstruação nossas entrevistadas demonstraram reação que mesmo guardando semelhanças em muitos pontos como a vergonha, o medo e até mesmo, a surpresa diante de um evento que mesmo sendo protagonizado pelo seu corpo era, para a maioria de nossas entrevistadas, desconhecido. Em seu artigo, *Viagem pelo imaginário do interior feminino*, a historiadora Marry Del Priore (1999), enfatiza a questão do corpo feminino, através de uma pequena análise historiográfica do baixo-ventre, em que a autora irá chamar este espaço de modo poético enquanto sendo o sul do corpo. Segundo Del Priore:

É o sexo feminino dotado de uma entranha por extremo ativa, a qual, com singular energia, reage sobre todo o corpo, e principalmente sobre o peito e as entranhas abdominais... Falamos do útero, o qual, desde a época da puberdade até que a menstruação cesse, se pode ter pelo árbitro de tudo quanto em geral se passa pela sua organização. (Mary Del Priore, 1999, p. 3)

O modo como o corpo feminino é percebido e tratado durante a menstruação nos faz entender que estamos diante de um fenômeno tabu. Quando se trata de discutir o corpo feminino e suas peculiaridades nos deparamos com justificativas culturais que submetem a mulher a uma posição de inferioridade com relação ao homem. São discursos e práticas que expressam uma ideologia de cunho moral, que se reproduzem em sistemas de crenças e valores que são construídos e assimilados historicamente e que, por sua vez, buscam controlar o corpo feminino e suas manifestações mais íntimas. Dentre as formas culturalmente estabelecidas de enxergar o corpo da mulher, existe um consenso de valores e atitudes com relação à menstruação que fazem desta experiência um tabu. São sentimentos, vivências, experiências que se constroem em torno deste tema, onde a menstruação é vista como um processo perigoso, sendo, deste modo, cercada de interdições.

O conceito de tabu é considerado um tema chave para a Antropologia por se tratar de assuntos em que, a tentativa de explicar determinados eventos gera comportamentos e atitudes de proibição, aversão e opiniões contraditórias acerca de certos temas. Em sua obra, *As estruturas elementares do parentesco* (1982), Lévi-Strauss vai discutir como a questão do incesto constitui um tabu universal, pois carrega em si, processos inconscientes de estruturação das relações sociais. Para Lévi-Strauss, a regularidade que existe em diversas sociedades com relação à proibição da união entre parentes da mesma organização parental (família) configura um tabu pelo fato de que, são relações que expressam uma forma de



ordenamento inconsciente. O incesto constituiria um tabu pelo fato deste fenômeno desestabilizar uma ordem que é estabelecida de forma inconsciente através da aliança matrimonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de discutir a suposta naturalidade do corpo feminino, buscamos refletir sobre a menstruação, como um evento que se explica muito mais a partir de um ponto de vista sociocultural, do que, propriamente, por uma dinâmica biológica. A partir da análise das falas de um conjunto de mulheres acerca de sua experiência menstrual, discutimos acerca do modo como subjetivamos determinadas experiências corpóreas, e que nos permitem perceber estruturas de pensamentos e padrões culturais, que se expressam de forma inconsciente nas relações sociais. Mergulhamos então, em um universo de sensações e emoções que envolvem a menstruação, e que se expressam em reações como vergonha, medo, pudor, entre outros sentimentos que fazem deste evento, um momento marcante simbolicamente.

Solicitadas por mim a falarem acerca de sua experiência menstrual, pudemos perceber o quanto este assunto lhes causava desconforto e até certo constrangimento. Nossas conversas eram mediadas por pausas, gestos, risos, murmúrios e silêncios, que foram aqui interpretados, como práticas culturais que estão inseridas em uma lógica específica de pensar o corpo da mulher como o lugar do silêncio, do segredo e do pudor.

Apesar de vivenciarmos nos dias atuais um período de grande visibilidade do corpo, que aparece exposto em revistas, redes sociais, outdoor e outras mídias em geral, as falas aqui retratadas indicam que, embora vivendo em uma sociedade narcisista, na qual o corpo é constantemente exibido em diversas formatações, essa forma de ostentação do corpo convive com mentalidades que conservam práticas como esconder e silenciar o corpo feminino, principalmente em seus aspectos mais íntimos, o que indicaria o quanto estamos diante de um fenômeno que é marcado pela ambiguidade e pelo retenção de formas pouco conscientes.

Ao focalizarmos práticas corriqueiras de cuidado com o corpo durante a menstruação, como, por exemplo, os cuidados com a limpeza e a alimentação durante este período, entre outros aspectos que foram observados ao longo desta pesquisa, procuramos lançar luz a respeito de como nosso comportamento frente ao nosso corpo, seja em público ou em âmbito privado, é um construto sociocultural. Escutar mulheres com faixas etárias diferenciadas nos possibilitou discutir interrupções e invariâncias, isto é, o que mudou e o que permaneceu na forma como lidamos com a menstruação em um plano social. Mesmo contando com um número reduzido de entrevistas, podemos perceber que uma mulher de 66 anos, supostamente possui um conjunto de referenciais culturais distintos de uma jovem de 26 anos de idade, mesmo que pertençam ao mesmo grupo social. No entanto, mesmo que vivenciada em

contextos sociais diferentes, o modo como todas as nossas entrevistadas subjetivam o sangramento menstrual, guardam semelhanças, tais como, os atributos simbólicos conferidos ao sangue feminino, como algo, sujo, nojento e poderoso, persiste em diferentes gerações.

A vergonha com relação ao sangue menstrual, por exemplo, foi relatada por mulheres pertencentes a diferentes grupos etários, bem como, a tendência a referir-se ao período de sangramento como algo que causa vergonha e que só se conversa entre mulheres. Recentemente me inseri em uma página em uma rede social, que tratava especificamente sobre menstruação²⁷, Trata-se de um espaço virtual no qual mulheres de diferentes idades e regiões do país expõem dúvidas e compartilham suas experiências acerca do processo menstrual com o intuito de observar como um tema, que para a maioria das nossas entrevistadas configurou um assunto da intimidade, ao qual não se fala com qualquer pessoa, mas com aquelas com quem se tinha uma relação de confiança e intimidade, contrastando com o tema abordado em um espaço aberto. Pudemos notar que as conversas que se estabelecem sobre a menstruação na página virtual em questão, se limitam a expor e tirar dúvidas sobre os efeitos físicos da menstruação, tais como cólicas, TPM, absorventes, irregularidade no ciclo menstrual, entre outros.

Foi possível observar através deste estudo que, mesmo entre mulheres de diferentes gerações, a menstruação continua suscitando sensações emocionais como vergonha e repulsa que promoveram cuidados especiais com o corpo durante o período catamenial. Nos relatos aqui colhidos pudemos perceber que a mancha de sangue à mostra, seja na roupa, no lençol de cama, no sofá, criava na mulher certo receio de ser vista como uma mulher suja e desavergonhada, num sentido físico e moral, tornando a impureza do sangue menstrual extensiva à mulher. Dentro desta perspectiva, conforme foi possível perceber, as diferenças de idade, escolaridade, educação familiar entre outras, foram obscurecidas pelo tabu menstrual no sentido de que, mesmo com histórias de vida diferentes umas das outras, todas as mulheres com que conversamos mantêm uma visão negativa acerca do sangue menstrual.

Esta dissertação buscou enaltecer aspectos referentes à menstruação, tais como saberes, crenças, restrições e comportamentos específicos como elementos sociais que estão constantemente significando o período menstrual. Assim, o modo como damos sentido a determinados processos corporais (menstruação, gestação, parto, menopausa) são leituras socialmente tecidas a respeito do corpo da mulher, que nos remetem a uma discussão

²⁷ <https://www.facebook.com/groups/193078577462979/>

complexa, na qual o corpo, ao mesmo tempo que se apresenta como um elemento natural, é também pensado enquanto um representante da cultura (RODRIGUES, 1980).

GLOSSÁRIO

Banho de Assento: uma forma de banho que privilegia a higiene íntima do corpo, geralmente é feito em uma bacia com água quente, de modo que a água possa cobrir o baixo ventre. Este tipo de banho geralmente é utilizado pela medicina popular ou alternativa como um remédio contra substâncias nocivas que atuam no corpo, atingindo principalmente suas partes mais íntimas. No entanto, para além de sua ação no sistema imunológico da mulher, o banho de assento constitui uma prática cultural que está incluída em uma lógica específica de pensar o corpo feminino. Neste sentido, o corpo da mulher, principalmente em seus aspectos mais íntimos requer um cuidado especial, que nos permite pensar que a mulher, durante a menstruação também vivencia um estado de especialidade, na qualidade, de específico.

Boi ou De Bode: são expressões linguísticas utilizadas para se referir a menstruação e que nos remetem a ideia de um corpo animalizado, aproximando o corpo menstruado a uma ideia de natureza animal. Além de todos indicarem o gênero masculino.

Carregado: é o alimento que, segundo a crença popular, pode “fazer mal”, alimento reimoso, que pode acentuar inflamações, atrapalhar processos de cicatrização, pode provocar vômitos ou diarreia. Aqui se trata de alimentos proibidos durante a menstruação por oferecerem perigo à mulher que o ingerir, podendo levar a loucura e até a morte aquela que transgredir. A bíblia contém uma série de restrições alimentares que podem ser verificadas no livro de levítico.

Chico: constitui uma categoria linguística para se referir a menstruação, estar de chico neste caso, significa estar menstruada.

Coco: a expressão “deixar parecendo um coco”, se refere à limpeza dos panos utilizados durante o período de sangramento. O branco neste caso nos remete não só a ideia de branco, no sentido de aseado, mas, de limpo, no sentido de puro, sem manchas e sem máculas.

Doente dos Tempos: Expressão utilizada para se referir a menstruação que aponta para uma noção de um corpo submetido há um tempo biológico que nesta expressão é associado a ideia de doença. A relação entre menstruação e doença está presente nesta expressão, em que o corpo menstruado é percebido como um corpo que apresenta um estado de debilidade física.

Marmeleiro: árvore cujos frutos são chamados de marmelos era utilizada aqui como um esconderijo para os paninhos utilizados durante a menstruação secarem sem que ninguém os visse, estratégias de esconderijo das marcas deixadas pela menstruação que constituem práticas culturais.

Mulher suja ou desavergonhada: esta noção está diretamente vinculada à negligência feminina com a discricção e higiene dos panos manchados de sangue que devem lavados longe da visão de outros de modo que retire do pano toda ou nódoa deixada pelo sangue menstrual.

Paninhos: pedaços de tecido geralmente brancos que eram utilizados pelas mulheres como aparador do sangue menstrual.

Paredinha: uma espécie de muro feito com os arbustos das árvores para esconder os paninhos utilizados durante a menstruação enquanto secavam, até que estivessem prontos para serem utilizados novamente. Esconderijo, camuflagem.

Quebrado o pote: Expressão utilizada para se referir à primeira menstruação que remete a ideia de um corpo que partido, fragmentado.

Regras: se refere ao período menstrual, que nos dá a ideia de um momento em que do corpo deve ser devidamente controlado, através de normas e prescrições restritas a este período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, P, FORTINO, D. (1985) Ciclos menstruais. Rio de Janeiro: Imago.
- ANGELI, D. (2004, maio/agosto). Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. *Revista Estudos Feministas*, 12 (2), 243-245.
- AZEVEDO, T (2004) O cotidiano e seus ritos. Praia, Namoro e ciclos da vida. Recife: Massangana ; Fundação Joaquim Nabuco.
- BANDINTER, E. (1995) Prefácio. In BANDINTER, E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. RJ, Nova Fronteira.
- BEAUVOIR, S. (1949) *Lédeuxièmesexe*. Paris, Ed. Gallimard.
- BÍBLIA SAGRADA (1993). Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2 .ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.
- BOURDIEU, P. (2004) O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____ (1999) A Dominação Masculina, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- _____ (1983) Esboço de uma teoria da prática. Trad. Renato Ortiz (org.). São Paulo, Ática.
- BUTLER, J. (2007) El género em Disputa. El feminismo y La subversión de da identidad. Traducción de Maria Antonia Muñoz. Barcelona: Paidós.
- _____ (2003) Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CARVALHO, M. G. (1997) Identidades sexuais e de gênero na globalização: uma questão de negociação? – *Revista REDES*. Vol. 1 – num. 1 – Abril – Junho.
- CASCUDO, L.C. (1972) *Dicionario do Folclore Brasileiro*. 3 ed., Brasília, Instituto Nacional do Livro.
- _____ . (1978) Meleagro: pesquisa do Catimbó e notas da magia branca no Brasil. 2 Edição. Rio de Janeiro: Agi.
- _____ . (1985) Superstição no Brasil – Itatiaia, São Paulo,

- CHARTIER, R.A. (1994) *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.
- CHAHON, V. L. (1982) *A Mulher Impura: menstruação e judaísmo*. Rio de Janeiro. Achiamé.
- COUTINHO, E. (1996) *Menstruação: a sangria inútil*. São Paulo, Gente.
- DA MATTA, R. (1977). *Panema: uma tentativa de análise estrutural*, In: *Ensaio de Antropologia Estrutural: o carnaval como um rito de passagem*, Petrópolis, Editora Vozes.
- DOUGLAS, M. (1966). *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*.
_____ (2006). *El Levítico como Literatura*. Editorial Gedisa. Barcelona.
- DURKHEIM, E. (2002). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Ed. Martin Claret.
- ENGEL, M. (1997). *Historia e sexualidade*, In: *Ciro Flamarion e Ronaldo Vainfas (orgs). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, (297 – 311).
- FOUCAULT, M. (1998). *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. 10. ed. Tradução: Maria T. e J. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- _____ (1987). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 5. ed. Petrópolis: Vozes.
- GENNEP, A. (1977) *Os ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. Apresentação :Roberto da Matta. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- HALL, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- _____ (2003) *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG. p.38, 2003In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes.
- HALBWACHS, M. (2006). *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.
- HIRATA, H. (2009). *Dicionário Crítico do feminismo*. Editora UNESP. São Paulo.

HEILBORN, M. L (1999). Construção de si, gênero e sexualidade. In: Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAQUEUR, T. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LATOUR, B. (1994) Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34.

LEAL, O, F. (1992) Benzedeiras e ruchas: sexo, gênero e sistema de cura tradicional. In.: Cadernos de antropología. UFRGS/PPGAS

_____ (1993) Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas. [Apresentado no XIII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, Cidade do México].

LEACH, E. (1970) As idéias de Levi-Strauss. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix.

LÉVI-STRAUSS, C. (1982) As estruturas Elementares do Parentesco. Petrópolis. Vozes.

LOURO, G. L. (1997). Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós – estruturalista (2 edição). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

_____ (2003). Corpos que escapam. Estudos Feministas. Brasília.

MARTIN, E. (2006) A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond.

MATTA, R. A (1973). Ensaio de antropología estrutural. Petrópolis, Vozes.

MAUSS, M. (1974). Sociologia e antropología, com uma introdução a obra de Marcel Mauss, de Claude Levi-Struss; tradução de Lamberto Puccinelli, vol. I. São Paulo, EPU.

_____ (1974). Sociologia e antropología, com uma introdução a obra de Marcel Mauss, de Claude Levi-Struss; tradução de Lamberto Puccinelli, vol. II. São Paulo, EPU.

_____ (1979) Marceu Mauss: antropología / organizador (da coletânea) Roberto Cardoso de Oliveira; tradução: Regina Lúcia Morais, Denise Maldí Meirelles e Ivonne Toscano. São Paulo, Ática.

PRIORE, M (1997), História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto.

_____ (2011) Histórias Íntimas. Sexualidade e Erotismo na História do Brasil. São Paulo: Editora Planeta.

_____ (1989) Ao sul do corpo, condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colonial. Rio de Janeiro: José Olympio.

RAGO, M. (1994). A sexualidade feminina entre o desejo e a norma: moral sexual e cultura literária feminina no Brasil, 1900 – 1932. História – Anpuh. N. 28, Vol. 14.

_____ (1985) Do cabaré ao lar. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

RODRIGUES, J. C. (1979). Tabu do corpo. Rio de Janeiro. Achiamé.

ROSALDO, M. Z. (1979) A mulher, a cultura e a sociedade; LAMPHERE, Louise (Coord). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

p.33-64. Coleção O mundo, hoje, v.31

SAMARA, E. M., Mistérios da “Fragilidade Humana”: o Adultério Feminino no Brasil, Séculos XVIII e XIX. In: Revista Brás, de História. São Paulo. Vol. 15, n. 29, Pag. (57 – 71), 1995

SAHLINS, M. (2003) Cultura e razão prática. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SCOTT, J. (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez.

SILVA, V. G. (2006) O antropólogo e sua magia. São Paulo: Edusp.